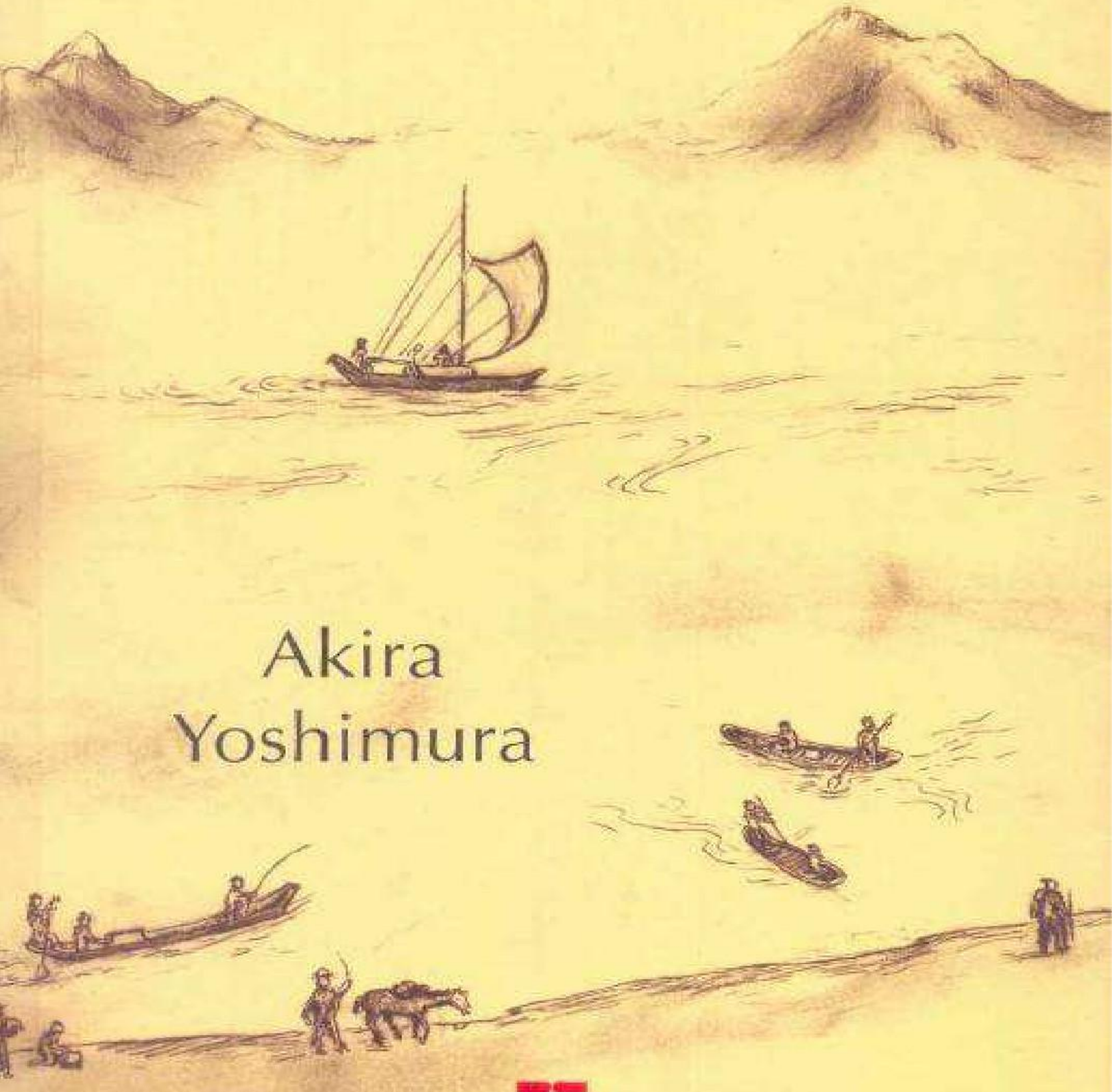
NAUFRÁGIOS



Akira
Yoshimura

EDITORA BEST SELLER

AKIRA YOSHIMURA

NAUFRÁGIOS

Tradução de
Sylvio Monteiro Deutsch

2003

Título original: *Shipwrecks*
Copyright © 1982 by Akira Yoshimura
Licença editorial para a Editora Nova Cultural Ltda.
Todos os direitos reservados.

Coordenação editorial
Janice Flórido

Editores
Eliel S. Cunha
Fernanda Cardoso

Editoras de arte
Ana Suely S. Dobón
Mônica Maldonado

Capa
Levi Ciobotariu

Revisão
Dirce Y. Yamamoto

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil
adquiridos por Editora Nova Cultural Ltda.,
que se reserva a propriedade desta tradução.

EDITORA BEST SELLER
uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Paes Leme, 524 - 10° andar
CEP 05424-010 - São Paulo - SP
www.editorabestseller.com.br

ÍNDICE

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8

Capítulo 1

Velhos chapéus de junco em forma de cone se moviam na zona de arrebentação. Borrifos de água erguiam-se das ondas, desde a extremidade dos rochedos que contornavam a praia até a orla de areia, onde as ondas quebravam com força para depois retornar.

A superfície da água estava coberta de espuma branca, devido à chuva incessante. Uma mistura de gotas de chuva e borrifos das ondas escorria pelos buracos no chapéu de Isaku. Havia apenas uma estreita faixa de areia naquela parte da costa rochosa, e ali, também, pessoas com chapéus de junco encontravam-se ocupadas recolhendo pedaços de madeira trazidos pelo mar.

Isaku esperou que a onda recuasse, então entrou na água e pegou um pedaço de madeira preso entre duas pedras. A julgar pelo formato em arco e pelos orifícios de pregos, deveria ser de um barco naufragado. A tábua estava firmemente presa às pedras, e seria difícil um menino de nove anos conseguir soltá-la com facilidade, mas quando Isaku apoiou o pé firmemente em uma das pedras e puxou, a madeira começou a se soltar.

Isaku correu de volta para a praia quando viu outra onda se aproximando, lançando gotículas de água no ar. Ouviu-a arrebentando às suas costas, e a água do mar jorrou ruidosamente sobre seu chapéu. Quando a onda começou a recuar novamente em direção do mar, ele entrou na água espumante e agarrou o pedaço de madeira outra vez.

Depois de várias tentativas, ele conseguiu mover um pouco a grande peça de madeira mais para perto, e por fim uma onda a carregou até a praia. Isaku agarrou-se nela para impedir que fosse levada pela onda seguinte. Enfiando os dedos nas depressões da madeira, ele puxou-a na direção da trilha que levava à aldeia.

Debaixo da chuva, outras pessoas caminhavam pela trilha carregando pedaços de madeira nas costas. A peça que Isaku puxava era consideravelmente maior que as dos outros, e era dura, de boa qualidade. Parecia-lhe um desperdício usá-la para queimar um corpo quando podia ser usada para fazer fogo em casa.

Quando Isaku chegou à trilha, uma mulher com chapéu de junco saiu da casa da família enlutada e o ajudou a carregar o pedaço de madeira. Juntos, puxaram-na para dentro da casa e a deixaram perto de uma pilha desarrumada de madeira no piso de terra, na parte mais baixa da sala.

Isaku desamarrou o chapéu e sentou-se na pilha de lenha, olhando ao redor. O falecido era um homem idoso, com mais de cinqüenta anos, chamado Kinzo. Seu corpo estava nu, exceto por uma tira de pano que cobria o baixo-ventre. Quando Kinzo ficara doente demais para andar, ele perdera o apetite, e nos últimos dias a família não lhe oferecia nada além de água. Ninguém dava comida a uma pessoa que se tinha certeza que ia morrer.

Os defuntos que eram enterrados sentados eram colocados nessa posição, com as costas amarradas a uma tala funerária, as pernas dobradas nos joelhos e também amarradas com corda rústica de palha antes de o *rigor mortis* se instalar.

Os ossos de Kinzo estavam visíveis sob a pele; seu abdome estava esticado, rijo. A cabeça pendia ligeiramente para baixo e para a frente, revelando o ramo de cânhamo amarrado a uma cruz colocada nos ralos cabelos grisalhos para afastar os espíritos maus.

A mãe de Isaku estava limpando o esquife no chão, ao lado do cadáver. Uma grande panela de cozido de legumes, fornecidos pelos habitantes da vila, borbulhava sobre o fogo, o odor bafejando para baixo até o chão de terra.

A chuva se intensificou, abafando o barulho das ondas. Isaku olhou para a mão da mulher que mexia o cozido com uma concha.

Na manhã seguinte a chuva parou e um dia claro, típico de outono, se abriu.

As pessoas saíram de suas casas e se reuniram na casa da família enlutada. Lá dentro, as mulheres idosas da vila entoavam sutras com vozes sussurrantes.

Isaku deixou a casa de Kinzo levando nas costas uma carga de madeira recolhida do mar. Ele juntou-se aos homens que também carregavam madeira nas costas pela trilha estreita que ia da vila até a montanha.

A face escarpada do morro, marcada por trechos de rocha aparente, erguia-se ameaçadoramente sobre a aldeia. As dezessete casinhas pareciam agarrar-se à faixa estreita da orla para não serem empurradas para o mar. Talvez em conseqüência da constante exposição à brisa salgada do oceano, as paredes de madeira das casas eram brancas, como que salpicadas por algum tipo de pó. Os telhados de sapé eram mantidos no lugar por pedras igualmente embranquecidas. Ao redor das casas, nas áreas onde o solo era menos inclinado, havia campos de plantação em terraços. Mesmo com adubo, o solo rochoso oferecia uma colheita escassa, apenas algumas variedades simples de milho miúdo.

Isaku seguiu os homens, saindo da trilha e entrando na floresta. O solo estava úmido por causa da chuva e havia aqui e ali uma poça de lama; às vezes era difícil manter-se em pé. Por fim, a vegetação foi se tornando menos densa e eles saíram para uma clareira onde havia uma fileira de lápides de pedra e de madeira. Os homens empilharam a lenha e os galhos secos ao lado do crematório, que consistia em um nicho de três paredes de pedra, a um canto da clareira.

Isaku sentou-se em uma pedra, perto dos homens. O suor lhe escorria da testa e pela nuca, mas a brisa do mar produzia um efeito refrescante. Ele olhou para sua pilha de lenha.

O longo e estreito cortejo fúnebre se afastava da casa de Kinzo pela trilha que acompanhava a orla. Na frente, uma bandeira branca desfraldava-se no alto de um bambu; logo atrás vinha o caixão, suspenso sobre uma vara grossa. Um grupo de crianças formava o final do cortejo.

— Eu não quero morrer como ele — sussurrou um dos homens.

Kinzo havia ficado em casa desde o verão. Certo dia ele escorregara e batera as costas numa pedra quando pescava polvos com uma lança, nos recifes. Incapacitado para o trabalho, ele se tornara um fardo para a família. Em uma aldeia que lutava contra a fome, um inválido era considerado morto.

As pessoas lamentariam durante algum tempo, mas como acreditavam em reencarnação, aceitariam rapidamente a perda. A vida era dada às pessoas pelos deuses e, com a morte, o espírito partia para um lugar distante nos mares mas depois de algum tempo

retornava à aldeia, para abrigar-se no útero de uma mulher e reencarnar numa criança. A morte era apenas um período de sono profundo antes do retorno do espírito; lamentações excessivas perturbavam o repouso da pessoa morta. As lápides dos túmulos ficavam de frente para o mar para guiar os espíritos na direção certa, quando chegasse o momento de regressar.

O cortejo começou a avançar com mais lentidão ao alcançar a trilha na encosta do morro. Enquanto observava a procissão, Isaku pensou no pai. Naquela primavera, seu pai tinha vendido a si mesmo como servo por três anos para um agente de transporte em um porto do sul que acolhia embarcações que faziam o roteiro leste-oeste. Seu pai partira com disposição, e sem dúvida agora estava trabalhando nos barcos. Aparentemente, ele tomara a decisão de tornar-se servo no fim do ano anterior, quando mais uma menina nascera. Isaku era o mais velho, a seguir vinham Isokichi e a menina Kane.

Isaku ouvira dizer que havia lugares onde se matavam os recém-nascidos, mas na sua aldeia não faziam isso. Uma gestação significava que o espírito de alguém que morrera havia retornado à aldeia, e o infanticídio era algo inadmissível, mesmo que a família estivesse a ponto de morrer de fome.

Em várias ocasiões, Isaku havia visto o corpo do pai mover-se de forma ritmada em cima da mãe, à noite, na semi-escuridão da casa deles, as pernas dela abertas e dobradas nos joelhos, os quais de súbito se esticavam para o alto. Ele sabia que estavam convidando os espíritos dos ancestrais para retornarem, mas sabia também que a chegada de outra criança tornaria a família ainda mais pobre.

Ao sul da aldeia ficavam os penhascos de um cabo que se projetava abruptamente mar adentro. O único caminho para o mundo exterior era a trilha que atravessava a montanha rumo ao norte. A trilha era íngreme e rochosa, beirava duas ravinas profundas e depois subia por uma encosta íngreme, cortando um bosque de árvores e vinhas. A aldeia devia o seu isolamento ao solo árido. Os habitantes percorriam essa trilha para chegar a outros vilarejos a fim de trocar frutos do mar por produtos agrícolas e outros alimentos. Mas isso não era suficiente para satisfazer a fome da população.

Uma maneira simples de evitar que a família morresse de fome era a servidão por contrato. No primeiro povoado do outro lado da montanha, havia um mercador de sal que também trabalhava como intermediário. Ele pagava uma boa quantia por um contrato. A família usava o dinheiro para comprar grãos, que levavam para casa.

Muitas das filhas eram vendidas, mas às vezes o pai da família vendia a si mesmo. Uma garota de catorze anos chamada Tatsu deixara a vila na mesma ocasião que o pai de Isaku, com um contrato de dez anos de servidão em troca de sessenta *momme* de prata, porém seu pai recebera o mesmo valor por um contrato de três anos, o que era sem dúvida um negócio muito bom. Seu pai era conhecido na aldeia por ser um homem muito forte, além de um timoneiro experiente.

— Vou voltar daqui a três anos. Não deixe as crianças morrer de fome enquanto eu estiver fora.

O pai de Isaku havia olhado demoradamente para ele e para a mãe, parados diante da porta do escritório do intermediário.

Sua mãe comprara uma quantidade de grãos com parte do dinheiro, e os dois retornaram para a aldeia pela trilha montanhosa, carregando a carga nas costas. Isaku ficara impressionado com o feito do pai, de ter conseguido tanto dinheiro, e desejava ter um corpo admirável como o dele.

Todos os homens que tinham parado para descansar no cemitério haviam vendido filhos e filhas para ser servos. No outono anterior, o homem franzino sentado do lado de Isaku vendera a esposa por um contrato de cinco anos. Aqueles que haviam carregado a madeira e os galhos até o cemitério e os quatro que levavam o caixão eram os únicos homens remanescentes nas casas da aldeia.

Assim que avistaram os primeiros componentes do cortejo adentrando a floresta, os homens se levantaram. Ajeitaram as brasas no crematório e removeram a terra e as cinzas que bloqueavam os orifícios para a passagem do ar nas paredes de pedra. Depois de desamarrar os feixes de galhos secos, colocaram a madeira em cruzes paralelas contra as paredes internas.

Um sino badalou melancolicamente, indicando que o cortejo estava se aproximando. A mãe de Isaku carregava o bambu com a

bandeira branca enrolada sob o braço, e o ergueu alto quando saíram para a clareira. Atrás do homem que tocava o sino vinham as mulheres idosas, entoando os surras, à frente do caixão. A mãe de Isaku fincou o bambu no solo e o caixão foi colocado ao lado do crematório. Os carregadores se sentaram no chão, abrindo as camisas e enxugando o suor da testa. Os homens que haviam preparado a pira desprenderam o caixão da vara usada para transportá-lo e o levaram até a pira. Seguindo as instruções dos homens, Isaku distribuiu pedaços de lenha nos espaços entre os galhos.

A fumaça ergueu-se assim que o galho de cânhamo em chamas foi lançado sobre a lenha, e logo os galhos estavam pegando fogo. Os que estavam sentados se levantaram e formaram um círculo junto às paredes. O sino tocou, e novamente os sutras foram recitados.

Quando a pilha de madeira entrelaçada pegou fogo, o caixão foi envolvido pelas chamas. A brisa do mar fazia as labaredas dançar, produzindo estalos e espalhando fagulhas.

Isaku e os homens haviam molhado algumas esteiras de palha no riacho, que agora jogavam no alto da pira, abafando as chamas para garantir que o corpo queimasse direito. Finalmente, o caixão se desmanchou e chamas multicoloridas começaram a se erguer do corpo exposto. Mais madeira foi colocada na pira, e mais esteiras molhadas em cima.

Depois que o corpo queimou até diminuir de tamanho, espigas de milho miúdo tostadas foram passadas de mão em mão. Isaku comeu enquanto olhava o fogo. As últimas pequenas chamas coloridas saltaram quando os homens cutucaram o corpo com varas, até que o fogo apagou por completo, e o corpo assumiu uma tonalidade viva de vermelho, de carvão em chamas.

O sol começou a se pôr.

A família de Kinzo iria passar a noite sob o teto de esteiras de palha improvisado sobre os galhos das árvores, no limite da clareira; na manhã seguinte, recolheriam os ossos. Os habitantes da vila juntaram as mãos em prece e então começaram a se afastar lentamente em direção à aldeia.

Isaku conduziu sua mãe corpulenta pela trilha da floresta, Ela havia batido nele repetidamente no passado. Era surpreendentemente forte, e às vezes seus bofetões o deixavam temporariamente surdo de um ouvido. Ela batia nele por vários motivos, mas na maioria das vezes por ser preguiçoso.

— Olhe os peixes! — admoestava ela — Eles nunca diminuem a velocidade.

Ela era uma figura assustadora, mas ao mesmo tempo Isaku sentia uma espécie de segurança, pois sabia que podia confiar plenamente naquela mãe que batia nele sem dó.

Seguiram pela floresta e depois desceram a trilha da montanha. A paisagem era iluminada pela luz fraca do fim de tarde, e o mar brilhava. Eles podiam avistar os corvos voando em círculos ao redor do pequeno cabo.

A mãe de Isaku conversava com as mulheres idosas, enquanto seguiam trilha abaixo. Isaku estava feliz; pela primeira vez, tinha ajudado os homens a levar lenha para o crematório, para um funeral. Estava começando a ser tratado como adulto; em pouco tempo estaria carregando o caixão, junto com os homens. Mas era pequeno para sua idade, e de constituição franzina. Seu pai iria retornar dali a dois anos e meio e, como os outros meninos e meninas adolescentes da aldeia, Isaku sem dúvida seria mandado para a servidão no lugar do pai, fingindo ser dois ou três anos mais velho do que era realmente. Se até lá ele não crescesse, o intermediário ou o recusaria ou o aceitaria em troca de um pagamento insignificante.

Como costumava fazer, Isaku andou pela trilha na ponta dos pés, tentando parecer mais alto. Então as mulheres diante dele pararam, assim como os habitantes da aldeia que vinham atrás. Todos, ao mesmo tempo, olharam para a esquerda. Isaku também olhou.

À distância, entre duas montanhas baixas com faces rochosas, ele podia avistar uma encosta coberta de vegetação.

— As montanhas começaram a ficar vermelhas — sussurrou a mulher idosa a seu lado.

As encostas cintilavam à luz do sol que descia no horizonte, mas o topo de uma delas, que se erguia acima das outras, parecia ter uma tonalidade clara de vermelho. Dois dias de chuva tinham

mantido o cume rodeado por nuvens, mas durante esse período as árvores deviam ter começado a adquirir uma coloração avermelhada.

O olhar de Isaku deteve-se no cume da montanha. A cada ano, as cores do outono apareciam primeiro naquele local, espalhando-se depois pelas outras encostas e então ganhando velocidade como uma avalanche, tingindo de vermelho a superfície das montanhas enquanto se espalhavam. Em breve atravessariam vales profundos, tomariam as colinas e logo coloririam as montanhas atrás da vila. Quando isso acontecesse, o marrom-amarelado das folhas a ponto de cair poderia ser visto se espalhando nas encostas mais distantes.

Na vila o clima do outono impregnava o ar. Quando a grama eulália começasse a produzir espigas, os homens iniciariam a pesca dos pequenos polvos de outono que se aproximavam da costa. Tratava-se de uma iguaria que podia ser consumida crua ou cozida. Algumas pessoas os salgavam e secavam, cortando-os ao meio e pendurando-os em fios presos a varas.

As folhas adquiririam a coloração outonal depois que esses pequenos polvos aparecessem, e os habitantes da vila seriam tomados pelo sentimento de antecipação ao ver as montanhas começando a ficar vermelhas.

O mar ficaria mais agitado quando as cores do outono desbotassem e as folhas começassem a cair. Se houvesse dois dias de calmaria, os dias seguintes seriam marcados por um mar revolto, com ondas imensas que lançariam borrifos de água sobre as casas. Mas às vezes o mar bravio trazia presentes inesperados, bem mais generosos que qualquer coisa vinda da praia ou dos campos pobres, a ponto de ninguém precisar ser vendido como servo durante anos. Tais presentes eram muito raros, mas as pessoas viviam com esperança constante. As cores de outono iniciavam o período em que a vila poderia ser abençoada por essa boa sorte.

A fila de pessoas voltou a avançar, os olhos ainda voltados para o topo das montanhas. Isaku olhou para o mar ao descer pela trilha. Na maré baixa, as pedras no fundo do promontório de extremidades agudas ficavam expostas e, adiante da vila, certa distância mar adentro, as pontas rochosas podiam ser vistas se projetando para fora da água espumante.

O mar perto da costa mascarava um trecho intrincado de recifes — habitação de polvos e mariscos, um paraíso para os peixes. Algas marinhas ondulavam de um lado para outro, presas às rochas. Os homens pescavam em barcos pequenos enquanto as mulheres e crianças recolhiam algas e mariscos por entre as pedras. O mar ao redor do recife não só era uma preciosa área de pesca que sustentava a vila mas também uma fonte de luxos como comida, dinheiro, roupas e utensílios domésticos. Mas tais maravilhas apareciam durante dois ou três anos sucessivos e depois não ocorriam novamente senão dali a dez anos. A última vez fora seis anos atrás, no início do inverno, quando Isaku estava com três anos de idade.

A memória dele desse período de sua infância era bastante difusa, mas lembrava-se claramente do incidente. Todos na casa ficaram alegres, algo bastante incomum. Seus pais e todas as outras pessoas da aldeia estavam sempre sorrindo, as faces coradas de excitação. Ele se recordava que a atmosfera estranha o assustara tanto que ele começara a chorar.

Fazia dois anos que Isaku compreendera o significado por trás da excitação que tomara conta dos habitantes da vila. Como de costume, quando as cores de outono chegavam, a vila inteira participava de uma cerimônia que impressionava Isaku. Ele perguntara a um garoto de sua idade chamado Sahei do que se tratava.

— Você não sabe? — disse Sahei, olhando para ele com desprezo.

Sentindo-se envergonhado, Isaku perguntou à mãe quando chegou em casa.

— *O-fune-sama* — foi a resposta. Isaku ficou perplexo.

— Olhe, aquela tigela ali *veio* de *O-fune-sama* — disse a mãe, obviamente irritada ao olhar para a prateleira.

Isaku olhou para a tigela com outros olhos. Era diferente das outras cuias e tigelas de aspecto rústico que não passavam de pedaços de madeira escavados. Aquela era muito fina e de espessura uniforme. Parecia ter sido esmaltada, pois a superfície vermelha da madeira brilhava e havia duas finas linhas douradas bem perto da borda. Aquela tigela era usada apenas para a comida

que era colocada diante das placas dos ancestrais no Ano-Novo e no Festival Bon; no resto do tempo ela permanecia na prateleira.

A mãe de Isaku não disse mais nada.

Ele não tinha idéia de que ligação poderia haver entre a tigela e o ritual da aldeia, e foi Sahei, que antes havia zombado de sua ignorância, quem lhe contou sobre *O-fune-sama* e o significado da tigela de madeira. Sahei disse que *O-fune-sama* se referia aos barcos que naufragavam nos recifes próximos à vila. Essas embarcações normalmente carregavam mantimentos, utensílios, peças de luxo e roupas, que podiam melhorar de forma substancial a vida dos moradores da aldeia. Além disso, pedaços da madeira dos barcos partidos pelas rochas e pelas ondas, que iam parar na praia, podiam ser usados para reparar as casas, ou mesmo para fazer móveis. O ritual da aldeia do final do outono era realizado na esperança de que algum barco colidisse com um recife.

— Então você também não sabe sobre a caverna na Praia do Corvo? — disse Sahei de forma condescendente ao voltar o olhar para o sul. Ali ficava o pequeno cabo que se lançava mar adentro, definido pela espuma branca das ondas que arrebentavam contra ele. Era comum ver corvos circulando no céu acima dos pequenos pinheiros que cresciam na parte mais alta do cabo.

— Ouvi falar da caverna. Você está falando do lugar onde eles jogam os corpos que vêm parar na praia — disse Isaku de modo agressivo.

— Não só os que aparecem na praia. É também onde eles jogam os corpos da tripulação de *O-fune-sama* — disse Sahei com uma contorção no rosto.

Isaku esforçou-se para compreender o sentido do que Sahei lhe dizia, embora já tivesse entendido o significado do ritual e da tigela esmaltada.

Ele ficou impressionado novamente com as memórias de quando tinha três anos de idade. E por fim compreendeu que seu pai, sua mãe e os outros da vila tinham ficado alegres daquele jeito porque *O-fune-sama* tinha vindo naquele ano. Ele se lembrava de que nos dois anos seguintes provara alimentos diferentes e saborosos, e vira objetos igualmente raros e incríveis.

Em ocasiões de festa, ou quando ocorria uma morte na aldeia, sua mãe pegava arroz de um pote de cerâmica e fazia uma espécie de sopa para ele. Quando ficava com febre, ela trazia com todo o cuidado uma vasilha e deixava-o lamber uma substância branca de seu dedo. Diziam que aquele pó incrivelmente doce, chamado açúcar branco, também era bom para curar qualquer doença.

A luz da vela que ele vira na noite do Festival Bon também ficara gravada em sua memória. Era uma peça cinza, com o formato de um bastão fino com quase dez centímetros de comprimento, e lembrava-se de sua emoção quando o pavio fora aceso. Era tão incrivelmente brilhante que ele ficara fascinado. Como podia um bastãozinho assim gerar tanta luz? Além disso, ao contrário das tochas de pinheiro e pavios empapados em óleo de peixe, não soltava fumaça escura, e o cheiro até que era agradável. Tinha um brilho muito bonito, às vezes tremulando um pouco, lançando minúsculas fagulhas de luz ao redor da sala.

Aquelas duas coisas eram sem dúvida parte das dádivas de *O-fune-sama,* mas tinham acabado muito depressa.

Ainda assim, alguns vestígios dessa boa sorte ainda se encontravam presente: a velha esteira em frente à porta da casa ao lado, o baú na casa central da vila com a insígnia de uma companhia de transporte marítimo. Além disso, em algumas casas havia os grandes baldes de madeira usados para apagar incêndios nos navios. Estava claro agora que, assim como a tigela laqueada na casa de Isaku, tudo isso vinha de *O-fune-sama.*

Capítulo 2

Percebendo que o outono estava se aproximando rapidamente, Isaku observou os tons avermelhados que se espalhavam nas encostas de um ângulo diferente do ano anterior. Embora estivesse feliz por terem permitido que trabalhasse com os adultos na cremação, ele tinha plena consciência de sua posição na aldeia composta na maioria de pessoas idosas, mulheres e crianças. Até aquele ano, como criança, Isaku tinha apenas assistido aos rituais da vila, mas de agora em diante, pensou ele, também teria de participar de modo ativo nos procedimentos.

Depois da cremação, os habitantes da vila desapareceram dentro de suas casas. Isaku seguiu sua mãe para dentro de casa, passando pela esteira de palha que cobria a entrada.

Sua irmã Teru, que tinha nascido no final do ano anterior, engatinhava pelo chão, chorando. Ela parecia ter estado chorando por um bom tempo; estava com a voz rouca. Engatinhou na direção deles ao reconhecer a mãe.

A mãe ignorou-a, foi até a moringa que ficava na parte da casa com chão de terra, pegou um pouco de água com uma concha rachada e engoliu-a ruidosamente antes de se dirigir ao banheiro do lado de fora, na parte de trás da casa. Depois de algum tempo ela retornou e subiu na parte do chão coberta pelas esteiras de palha, enquanto ajeitava a parte de trás do quimono. Ela sentou-se e acomodou Teru sobre os joelhos. Abriu o quimono e expôs um mamilo grande e escuro.

Teru moveu a cabeça de um lado para o outro tentando alcançar o mamilo. Isaku conseguia ouvir Teru mamando; ela parecia estar com o nariz entupido. De vez em quando virava a cabeça, afastando-se da mãe, e respirava com tanta força que soava como uma pessoa adulta.

Era hábito na vila não trabalhar tanto no dia da morte quanto no dia da cremação, para não perturbar o morto. Isaku sentia-se bem, feliz por não ter de ir pescar; ao mesmo tempo, temia a mãe,

sabendo como ela abominava o ócio. Lançava olhares furtivos na direção dela, sentado na beirada de sua cama.

Não havia sinal de seu irmão e de sua irmã; calculou que estivessem brincando entre as árvores nos fundos da casa. Um fio fino de fumaça vermelha erguia-se das achas de madeira em meio às cinzas no fogão.

— As montanhas ficaram vermelhas — disse Isaku de forma amistosa para a mãe.

Ela não respondeu. O sol da tarde penetrava por um orifício na parede de madeira, lançando um raio de luz na penumbra da sala e atingindo a parte de trás da perna levemente curvada de Teru.

— Pegue um pouco de lenha — disse a mãe.

Isaku se levantou imediatamente e saiu pela porta dos fundos. Tufos de grama eulália cresciam, aqui e ali na encosta rochosa. O sol estava baixo entre os recortes das montanhas e metade da aldeia já se encontrava no escuro. Ele pegou um pouco de lenha na pilha encostada contra a parede dos fundos da casa.

Na manhã seguinte Isaku foi pescar. A pesca seria interrompida no princípio do inverno, quando o mar ficasse agitado; portanto, antes disso era preciso estocar tantos frutos do mar quanto fosse possível. Felizmente, os polvos de outono estavam aparecendo em quantidade maior que o habitual.

No recife, homens e meninos ficavam nos pequenos barcos pegando os polvos entre as pedras com espetos. Isaku remou o barco do pai, guiando-o pela água. Parou e pegou seu espeto longo com um gancho na extremidade. Havia um pedaço de pano vermelho amarrado na ponta, e ele o colocou dentro da água, mexendo nas plantas que cresciam ali. Quando movia levemente a ponta do espeto, os polvos confundiam o pano vermelho com comida e saíam de seus esconderijos no meio das pedras ou das plantas. Isaku então usava sua habilidade para pegá-los com o gancho do espeto.

Havia tantos que às vezes Isaku pegava três ou quatro polvos assim que colocava o espeto na água.

Fazia dois anos que o pai de Isaku lhe ensinara corno pescar e como dirigir o barco. Ao contrário da mãe, o pai de Isaku nunca erguera a mão contra ele, mas seu humor taciturno causava terror no garoto. Quando Isaku estava aprendendo a pescar polvos, ele derrubara o espeto na água várias vezes, mas seu pai não dissera nada, apenas olhara carrancudo para ele ao saltar na água para recuperá-lo.

Isaku tinha perfeita consciência do *status* de masculinidade associado ao fato de tornar-se um pescador profissional. Por isso estava ansioso por aprender a arte, e apesar de sua inexperiência começara a sair para o mar com os homens desde que o pai deixara a aldeia para cumprir seu período de servidão.

Na praia, os idosos e as crianças pequenas recolhiam algas enquanto as mulheres entravam na água para pegar mexilhões nas pedras.

Às vezes Isaku arriscava um olhar para as montanhas enquanto procurava polvos. Dia após dia, o tom avermelhado parecia descer mais pelas encostas, tingindo a superfície das montanhas com os matizes do outono e já começando a alcançar as árvores das encostas próximas.

Os dias iam se tornando mais frios, e a água do mar também. Os polvos pareciam vir em hordas para a costa, e às vezes um único movimento do pano vermelho atraía dez das pequenas criaturas. Isaku puxava o espeto e depois esperava que a nuvem de tinta desaparecesse antes de voltar a colocar o espeto na água.

As folhas das árvores atrás da vila atingiram seu máximo esplendor de outono. Como acontecia todo ano naquela época, os polvos subitamente começaram a se afastar da costa. Por mais que Isaku sacudisse o espeto, apenas um ou outro polvo emergia, até que desapareceram por completo.

A temporada dos polvos terminou, mas o rendimento daquele ano tinha sido maior que o habitual. Havia polvos pendurados do lado de fora de cada casa, em cordas de palha trançada, cortados e colocados para secar ao sol do outono. Os polvos não só eram um alimento tradicional no Ano-Novo, como também um produto valioso para ser trocado. Eram vendidos através da aldeia vizinha para as

pessoas que viviam nas montanhas, o que permitia aos habitantes da aldeia comprar grãos.

O ritual de *O-fune-sama* era realizado no período em que a aldeia era envolvida pelas cores do outono. Com o marido no leme, um barco transportando uma mulher de vinte e oito anos, grávida, deixava a estreita faixa de areia. Olhando para o horizonte, ela erguia uma pequena grinalda sagrada de palha enquanto o barco subia e descia a caminho de águas mais profundas. Ele por fim parava depois de ser conduzido com habilidade para além dos recifes. Os moradores da aldeia reuniam-se na praia unindo suas palmas em preces quando a mulher jogava a grinalda na água. A mulher grávida representava o desejo deles por boa pesca, e o lançamento da grinalda sagrada na água simbolizava o desejo de que um barco que passasse atingisse o recife diante da aldeia.

Isaku, sua mãe com Teru amarrada às costas, o irmão e a irmã menores, todos olhavam o barco subir e descer nas ondas ao se aproximar novamente da praia. A maré estava alta, e as pedras encontravam-se quase completamente submersas, mas mesmo assim a água produzia espuma aqui e ali.

O barco alcançou a praia, e a mulher saltou para a areia. As pessoas reunidas na praia se separaram para deixá-la passar e então a seguiram encosta acima. Sendo normalmente uma pessoa alegre, conhecida por suas risadas contagiantes, ela parecia uma pessoa diferente ao caminhar com determinação encosta acima.

Ao chegar à trilha, ela avançou com passos lentos e firmes até a casa do chefe da aldeia. Isaku os seguiu lá para dentro, pisando no chão de terra da entrada, olhando entre os homens que estavam à sua frente. O velho chefe da aldeia encontrava-se sentado com as pernas cruzadas, empertigado, com uma mesinha em formato de caixa e uma cuia cheia de comida diante dele. A mulher se ajoelhou, colocando as mãos no chão ao se curvar profundamente. Era a primeira vez que Isaku assistia ao ritual, porque até então ele não tivera permissão para entrar naquela casa.

A mulher se levantou, ergueu a parte de baixo do quimono ao avançar até a pequena mesa e a derrubou com um chute direto. Então ajoelhou-se outra vez e curvou-se novamente diante do chefe

da aldeia. O ato de chutar a cuia expressava o desejo deles de que um navio se acidentasse, e com isso a cerimônia terminava.

Os habitantes locais começaram a retornar para suas casas. O trabalho era proibido no dia da cerimônia de *O-fune-sama,* por isso Isaku seguiu a mãe pela trilha estreita que levava à casa deles.

Diante deles caminhava um homem chamado Senkichi, com sua família. Ele tinha quebrado o fêmur quando criança, o que o deixara com uma perna consideravelmente menor do que a outra, mas era famoso por fazer as melhores canoas de um só tronco da aldeia. A filha mais velha dele tinha sido vendida como serva, e comentava-se que a segunda filha, de quinze anos, logo seria vendida também.

Os olhos de Isaku se detiveram na terceira filha, Tami, que caminhava atrás do pai. Ela tinha a pele escura como a mulher de Senkichi, mas possuía olhos penetrantes e nariz reto. Os movimentos dela eram suaves, como os de um felino. Sempre que olhava para Tami ele se sentia estranhamente estimulado.

No vilarejo, quando um rapaz completava quinze anos podia abordar a menina que queria que fosse sua esposa. Era costume o jovem entrar na casa da menina durante a noite, e se esta não o rejeitasse, a família fingia que não o via. Isaku ansiava por uma oportunidade de abraçar Tami. Ele receava que Tami, um ano mais nova que ele, se entregasse a algum outro antes que ele alcançasse a idade exigida. A idéia o assustava.

Ele também temia que Tami fosse vendida como serva, como as irmãs mais velhas. As mulheres eram geralmente vendidas como criadas, e algumas voltavam para casa depois que o período de servidão terminava. Algumas provavelmente abominavam a vida pobre na aldeia, e outras conheciam algum homem durante o período de contrato e casavam-se quando este terminava. E mesmo que uma ou outra retornasse, depois de cumprir um contrato que podia chegar a dez anos, já estaria velha demais para casar, a não ser que fosse com um homem viúvo. Havia homens casados com mulheres mais velhas, e Isaku sentia que tinha poucas chances de um dia viver sob o mesmo teto que Tami.

Chegaram a uma bifurcação do caminho e Tami e seus pais seguiram pela trilha paralela à costa. Isaku olhou para as pernas de Tami, que apareciam sob o quimono.

Um vento noroeste começou a soprar.

Isaku trabalhou arduamente cortando lenha na floresta e levando a madeira para os fundos da casa para ser cortada em cavacos. Nos dias em que o mar estava calmo ele saía no barco e lançava uma linha na água.

A cor vermelha nas encostas mais distantes havia desaparecido, e as folhas das árvores na encosta atrás da aldeia perdiam a cor rapidamente. A temperatura caía dia a dia. Em dias de vento, enormes nuvens de folhas secas giravam no ar por entre as pedras e caíam na trilha da aldeia ou nos telhados das casas. Muitas eram levadas para o mar.

O mar tornou-se agitado, e respingos das ondas caíam sobre as casas mais próximas da praia. A aldeia estava envolta pelo som das ondas que arrebentavam com força na praia e nas pedras.

Quando o sol se punha, começava a atividade de fazer sal na estreita faixa de areia da praia. As mulheres carregavam trinta caixas rasas do depósito da casa do chefe da aldeia, alinhavam-nas na praia, enchiam-nas com areia e depois jogavam água do mar por cima. Quando a areia secava ao sol, era novamente lavada com água do mar. A água altamente salgada era drenada para barris e transferida para dois grandes caldeirões colocados perto do mar.

Cada casa fornecia quantidades iguais de lenha, e os homens se revezavam cuidando das fogueiras até o nascer do dia, quando o sal estaria pronto. Ao mesmo tempo esse procedimento fornecia outro produto essencial para a aldeia; o fogo sob os caldeirões também servia para atrair *O-fune-sama.*

Capítulo 3

Isaku acomodou a carga de galhos secos nos ombros e começou a descer a trilha. O mar estava ficando mais agitado sob o céu brilhante e avermelhado. As ondas já vinham com espuma desde lá de longe, e arrebentavam com força contra a praia e o cabo. A entrada do inverno era geralmente marcada por quatro dias de mar bravio seguidos por dois de calmaria; nos últimos três dias a agitação do mar havia impedido a pescaria. Havia pedras expostas ao longo de toda a trilha, e Isaku lutava para não tropeçar e cair sob o peso da carga.

Os telhados das casas apareceram à vista. A mãe de Isaku encontrava-se junto à porta dos fundos, acenando para ele se apressar. Ela parecia ter algo urgente a dizer. Apoiando-se em uma vara que usava para manter o equilíbrio, ele aproximou-se da casa.

— Chegou uma mensagem dizendo que o chefe da aldeia quer ver você. Vá para lá imediatamente — disse a mãe, afobada.

Apesar de Isaku já ter visto o chefe da aldeia, nunca tinha falado com ele e por isso não podia imaginar por que estava sendo chamado.

— Vá logo! — disse a mãe, tirando a carga dos ombros dele, algo que jamais havia feito antes, e dando-lhe um forte tapa na parte de trás da cabeça para apressá-lo. Isaku cambaleou adiante pela trilha. A tonalidade vermelha no céu estava desaparecendo, e o mar começava a ficar escuro. A costa encontrava-se toda molhada por causa do borrifo das ondas.

Ele correu pela trilha e subiu os degraus de pedra. Um velho que trabalhava para a família do chefe da aldeia recolhia grãos que tinham sido espalhados em uma esteira de palha.

Isaku entrou na casa e se abaixou, curvando-se em reverência. O chefe da aldeia encontrava-se sentado diante do fogo. Isaku disse quem era com a voz hesitante, os joelhos tremendo com a certeza de que seria admoestado por alguma ofensa que cometera sem saber.

— A começar por hoje, você vai trabalhar nos caldeirões de sal. Vai ser sua primeira noite, por isso você irá com Kichizo e pedirá que ele lhe ensine tudo. Depois, será por sua conta. Não deixe o fogo apagar.

O chefe da aldeia tinha uma voz fina e aguda como a de uma criança. Isaku fez outra reverência, tocando o chão com a testa.

— Pode ir.

Ainda ajoelhado, Isaku recuou de costas pela entrada, levantou-se e partiu.

Seu rosto ficou avermelhado com a excitação, enquanto a tensão se esvaía. A ordem de trabalhar toda a noite no caldeirão de sal significava que ele era reconhecido como um adulto. Sabia que isso iria acontecer desde que permitiram que ajudasse na cremação, mas ter a confirmação o enchia de uma alegria irreprimível. Ele correu pela trilha da costa até sua casa. A essa altura o céu já tinha ficado escuro.

Isaku deixou a casa carregando uma tocha acesa. Quando a mãe ficou sabendo que recebera a ordem de cuidar das fogueiras sob os caldeirões, ela ficou animada, o que era muito incomum, e preparou feijão para ele comer durante a noite. A chama da tocha ondulava ao vento. Ele deixou a trilha e seguiu para a praia. Podia ver o brilho do fogo adiante na praia e sentiu que havia alguém ali.

Isaku se apressou. O olho são do homem encontrava-se fixo em Isaku. O outro era branco e opaco, tendo perdido o brilho havia muito. Isaku considerou-se felizardo por ter Kichizo, que era um bom amigo de seu pai, para iniciá-lo.

Pedras de bom tamanho haviam sido arranjadas em dois pontos da área arenosa da praia para servir como base para os dois grandes caldeirões. Sob um deles, a lenha já queimava.

— Acenda o outro também — disse Kichizo, olhando para a segunda panela imensa a cerca de dez metros de distância.

Isaku respondeu de forma exagerada, pegando uma braçada de galhos secos de sob uma esteira de palha, girando para colocá-los nas costas, e foi até o segundo caldeirão. Colocou os galhos na área protegida pelas pedras e os acendeu o fogo com um graveto

em brasa tirado da primeira fogueira. Os galhos estalaram ao pegar fogo. Isaku jogou mais lenha no fogo.

As chamas erguiam-se sob os dois caldeirões, tremeluzindo ao vento do mar e lançando fagulhas na areia. Isaku olhou para as chamas enquanto estava ali sentado perto de Kichizo em um tronco colocado dentro de uma cabana de madeira.

Vários anos antes, Kichizo tivera uma doença no olho que o deixara incapacitado para pescar, forçando-o a vender a esposa em servidão por três anos. Ela retornara à vila depois de terminar o contrato no porto no extremo sul da ilha, mas só voltara seis meses depois de seu contrato *ter* acabado, e Kichizo desconfiara que ela tivesse ficado com outro homem, durante esse tempo.

Se era verdade ou não, ninguém sabia, mas havia rumores entre os habitantes da aldeia de que ela tinha tido um bebê e por isso prolongara o contrato.

Kichizo havia batido nela com violência, e em um acesso de fúria chegara ao extremo de cortar os cabelos dela. Em ocasiões como essa, quando a mulher fora correndo para a casa de Isaku, o pai e mãe dele intervieram. Kichizo parara de bater na mulher apenas quando o chefe da aldeia interferira e o admoestara severamente. Depois disso ele se tornara um homem taciturno, de poucas palavras. Costumava ir sempre à noite visitar a casa de Isaku, às vezes levando vinho feito de milho. Ele se sentava lá em silêncio, assentindo enquanto ouvia as histórias de pescador do pai de Isaku.

— Você sabe por que fazemos o sal na praia, não sabe? — disse Kichizo, o olho são fixo em Isaku.

O suprimento anual de sal seria produzido e então distribuído de acordo com o número de pessoas de cada família. Mas Isaku percebeu que havia algum outro motivo para a pergunta de Kichizo.

— É para chamar *O-fune-sama,* não é? — disse ele, olhando diretamente para Kichizo. Kichizo não disse nada, desviando o olho para os caldeirões. Por sua expressão, Isaku sentiu que sua resposta não fora satisfatória.

Isaku imaginara que a ordem do chefe da aldeia significava que ele tivesse de aprender tudo sobre cuidar dos caldeirões de sal. Ainda não compreendia muita coisa sobre os rituais da vila, mas agora que era um adulto não podia mais se permitir continuar sendo

ignorante. Depois daquela noite ele teria de cuidar sozinho do fogo sob os caldeirões, portanto precisava fazer com que Kichizo lhe contasse tudo.

— Serve como oferenda para que *O-fune-sama* venha para a costa?

— Não é só uma oferenda. Serve para atrair barcos que passem ao longo da costa — disse Kichizo, impaciente.

— Para atrair barcos?

— Isso mesmo. Quando o vento noroeste começa a soprar, o mar fica bravo e mais barcos têm problemas. À noite quando as ondas começam a passar sobre os tombadilhos, eles chegam a jogar carga no mar para diminuir o peso. Em momentos como esse, os tripulantes avistam a luz dos caldeirões e pensam que são casas na costa. Então viram o barco na direção da costa.

O olho são de Kichizo brilhou como se ele estivesse estudando Isaku, que olhou para Kichizo antes de se voltar para o mar. Ele podia perceber a linha onde o céu estrelado encontrava a água escura. Havia um recife vasto e intrincado oculto sob a superfície da água. Quando saíam para pescar, os homens da aldeia contornavam as pedras com seus barcos, mas um navio grande entrando naquelas águas inevitavelmente teria o casco rasgado.

Isaku refletiu que estava finalmente começando a compreender. Tinha deduzido que os caldeirões de sal fossem parte de um ritual realizado com a esperança de que os barcos se acidentassem, mas agora percebia que eles também serviam para atrair os barcos para os recifes.

Se o único objetivo fosse a produção do sal, então fazê-lo durante o dia seria muito mais conveniente; mas agora ele compreendia por que aquilo era feito sempre à noite. Além disso, ficou claro para ele por que as fogueiras não eram acesas em noites calmas; os barcos não teriam problemas navegando no mar calmo.

— O fogo está apagando — disse Kichizo, levantando-se.

Isaku se levantou e seguiu Kichizo, pegando um punhado de lenha de sob a esteira de palha. Foi até o caldeirão da direita e jogou a lenha sob ele.

Diziam que marinheiros em má situação durante uma tempestade noturna eram capazes de fazer qualquer coisa para sobreviver. Eles

jogavam a carga no mar, cortavam seus cabelos e rezavam para os deuses pedindo proteção, e se o barco parecesse mesmo estar a ponto de virar, eles até cortavam o mastro para mantê-lo estável. Para eles, as fogueiras sob os caldeirões na praia poderiam muito bem parecer luzes de casas na costa. Não havia dúvida de que eles pensariam que suas preces tinham sido atendidas e virariam o navio na direção das luzes.

A madeira foi envolvida pelas chamas.

Quando Isaku retornou para a pequena cabana, Kichizo sentou-se no tronco e empilhou galhinhos secos na areia. Ele os acendeu e colocou mais lenha por cima. Isaku aqueceu as mãos ao fogo. O vento de súbito ficou mais frio.

— Estes fogos vão trazer *O-fune-sama,* não vão? — perguntou Isaku com um brilho nos olhos ao fitar Kichizo.

Kichizo assentiu.

— Não aconteceu nos últimos anos, mas quando eles vêm, vêm sempre um depois do outro. Quando comecei a sair para pescar com seu pai, eles vieram quatro anos seguidos. Quando eu tinha onze anos, tivemos três em um só inverno. Tudo por causa destes fogos. Naqueles dias ninguém precisava ser vendido como servo — disse ele em voz baixa.

Isaku imaginou que Kichizo estivesse falando tanto assim porque se sentia à vontade com o filho do amigo. Apesar de ter perdido a visão de um olho, se *O-fune-sama* tivesse vindo, ele não teria sido forçado a vender a esposa como serva e o casamento deles não teria sido arruinado.

Isaku olhou para o mar. Pensou em Tami, a terceira filha de Senkichi. A filha mais velha já tinha sido vendida, e agora havia rumores de que a segunda filha seguiria o mesmo caminho para a servidão. Se não houvesse uma dádiva do mar nos próximos anos, sem dúvida aconteceria o mesmo com Tami.

Isaku ficou agitado. Se um barco tivesse sido atraído para os recifes, seu pai também não teria sido forçado a se vender. A vida dos habitantes da aldeia dependiam da vinda de *O-fune-sama.*

— Fazemos sal desse modo para garantir que os fogos não se apaguem e para fazer *O-fune-sama* vir. — O olho de Kichizo refletia o brilho vermelho das chamas do fogo.

— Fico imaginando se virá algum neste inverno — disse Isaku, olhando para o mar.

— Quem sabe... Quando o vento começa a soprar do noroeste, eles ficam assustados e os navios não saem do porto. Mas mesmo assim, quando têm carga para levar, eles esperam um dia mais calmo para partir. A maioria dos barcos carrega arroz — murmurou Kichizo.

A sonolência tomou conta de Isaku quando se aqueceu ao fogo. Seu corpo estava entorpecido, e as pálpebras começavam a ficar pesadas. Se ele adormecesse, sem dúvida seria dispensado da tarefa de cuidar do fogo do sal, e sua mãe ficaria furiosa e bateria nele. Só de pensar em tal desgraça ficava aterrorizado.

Isaku se levantou e correu para fora da cabana. Um vento frio soprava do mar. Ele ergueu-se na ponta dos pés e olhou dentro do caldeirão. Nuvens de vapor erguiam-se enquanto a água salgada evaporava. Ele verificou o fogo, então pegou vários pedaços de lenha e os jogou sob os caldeirões. No instante seguinte não sentia mais sono.

O dia amanheceu.

Os fogos estavam apagados. A água evaporara completamente, deixando as laterais dos caldeirões cobertas com uma substância branca quase até a borda. Seguindo as instruções de Kichizo, Isaku cobriu cada um deles com duas tampas em formato de meia-lua. O sal seria deixado para as mulheres que viriam à praia depois que os caldeirões tivessem esfriado.

Seu rosto, braços, pernas e roupas estavam úmidos por causa do ar salgado, e ele se sentia um tanto zonzo por ter passado a noite em claro.

— Vamos — disse Kichizo, caminhando ao longo da praia.

Isaku o seguiu trilha acima. Já havia vapor saindo da panela no fogo quando ele chegou em casa, e seus irmãos menores estavam sentados junto do fogo. Ele pendurou baldes na vara de carga guardada perto da porta e foi buscar água no poço próximo. O mar estava mais brilhante agora, e as estrelas mal podiam ser vistas de um lado do céu. Quando entrou em casa, sentou-se perto do fogo e

colocou sopa de legumes numa cuia. Queria contar à mãe como tinha sido seu trabalho cuidando dos fogos dos caldeirões, mas o silêncio dela o fez hesitar.

A mãe colocou sopa em cuias para o irmão e a irmã, esvaziando a panela. Como sempre, ela colocou um pouco de água na panela. Assim que a água ficasse quente, Isaku a derramaria em sua cuia e a beberia. Dois grãos de milho permaneceram no fundo da cuia.

Isaku murmurou que gostaria de dormir um pouco. A mãe permaneceu em silêncio. Ele se levantou e foi se deitar na cama de palha. Adormeceu imediatamente. Pouco tempo depois sentiu a coberta de palha ser removida e sua face foi estapeada. Afastando a cabeça, ele ergueu-se nos cotovelos.

O rosto da mãe estava bem diante do seu.

— Você vai dormir para sempre? Levante-se e vá trabalhar. O mar está calmo.

Ele saltou de pé e desceu para a seção da casa com chão de terra. A mãe acomodou uma cesta nas costas e saiu da casa. Pegando a linha de pesca, Isaku foi atrás dela. Desatento por causa do sono, ele esfregou os olhos e bocejou. Lá em baixo, na praia, as mulheres estavam retirando o sal dos caldeirões e distribuindo-o em cuias para ser transportado. O sal seria levado para a casa do chefe da aldeia e dividido entre as famílias.

Mulheres, velhos e crianças podiam ser vistos curvados, examinando a linha da água. Depois de vários dias de mar agitado, achariam uma boa quantidade de mariscos e algas carregados para a praia. Muitas vezes, pedaços de madeira de barcos naufragados, frutas de árvores de locais distantes e mesmo fragmentos de peças e utensílios do dia-a-dia eram trazidos pela correnteza.

A mãe de Isaku correu para a praia. Os barcos estavam na água. Ao contrário da noite anterior, não havia vento; o mar estava tranqüilo, banhado pela suave luz do sol. Isaku conduziu seu pequeno barco pela área rasa e entrou na água fria em direção ao mar aberto. A cada vez que segurava o remo lembrava-se do pai. Saber que a empunhadura do remo tinha sido alisada pelas palmas do pai lhe causava a sensação de que ele estava mais próximo.

Isaku manipulou lentamente o remo. Podia avistar os dois caldeirões de ferro na praia. Um deles já havia sido esvaziado, e as

mulheres se reuniam ao redor do segundo.

De súbito as mulheres pararam de se mover e olharam para o mar. Isaku virou-se na direção em que elas olhavam, e parou de remar. Um navio imenso, de tamanho suficiente para carregar trezentos ou quatrocentos fardos de arroz, estava contornando o cabo. As velas arriadas balançavam, sem vida. Na parte superior das velas avistavam-se duas faixas negras como insígnias, e tanto os volumes de carga como a tripulação podiam ser vistos no tombadilho. O barco movia-se lentamente para sudoeste.

Isaku olhou para o barco até ele desaparecer atrás da pequena elevação de terra sobre a qual os corvos circulavam.

Não muito depois do período da colheita, era comum verse barcos carregados de fardos de palha e arroz. Alguns singravam as águas a uma distância razoável, outros bem perto da costa.

As velas dos navios que pertenciam aos clãs feudais exibiam o brasão de armas da família em seu centro; as do barco que acabara de passar tinham apenas duas faixas pretas no topo, o que significava tratar-se de um navio mercante. Provavelmente ficara atracado no porto, esperando que a tempestade amainasse para então zarpar. Nos dias de mar bravio, as fogueiras seriam acesas na praia assim que o sol se pusesse,

Isaku ouvira dizer que Sahei também tinha recebido ordens *do* chefe da aldeia para trabalhar nos caldeirões de sal. Diziam que a família de Sahei havia celebrado a passagem do filho para a maioridade fazendo sopa de espigas de milho miúdo e tomando vinho de milho. Isaku sentira uma ponta de inveja, mas quando pensara nas circunstâncias de sua família, com o pai cumprindo o contrato de servidão, compreendera que não poderia desejar o mesmo tratamento. Ao contrário, sabia muito bem que tinha de aceitar o fato de que, com seu pai distante, eram ele e a mãe quem deviam garantir que seus irmãos mais novos não morressem de fome.

Ocorriam revezamentos no pessoal responsável pelos caldeirões a cada dez dias. Quando chegava a vez de Isaku, ele descia sozinho para a praia no final da tarde e cuidava do fogo até o raiar do dia. Se sentisse sono, tratava de andar e pular ao redor da cabana ou ia até a beira do mar e molhava os pés na água fria,

contemplando o firmamento e imaginando se *O-fune-sama* estaria vindo.

Ocasionalmente passavam barcos ao longo da costa durante o dia. Na maior parte das vezes isso acontecia quando o mar estava calmo, mas podia ocorrer também em dias de tempestade. Sacudidos pelo vento, eles subiam e desciam entre as ondas de forma selvagem, com as velas meio enfunadas sacudindo ao vento enquanto aceleravam ganhando distância. Isaku e os outros habitantes da vila olhavam atentamente cada barco que passava. Cada vez que via um navio, ele concluía que devia haver barcos passando mesmo nas noites de temporal.

Isaku ouviu uma história perturbadora contada por Sahei.

Sahei tinha aparecido certa manhã depois que Isaku terminara sua terceira noite trabalhando nos caldeirões e estava jogando areia sobre as brasas remanescentes.

— Como está indo o trabalho com o sal? — perguntou Sahei sentando-se no tronco da cabana.

Isaku ficava incomodado sempre que Sahei agia como se fosse o mais velho dos dois, mas sentia-se também impressionado com a constituição física e presença do outro. Sahei possuía um brilho especial nos olhos, a aparência de um homem que tinha experiência de vida.

— Estou me arranjando — disse Isaku, olhando para o outro lado.

— Não sente sono e vontade de dormir? — indagou Sahei, estudando a expressão de Isaku.

Isaku imaginou que aquilo significava que ele não era o único que tinha dificuldade para se manter desperto, o que o fez sentir-se um pouco mais tranqüilo.

— O tempo inteiro — respondeu Isaku, sentando-se no troco ap lado de Sahei e esfregando os olhos.

— Então você não está levando o trabalho realmente a sério. Se pensar em como este trabalho é importante, não vai sentir sono.

Um sorriso malicioso curvou os lábios de Sahei. Isaku não disse nada, percebendo que Sahei aproveitaria a menor oportunidade para intimidá-lo. Imaginava que a atitude de desafio de Sahei devia-se ao fato de ele estar contrariado por Isaku ter sido designado antes dele pelo chefe da aldeia para cuidar dos caldeirões de sal.

De qualquer forma, reconhecia que Sahei estava certo. Era bem provável que Sahei conseguisse passar a noite toda completamente desperto, concentrado nos caldeirões e ao mesmo tempo atento ao mar noturno. Isaku piscou fracamente, sentindo-se pequeno.

— Você ouviu falar de *O-fune-sama* e do oficial? — perguntou Sahei, olhando de soslaio para Isaku.

Isaku virou-se para ele. Não tinha idéia de que relação podia haver entre *O-fune-sama* e um oficial. O pai e a mãe de Isaku raramente falavam sobre os assuntos da vila, mas na família de Sahei o avô e os pais discutiam todo tipo de assunto; assim, era natural que Sahei aprendesse muito. O conhecimento de Sahei era outra razão para Isaku sentir-se um tanto intimidado por ele.

— Oficial? — sussurrou ele, desconfiado.

— Você não sabe? Quer dizer que começou a trabalhar nos caldeirões de sal sem saber disso? — troçou Sahei.

Isaku ficou irritado com a atitude de Sahei, e também se sentiu inseguro. Nunca tinha visto um oficial, mas certamente sabia que deviam ser temidos; ouvira histórias de como os oficiais prendiam pessoas, amarravam-nas e cortavam-lhes a cabeça ou queimavam-nas vivas em uma cruz ou as empalavam em uma estaca. Isaku sentiu-se arrasado pelos indícios de Sahei de uma conexão entre *O-fune-sama* e o oficial, e refletiu que sua ignorância o tornava inadequado para trabalhar nos caldeirões de sal.

— Então me conte. O que aconteceu com o oficial? — perguntou ele.

Sahei não disse nada. Estava observando as mulheres na praia carregando o sal para a aldeia.

— Ouvi meu avô contar a história... — começou Sahei, explicando que tinha acontecido quando *O-fune-sama* viera em um inverno, um pouco antes de seu avô nascer.

Naquela noite, com o mar muito agitado, *um* barco rasgara o casco nos recifes depois de ter sido atraído pelos fogos dos caldeirões acesos na praia. Tratava-se de um navio de tamanho considerável e, apesar de a tripulação ter jogado no mar parte da carga, ainda havia muito a bordo.

— As pessoas da aldeia ficaram extasiadas, mas depois ficaram chocadas ao ver o brasão na vela — disse Sahei, com ar sombrio.

As velas tinham sido arrancadas, mas a imponente insígnia nelas estampada indicava tratar-se de um navio de um clã. A carga a bordo era propriedade do governo, e saqueá-la sem dúvida induziria a uma dura retaliação. Aterrorizados, os habitantes da vila saíram nos barcos e resgataram o capitão e a tripulação agarrados ao barco danificado. Esperaram que o mar se acalmasse antes de levar a carga e puxar as velas rasgadas e o madeirame do navio para a praia. Alem disso, recuperaram os corpos de dois membros do clã que se tinham afogado, de um marinheiro e de um *rapazola,* auxiliar de cozinha, que fora levado pelas ondas e encontrado mais tarde perto do cabo.

Eles mandaram um recado para a aldeia vizinha do outro lado da montanha e sete dias depois um jovem oficial aparecera, acompanhado por dois ajudantes. O chefe e os moradores da aldeia se prostraram no chão diante da casa do chefe para receber o oficial.

O povo da vila estava com medo que o oficial suspeitasse que os fogos sob os caldeirões de sal serviam para atrair os barcos que passavam para que colidissem com as rochas. Tremendo de medo, o chefe mantivera a testa contra o chão, respondendo às perguntas do oficial com murmúrios tímidos.

Felizmente o oficial não percebera o truque. Imaginara que fosse natural extrair sal na praia e não vira nada de estranho no fato de os marinheiros confundirem os fogos com luzes de casas e dirigirem o barco para a orla. Ao contrário, ao ouvir o testemunho dos marinheiros sobreviventes, o oficial parecera ficar satisfeito com o modo como os habitantes da vila agiram em relação ao barco do clã. Todos na aldeia ajudaram a colocar a carga e as madeiras retiradas do barco para secar ao sol, ou empilharam tudo dentro da casa do chefe da aldeia, ou perto dela. Além disso, os quatro corpos recuperados tinham sido enterrados temporariamente em um canto do terreno da casa, e uma bandeira preta de luto havia sido erguida. .

O oficial não parecera considerar os habitantes da vila culpados de coisa alguma, e partira com os membros sobreviventes da tripulação. Algum tempo depois ele retornara à aldeia, dessa vez com um grupo de homens que conduziam algumas cabeças de

gado. Eles recolheram a carga que havia sido estocada na casa do chefe da aldeia, a qual foi amarrada aos bois para ser transportada. Eles levaram as velas, mas deixaram os habitantes da aldeia ficar com a madeira do barco naufragado.

Embora o lucro tivesse sido muito pequeno, os moradores ficaram aliviados por ter escapado impunes. Mas seus temores não foram facilmente aplacados, e naquele ano não houve mais extração de sal. Eles começaram a se reanimar com os primeiros sinais da primavera. Logo, no entanto, voltaram a ficar apavorados quando uma outra calamidade inesperada ocorreu.

Um dia, três homens mal-encarados que conduziam gado apareceram na trilha da montanha. Um deles, que carregava uma espada em uma bainha desbotada, apresentou-se na casa do chefe da aldeia. Declarando ser um oficial, ele gritara, zangado, que os moradores da aldeia estavam escondendo carga do navio do clã que naufragara. Petrificado, o chefe *da* aldeia tentara contemporizar, com voz trêmula. Mas o homem não lhe dera ouvidos, e no dia seguinte obrigaram todos os habitantes da aldeia, inclusive o chefe, a esvaziar suas despensas e trazer todas as provisões estocadas, as quais foram acomodadas sobre os animais de carga, e ameaçaram as pessoas com suas espadas ao conduzir os bois trilha acima.

Depois que eles partiram, os habitantes da aldeia se deram conta de que aqueles homens haviam apenas fingido ser oficiais, e prepararam machadinhas e ganchos, decididos a matar os impostores se eles retornassem. Mas eles nunca foram vistos novamente.

— Os navios do *daimyo* são grandes e navegam em águas profundas, por isso passam bem longe da costa. São de estrutura forte, e poucos deles naufragam. *O-fune-sama* são aqueles que passam perto da costa, a maioria deles navios mercantes. Mas como eu disse, mesmo os navios do *daimyo p*odem terminar como *O-fune-sama.* Tanto meu avô quanto meu pai me disseram, se *O-fune-sama* vier quando você estiver cuidando do fogo, a primeira coisa que deve fazer é olhar para a insígnia nas velas. Ninguém lhe disse isso? — perguntou Sahei.

Isaku fez que não. Incomodava-o o fato de Kichizo não ter mencionado as velas em suas instruções. Tinha certeza de que, assim como Sahei havia ouvido aquilo do avô e do pai, ele também teria sido avisado para prestar atenção na insígnia nas velas, se seu pai estivesse em casa.

— Tem mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntou Isaku, agradecido de verdade por Sahei ter lhe contado sobre os brasões nas velas.

Sahei inclinou a cabeça para o lado enquanto olhava para a praia e então, como se tivesse um pensamento repentino, disse:

— Meu pai disse que se você vir *O-fune-sama,* deve correr até a casa do chefe da aldeia e contar a ele. Não vá para casa nem nada assim.

Isaku considerou que isso também era algo para não esquecer. Ele podia certamente imaginar como o choque de ver *O-fune-sama* poderia fazer com que corresse para casa para contar à mãe.

Na praia, as mulheres trabalhavam duro para retirar o sal dos caldeirões e colocá-lo em tinas de madeira. Nuvens carregadas se moviam no céu, e as ondas lançavam borrifos de água na faixa de areia.

— Parece que meu pai também vai para a servidão — murmurou Sahei, olhando para o mar.

Sahei tinha uma irmã que já estava casada, outra irmã mais velha com catorze anos e um irmão dois anos mais novo que ele. Diziam que a família de Sahei havia comemorado na noite em que ele fora instruído para ir trabalhar nos caldeirões, mas talvez eles tivessem tão pouca comida quanto a família de Isaku, afinal. A filha de catorze anos era a seguinte na fila para ser vendida como serva, mas, se ela voltasse depois de cumprir o contrato, estaria velha demais para se casar. Muitos pais, como o de Sahei, decidiam vender a si próprios para poupar as filhas.

— Meu avô está chorando lá em casa. Ele disse que venderia a si mesmo se fosse um pouco mais jovem. — Sahei tentou disfarçar a tristeza em seu rosto.

Se *O-fune-sama* viesse, o pai de Sahei não precisaria vender a si mesmo. Sem dúvida, Sahei estava depositando todas as suas

esperanças nos caldeirões, desejando do fundo do coração que *O-fune-sama* viesse e que seu pai não precisasse deixar a aldeia.

O sono começou a vencer Isaku. Ele se levantou.

— Eu vou dormir um pouco — disse para Sahei, que permanecia sentado no tronco. Pegando a tocha de pinheiro apagada, ele foi para casa.

Na manhã seguinte caíram os primeiros flocos de neve, muito finos, quase imperceptíveis em meio ao vento forte, mas durante a tarde se intensificaram, girando no ar e entrando em casa, passando pela esteira de palha pendurada na entrada.

Isaku estava trabalhando duro, cortando lenha no chão de terra enquanto a mãe remendava as roupas esfarrapadas das crianças. O pano era feito de fios tecidos com as fibras internas do tronco de tílias que cresciam nas montanhas, mas nenhuma havia sido colhida naquele ano.

Todos os anos, no começo do verão, o pai de Isaku ia para as montanhas colher tílias. Como naquele ano o pai estava ausente, Isaku estava sobrecarregado, mas decidiu que iria para a floresta colher troncos de tília no verão seguinte.

Seu irmão e suas irmãs estavam sentados juntos, abraçados, perto do fogo. Ainda tinham um suprimento dos grãos que haviam comprado com o pagamento da servidão do pai, mas, sem outro alimento para o inverno, teriam de racionar o estoque para que durasse até a primavera. As palavras de despedida do pai, “Não deixem as crianças morrer de fome”, proferidas tão solenemente antes de ele partir, pesavam no coração de Isaku.

A neve continuou a cair durante todo o dia seguinte e só parou na outra manhã, deixando a aldeia coberta por uma camada branca.

Isaku e os homens levaram os barcos para o mar enquanto sua mãe ia examinar a linha da água. Ele lançou a linha sobre a beirada do barco, mas só conseguiu pegar peixes minúsculos, e poucos. A correnteza havia levado os peixes para longe da costa, e as ondas violentas deviam ter induzido os polvos e lulas a buscar refúgio na face do recife voltada para o mar.

Quando o mar estava calmo, e ocasionalmente mesmo em dias de tempestade, avistavam-se barcos passando ao largo com as velas meio infladas. Alguns deles tinham grandes insígnias estampadas nas velas.

O ano chegou ao fim e um novo ano começou. O povo da aldeia respeitou os cinco dias de feriado de Ano-Novo. Ficaram em casa, acenderam o fogo todas as manhãs e à noite, na frente da casa, para afastar os demônios. O riso era proibido, pois acreditava-se que trazia má sorte, e mesmo quem falava recebia olhares feios dos outros.

No sexto dia do ano tudo voltava ao normal, mas uma atmosfera triste parecia pairar sobre a aldeia. O transporte de arroz tinha terminado, e apenas alguns poucos barcos eram vistos passando em dias calmos; nenhum se arriscava a navegar com tempo ruim. Havia pouca esperança de que *O-fune-sama* viesse naquele inverno, e o povo da aldeia não podia fazer nada além de aguardar a chegada da primavera. De qualquer forma, em noites de tempestade eles continuavam a acender o fogo sob os caldeirões de sal. Já haviam produzido mais que o necessário para suprir as necessidades da vila para o ano seguinte, mas o excedente seria estocado para ser vendido na primavera à aldeia do outro lado da encosta, e o dinheiro seria usado para comprar grãos ou implementos de pesca.

Era uma agonia cuidar dos caldeirões de sal em noites de neve. Isaku tinha de ir constantemente jogar mais lenha sob os caldeirões. Os flocos pareciam dançar de forma selvagem, brilhando vermelhos com o reflexo das chamas. Uma vez, em fevereiro, tiveram uma forte nevasca. A neve encobriu tudo, e o interior da casa de Isaku ficou praticamente escuro. Ele e sua mãe limparam a neve do telhado e das janelas, deixando espaço para a luz do sol passar.

No meio daquele mês Teru ficou doente, com febre alta. A mãe de Isaku esquentou água, enchendo a sala com o vapor, e ferveu uma infusão de ervas medicinais. Mas sua irmãzinha não conseguia engolir, e a mãe teve de forçar o líquido pela garganta da menina abaixo soprando com força dentro de sua boca.

Na manhã do dia seguinte, o corpo de Teru estava frio. Os olhos da mãe se enchiam de lágrimas enquanto ela acariciava em silêncio

o rostinho de Teru.

Vários homens e mulheres das casas vizinhas vieram, passando por trás da mãe de Isaku, que carregava o corpinho de Teru em uma esteira de palha, subindo a trilha da montanha até o cemitério. Quando o fogo foi aceso no crematório, a mãe de Isaku se ajoelhou do lado dele, lutando para não chorar abertamente. Isaku olhou para o mar com lágrimas deslizando por seu rosto. O pai confiara a ele e à mãe a vida do irmão e das irmãs menores, e agora ele estava angustiado porque não tinham conseguido cumprir a promessa. Ele imaginava que sua mãe estivesse pensando no pai.

O horizonte parecia pálido e indistinto, à distância. Isaku sentiu, também, que o inverno estava chegando ao fim.

Capítulo 4

Os homens que haviam instalado armadilhas para os coelhos na floresta voltaram para a aldeia anunciando que tinham visto flores nas árvores de *ume* do vale.

A única maneira de os habitantes da aldeia verem flores era subindo as montanhas; o vento salgado que açoitava o vilarejo impedia que qualquer planta ou árvore que produzisse flores crescesse na costa. Na manhã seguinte o chefe da vila os instruiu a levar um dos idosos da aldeia até o vale. Quando o achado foi confirmado, o chefe ordenou que a produção de sal fosse interrompida. As flores das ameixeiras significavam o final do inverno e das esperanças de *O-fune-sama* aparecer. Os homens suspenderam os caldeirões com varas e os transportaram da praia para a casa do chefe da aldeia, onde foram lavados com água fresca e recobertos com óleo de peixe antes de ser guardados.

A aldeia estava envolta em tristeza. Quando as pessoas cruzavam com outras na trilha, mal trocavam alguma palavra, simplesmente acenavam em cumprimento.

A temperatura subiu e a neve que cobria a aldeia começou a derreter. Às vezes era possível ouvir o estrondo de avalanches nas montanhas. O vapor da neve subia dos vales profundamente escavados. Eram cada vez menos freqüentes os dias de mar bravio, e por vezes uma névoa úmida pairava sobre o oceano. Diziam que os pessegueiros nas montanhas estavam florindo.

O chefe da aldeia ordenou que alguns homens e mulheres fossem vender o sal na aldeia vizinha. A mãe de Isaku foi uma das escolhidas. Carregando sacolas de palha cheias de sal nos ombros e se equilibrando com varas, eles avançaram lentamente em fila pela trilha entre os barrancos de neve em direção ao passo da montanha. Seis dias depois eles retornaram com sacolas de grãos amarradas às costas. Os grãos que foram divididos entre as famílias de acordo com o número de bocas a ser alimentadas.

No princípio de março, Isaku juntou-se aos outros na praia para orar por uma boa pesca naquele ano. Prepararam uma guirlanda

sagrada de palha em um dos pequenos barcos, suspensa sobre uma rede quadrada de puçá feita de algodão, presa entre duas varas finas de bambu.

Quando o chefe da aldeia chegou à praia usando trajes cerimoniais, o barco foi empurrado para a água e seu dono pegou o remo enquanto a esposa grávida embarcava também. O barco afastou-se da praia, as varas de bambu balançando a cada vez que o homem remava, a rede ondulando suavemente na brisa. A cerca de quarenta metros da costa, o barco parou.

Olhando para o mar, a mulher se levantou e com um movimento giratório levantou a parte de baixo do quimono. Expondo o ventre protuberante e a genitália ao Deus do Mar, ela orou para que os peixes se reproduzissem e proliferassem. Isaku e os outros na praia mantiveram as palmas juntas, orando. A cada vez que a mulher rodava e erguia o quimono, expunha suas coxas grossas e as nádegas. Os movimentos da mulher continuaram até que o homem, segurando o remo em uma das mãos, derramou vinho de uma jarra no mar com a mão livre. Com isso, a mulher soltou o quimono e sentou-se novamente. Então o marido remou de volta para a praia. Depois de desembarcar, a mulher seguiu o chefe da aldeia até a casa dele, onde foi servida a ela uma refeição cerimonial.

Daquele dia em diante, exceto quando o mar estava bravo Isaku juntava-se aos outros pescadores na água. Como de hábito, naquela época do ano começavam a aparecer sardinhas grandes. A quantidade de peixes crescia a cada dia, e mal a linha era lançada ao mar, um peixe era fisgado. Havia muitos peixes de bom tamanho nesses cardumes, e eles lutavam para se libertar. Os peixes podiam ser comidos crus ou amassados em uma pasta com a qual eram produzidos bolinhos para ser servidos na sopa. Às vezes a mãe de Isaku os abria ao meio e os deixava secar, guardando os miúdos em uma cuia para usar como fertilizante nas plantações.

Quando a pesca de sardinha começou a ficar menos produtiva, cinco pessoas deixaram a aldeia, debaixo de chuva, para vender a si mesmos como servos. Entre eles estavam o pai de Sahei e a irmã de dezesseis anos de Tami. Eles foram acompanhados até a aldeia vizinha por membros da família que receberiam o pagamento do intermediário. A fila de chapéus de junco subiu pela trilha

serpenteante montanha acima e parou mais ou menos na metade. Pareciam relutantes em deixar seu local de nascimento, sabendo que algumas pessoas morriam na servidão e que, mesmo que sobrevivessem, não veriam a aldeia outra vez até o contrato expirar. A fila de chapéus de junco moveu-se novamente, ondulando ao prosseguir até misturar-se ao cinza sujo da chuva.

Depois das sardinhas, as lulas começaram a aparecer. Isaku viu Sahei pescando lulas sem muita habilidade em seu barco. O pai de Sahei vendera-se em servidão por um período de cinco anos, mas diziam que em troca disso haviam trazido para casa apenas cinqüenta *momme* de prata, menos do que o pai de Isaku havia recebido por três anos de trabalho. Muitos dos habitantes da aldeia concordavam que era um preço justo, considerando os ombros caídos e a constituição frágil do pai de Sahei. Sem o pai, o peso de cuidar da família estava agora nos ombros de Sahei.

Havia um ar atormentado no rosto dele enquanto trabalhava com a linha de pesca; seus olhos desconsolados voltaram-se na direção de Isaku.

Isaku avistou Tami percorrendo a linha da água à procura de mariscos e algas marinhas com as outras mulheres e crianças. A irmã mais velha de Tami havia sido vendida como serva por sete anos; quando terminasse o contrato, sua única chance de casamento seria com algum homem viúvo. Tami era desenvolvida; se mentisse sobre a idade, não seria difícil conseguir alguém que a quisesse como serva. Se Tami fosse vendida como serva, Isaku queria esperar pelo retorno dela ao final do contrato para se casar com ela. Mas uma esposa era essencial em uma casa; não havia modo de ele permanecer solteiro até ela voltar.

Isaku se concentrou em pegar lulas. Elas não seriam consumidas logo, seriam cortadas no meio e colocadas para secar. Havia lulas penduradas por todos os lados, em cordas, sob os telhados das casas, em espaços abertos próximos. O trecho da água à aldeia parecia uma colméia em plena atividade.

Numa tarde no começo de abril, Isaku chegou em casa com o equipamento de pesca na mão, para encontrar o primo Takichi sentado com as costas contra a parede e os braços envolvendo os joelhos. A mãe de Isaku empacotava lulas secas e amarrava-as com

fio, mas assim que viu o filho ela se levantou, amarrou uma cesta de bambu a cada extremidade de uma vara de carga e deixou a casa. Isaku fez o mesmo, seguindo a mãe até a praia com uma vara de carga com duas cestas de bambu nos ombros. Eles pegaram as lulas com puçás no fundo dos barcos e as colocaram em cestas, que depois foram penduradas nas varas de carga.

— Takichi vai se casar amanhã, por isso vai ficar conosco esta noite — disse a mãe quando voltavam para casa.

Então Kura e Takichi estavam finalmente se unindo, pensou Isaku. Os dois estavam com dezessete anos. Kura era a moça de constituição mais forte de toda a aldeia, e era também alta. Ela usava sandálias de palha tamanho extra-grande e costumava realizar o trabalho pesado junto *com* os homens. Em contraste, Takichi era insignificante. Ele poderia ser um pescador nato, mas sua constituição era muito frágil. Com seu rosto longo e fino e o andar de pombo, havia pouco nele de masculino.

Isaku sempre ouvia o rumor de que eles tinham se conhecido na floresta, por acaso, quando recolhiam lenha. Todos diziam que fora Takichi quem havia sido seduzido. Mas tais encontros na floresta eram malvistos, assim Takichi concordou com o pedido da família e passou a visitar Kura regularmente de noite.

Um bom tempo se passou desde que o pai e o irmão mais velho de Takichi tinham sido tragados pelo mar enquanto pescavam, e ele agora vivia com a mãe, que passava a maior parte do tempo deitada, reclamando de dores nas costas encurvadas. Diziam que a mãe de Takichi estava muito ansiosa para ver o filho casado com uma mulher jovem e forte como Kura e passava todo o tempo dizendo para ele ir à casa da garota.

Na noite anterior ao casamento o homem tinha de ficar fora de casa e no dia do casamento suas parentes jovens do sexo feminino o acompanhariam até a casa da noiva para tomar parte no jantar de despedida e então levavam a noiva e os pais dela à casa do noivo. Ali a noiva, adequadamente adornada para a ocasião, trocava taças nupciais com a sogra, e depois disso a cerimônia começava e a sogra serviria à noiva uma cuia de madeira com uma farta porção de arroz. Enquanto isso acontecia, o noivo permanecia ausente, voltando para casa tarde da noite para consumar o casamento.

A casa de Isaku tinha sido escolhida porque Takichi se sentiria bem ficando com parentes.

Isaku e a mãe carregaram as lulas para casa. A expressão da mãe sugeria que ela estava feliz com o resultado da pesca do dia. Takichi levantou-se junto da parede e perguntou:

— Posso fazer algo para ajudar?

— Um homem que está para se casar não precisa levantar um dedo. Fique quieto e pense na caiada do vestido de sua noiva.

Visivelmente aliviado, Takichi sentou-se novamente. O vapor começou a subir da sopa de legumes na panela sobre o fogo, e Takichi juntou-se a Isaku e à família ao redor do fogão. Havia uma certa falta de calor na casa desde que o pai fora para a servidão, mas de alguma forma a presença de Takichi colaborou para tornar o clima mais aconchegante. O irmão e a irmã mais novos de Isaku olhavam com curiosidade na direção do hóspede. Ocasionalmente, como se estivesse se lembrando de alguma coisa, a sombra de um sorriso aparecia no rosto de Takichi enquanto ele comia. Depois da refeição a mãe de Isaku pegou uma faca e começou a limpar as lulas na parte da casa com chão de terra.

Isaku sentou-se do lado oposto ao primo e perto do fogo. Queria perguntar como Takichi tinha cortejado Kura e como havia feito amor com ela, mas se conteve com medo da ira da mãe.

Isaku perguntou a Takichi sobre a pesca do *saury,* cuja temporada logo deveria começar. Durante a estação chuvosa do ano anterior, Isaku tinha saído atrás desses peixes, mas não conseguira pescar nada, apesar de as águas estarem supostamente fervilhando com eles. Takichi, por outro lado, sempre se mostrara um ótimo pescador, e Isaku invejava o modo como o primo conseguia obter provisões para a velha mãe.

— Depois que você pegar o jeito, vai conseguir pegá-los até de olhos vendados — disse Takichi suavemente.

— Eu não consigo. Mas tenho de tentar e conseguir pegar tantos quanto possível para evitar que meus irmãos morram de fome.

Takichi olhou para o primo obviamente incomodado e disse:

— Quando começarmos a pescar, leve seu barco para perto do meu e eu lhe mostrarei.

— Por favor! — implorou Isaku.

O cheiro desagradável das lulas começava a impregnar fortemente o ar.

Na tarde seguinte a mãe de Isaku saiu para se encontrar com parentes na casa de Takichi enquanto Isaku ficou em casa, limpando as lulas no lugar dela. Ela voltou depois do anoitecer, o rosto vermelho e inchado por causa do vinho.

— Já deve estar na hora de você ir se ocupar com sua esposa — disse ela para Takichi, que estava sentado perto do fogão.

Ele assentiu, agradeceu à tia por permitir que passasse a noite e partiu.

A mãe de Isaku sentou-se na esteira de palha. Isaku estava sentado perto do fogo, e quando olhou para o rosto da mãe, que brilhava por um instante à luz do fogo, ficou assustado com a estranha expressão nos olhos dela. Estavam vidrados e marejados de lágrimas. Ele calculou que ela estivesse pensando no pai e na irmãzinha morta.

Quando grupos de habitantes da vila iam para a aldeia vizinha para vender peixe seco ou sal, eles sempre falavam com o intermediário de contratos de servidão. Era o único meio de ter notícias de seus parentes cumprindo contratos. Às vezes ouviam relatos de morte, ou a notícia de que a pessoa estava doente. Sem exceção, aqueles que adoeciam acabavam morrendo, mas mesmo sabendo disso a família rezava pela recuperação do parente. Não havia notícias sobre o pai de Isaku, o que significava, quase com certeza, que ele estava bem e trabalhando em algum lugar.

Isaku afastou-se do fogo e se enrolou sob sua coberta de palha, os olhos semicerrados enquanto fitava o rosto da mãe.

As encostas das montanhas assumiram um tom escuro de verde. Ventos fracos, pouco mais fortes que uma brisa, começaram a soprar do leste. As moscas começaram a demonstrar seu prolífico poder de reprodução e enxameavam em volta das lulas penduradas para secar. Quando chegou a noite, mosquitos passaram a voar zumbindo perto dos ouvidos das pessoas.

De vez em quando um barco de carga passava diante da aldeia, mas os habitantes mal erguiam os olhos do trabalho enquanto os navios desapareciam à distância no mar calmo.

O número de lulas que conseguiam pescar começou a diminuir, e menos delas eram vistas penduradas para secar. Aquelas já secas eram amarradas com um barbante, e colocadas junto com as outras, esperando para ser levadas montanha acima.

A mãe de Isaku levou outras duas cargas de lula para a aldeia vizinha. A quantidade de grãos que trouxe como pagamento não foi nada de especial, mas ela parecia animada mesmo assim. Tinha parado no intermediário de contratos de servidão para perguntar sobre o pai dele e não havia notícias. Não haver notícias era uma boa notícia; ele devia estar bem. Isaku ficou aliviado ao saber disso, mas então ouviu a mãe dizer que a irmã mais velha de Tami tinha ficado doente depois de apenas dois meses.

— E o intermediário teve a audácia de reclamar que foi enganado, depois de pagar um bom preço por ela — disse a mãe, cuspindo as palavras, ultrajada.

Se um servo sob contrato morria, o intermediário tinha de pagar uma certa quantia como compensação ao empregador com base no fato de ter oferecido um trabalhador inadequado. Por causa disso os intermediários só escolhiam pessoas fortes e saudáveis. Para cobrir uma possível perda financeira com a morte do trabalhador, ele pagava à família do trabalhador muito menos do que recebia do empregador. A aldeia de Isaku fornecia um bom número de trabalhadores.

Sem dúvida a família de Tami já devia saber a essa altura, e Isaku imaginou como eles teriam recebido a notícia. Sem dúvida teriam ficado perturbados, mas imaginou que poderiam pensar outras coisas também. Eles já haviam recebido o pagamento pelo contrato e a partida da irmã de Tami significava que tinham uma boca a menos para alimentar. Além disso, mesmo que ela pudesse voltar à vila depois de terminar o contrato, em termos de idade seria incapaz de obter um casamento favorável. Levando isso em consideração, a notícia de que a irmã de Tami tinha ficado doente com o que só poderia ser uma doença fatal não significava necessariamente má sorte para a família.

Colocando os grãos que trouxera em um vaso na despensa, a mãe murmurou:

— Não há chance de seu pai ter morrido. Ele é forte demais — o tom de voz dela foi como se estivesse admoestando a si mesma por ter tido um momento de dúvida.

Na tarde do dia seguinte, Isaku estava puxando seu barco para a praia quando ouviu o homem ao lado dele exclamar:

— Um arco-íris!

Erguendo os olhos, Isaku viu que o arco-íris começava mais ou menos no alto da cadeia de montanhas e seguia até o mar. Era o primeiro arco-íris do ano.

— Logo os *saury* estarão aqui — disse o homem, entusiasmado, ao colocar o remo sobre o ombro e seguir para a praia.

As cores do arco-íris gradualmente ficaram mais escuras, adornando o céu da tarde. Arco-íris no final da tarde eram vistos como bom presságio, especialmente aqueles que apareciam no começo do verão, que acreditavam prenunciar uma boa temporada de *saury.* Mas Isaku não se sentia tão otimista ao olhar o arco-íris. Sua habilidade de pegar *saury* deixava muito a desejar e, se sua pesca fosse tão ruim quanto a do ano anterior, sua família iria passar fome. A temporada de *saury* era crucial para a aldeia, já que a sobrevivência das famílias ao longo do ano dependia da habilidade de estocar essa fonte vital de nutrição. Takichi dissera que iria ensinar a Isaku o jeito certo de capturar *saury,* mas talvez ele só tivesse falado isso porque estava de bom humor por causa do casamento.

Isaku às vezes via Takichi na praia, e às vezes o via pescando lá fora no mar. Se era porque agora tinha uma esposa não estava claro, mas Takichi parecia ter um brilho de confiança nos olhos. Apesar de Takichi ser pequeno, Isaku achava que ele o fitava do alto com um ar de condescendência. Isaku imaginava que a atitude de Takichi significava que não iria ensinar a ele como pegar *saury.*

Mas uma mudança muito mais dramática em Kura chamou a atenção dos habitantes da aldeia. Ela ia até a praia assim que via Takichi retornando do dia de pescaria. Era uma pessoa diferente na presença de Takichi, seguindo obedientemente todas as ordens dele. Forte como era, Kura erguia sem esforço a grande tina com todo o pescado do dia, apoiando-a no ombro e voltando apressada para casa. Takichi subia a encosta de mãos abanando. Sorrindo de

modo lascivo, os outros brincavam dizendo que Takichi devia ter tirado o couro dela.

Nos dias em que o mar estava bravo, Isaku amarrava uma machadinha e barbante em um quadro de carga e ia para o mato recolher casca de tília para fazer tecido. Era comum encontrar cobras nos bosques fechados de tílias, por isso Isaku usava protetores nas pernas, além de calças justas.

Estava chovendo levemente, mas o vento era forte. Isaku baixou a aba do chapéu de junco para impedir que fosse levado pelo vento ao subir pela trilha úmida *da* montanha.

Depois de caminhar por cerca de uma hora ele chegou à floresta. O topo das árvores balançava de forma selvagem, mas não havia vento embaixo e o cheiro úmido da casca das árvores impregnava o ar. Ele parou perto de uma tília e soltou a machadinha e o barbante do quadro que trazia nas costas. Seu pai o levara para colher casca de tílias duas vezes no passado e, assim como o pai, Isaku enfiou a lâmina da machadinha bem perto da raiz. Cortou um galho da árvore próxima, dando-lhe a forma de uma espátula, e inseriu a ponta sob a casca, erguendo a ponta o suficiente para pegá-la com a mão e puxar. A casca foi arrancada do tronco.

Ele foi de uma árvore para outra, arrancando a casca de cada uma delas. As gotas de chuva faziam barulho *ao* cair em seu chapéu. A água escorrendo pelos troncos das tílias brilhava.

Seu estômago lhe dizia que estava na hora de comer. Isaku abriu um pequeno pacote de folha de bambu e atacou o bolinho de milho miúdo que havia ali dentro. No ano anterior ele não havia apanhado nenhuma casca de tília, mas nesse ano conseguiria levar o suficiente para sua mãe fazer roupas para eles. Enquanto olhava para as cascas de tília que havia arrancado das árvores, ele sentiu que se tornara o chefe da família.

Isaku trabalhou mais um pouco antes de recolher todas as cascas, dobrá-las ao meio e amarrar tudo com o barbante, que prendeu no quadro de carga que por sua vez foi colocado sobre suas costas. Era pesado, cerca de trinta ou trinta e cinco quilos.

Usando uma vara para se equilibrar, Isaku caminhou cautelosamente entre as árvores e saiu da floresta. A chuva estava mais forte, espalhando-se em gotículas ao atingir seu chapéu e

ombros. O vento empurrava sua carga, e ele sentia o corpo se movendo com ela. Isaku desceu a trilha parando ocasionalmente para se endireitar contra as rajadas de vento. O mar tempestuoso apareceu à vista abaixo dele. Estava molhado até os ossos de chuva e suor.

A mãe começou a preparar as cascas de árvore naquela mesma noite. Cortou a parte externa com uma faca e colocou as camadas internas no chão. Isaku reparava seu equipamento de pesca no chão de terra enquanto observava a mãe, que parecia concentrada no trabalho.

No dia seguinte ela ensopou as camadas internas das cascas de árvore no riacho perto da casa deles. Os pedaços externos das cascas foram reunidos em um canto, prontos para ser usados para iniciar o fogo. Cinco dias depois ela tirou as camadas do riacho e as ferveu em uma panela de água, misturando com cinzas. Então colocou-as no riacho novamente, lavou-as bem, e pendurou-as para secar à sombra antes de desfiá-las para fazer linha. Em seguida fiou a linha na roda de fiar e depois sentou-se diante do tear, transformando-a em tecido. Tratava-se de um trabalho cansativo; às vezes ela parava para esfregar os olhos, com sono.

A estação chuvosa começou e muita água caiu sobre a aldeia. Os habitantes não encontravam mais lulas, e agora não pegavam nada além de pequenos peixinhos.

À tarde um velho pescador voltou da praia dizendo que os *saury* estavam começando a chegar. Isaku sentiu que perdia a compostura. Seu pai era hábil para pegar *saury,* mas para Isaku era um truque que ele não conseguia aprender de jeito nenhum. Na estação chuvosa anterior ele tentara pescar da forma como se lembrava de ver o pai fazendo, mas não conseguira pegar nada. A família de Isaku teve de ficar sentada sem ter o que fazer, olhando a fumaça que exalava das outras casas, onde estavam grelhando *saury* e vendo todos os outros guardando o *saury* em tinas. Naquele ano, ele pensou, tenho de pegar alguma coisa, mesmo que não seja muito, para minha família.

Como a pesca do *saury* era a mais importante de todo o ano para a aldeia, os homens faziam o máximo para pegar tanto quanto possível; não havia tempo disponível para ensinar técnicas de pesca

para os outros. Na temporada anterior, as outras famílias da aldeia haviam ficado com pena da família de Isaku e cada uma lhes dera um pouco de peixe, mas naquele ano ele não queria ter de depender de caridade.

A única pessoa a quem Isaku podia recorrer era seu primo Takichi, mas, agora que ele tinha a própria casa para cuidar, era pouco provável que pudesse ensinar Isaku a pescar. Além disso, Isaku estava preocupado porque Takichi havia mudado desde o casamento. Mas Isaku decidiu que não havia modo de ele deixar sua família morrer de fome, então naquela mesma tarde, depois de engolir seu jantar bem depressa, ele correu pela trilha iluminada pelo luar até a casa do primo.

— Alô? — chamou Isaku ao enfiar a cabeça pela esteira de palha pendurada na entrada.

Takichi olhou para a porta de onde estava sentado no chão de terra, com a esposa ajoelhada a seu lado. Havia vários pedaços de palha grossa espalhados no chão, assim como muitos pedaços grossos de corda. Vendo que Takichi estava começando a preparar seu material de pesca, Isaku se aproximou dele.

— Você disse que ia me ensinar a pegar *saury.* Quero que me ensine. Minha família vai passar fome. Espero que não tenha esquecido o que disse naquela noite — disse Isaku.

— Eu não esqueci. Eu achava que você ia aparecer logo — disse Takichi. Um leve sorriso apareceu nos lábios dele.

Isaku ficou aliviado. Sentou-se ao lado do primo e fixou os olhos nas mãos de Takichi, que não paravam.

Para pescar *saury,* um pescador devia amarrar juntas três ou quatro peças de esteira de palha grossa e amarrar uma corda pesada nelas, deixando o conjunto flutuar cerca de quarenta metros atrás do barco. Ao mesmo tempo, junto da amurada, devia deixar flutuando um pedaço de esteira de palha com algas penduradas embaixo. Depois de lançar a âncora, ele devia se deitar para não ser visto pelos peixes. Quando sentisse que um cardume de *saury* estava perto da esteira, ele devia puxá-la pela corda. Os peixes se moviam com ela e nadavam por baixo da esteira com as algas. As algas presas sob a esteira deixavam os *saury* excitados, e eles subitamente começavam a desovar. O pescador devia então enfiar a

mão por um dos vários buracos na esteira e mover os dedos na água. Atraídos, os *saury* nadavam entre os dedos e eram pegos em um instante.

Apesar de Isaku conhecer o procedimento básico, ele nunca tinha conseguido pescar esses peixes. Tinha chegado a sentir o peixe entre seus dedos, mas daí ele escapulia. Além disso, os *saury* pareciam evitar seu barco ao contrário dos outros.

A esteira de palha que seria rebocada na popa do barco estava no chão, pronta, e Takichi estava fazendo agora os buracos na esteira que seria pendurada do lado do barco.

— Quando estive na sua casa, eu disse que você poderia levar seu barco para perto do meu para observar, mas, pensando bem, não posso deixar você fazer isso. Iria assustar os peixes. Mas pergunte o que quiser que eu lhe digo — disse Takichi sem parar de trabalhar na esteira.

Isaku imaginava que isso fosse acontecer. Assim que a temporada de *saury* começava, os homens ficavam ultra-sensíveis e gritavam com qualquer outro pescador que aproximasse demais seu barco dos deles. Uma segunda visão muito afiada era necessária para pescar *saury,* e a menor distração poderia arruinar a pesca de um dia, assim não era de estranhar que Takichi se recusasse a deixar Isaku se aproximar com o barco.

— Diga-me como agarrar os peixes. Eles sempre escapam de mim — disse Isaku, olhando para o rosto de Takichi.

Takichi parou o que estava fazendo e ergueu uma das mãos, movendo os dedos lentamente no ar antes de fechá-los subitamente.

— Você pega o peixe quando sentir que a cabeça dele está entre seus dedos. Eles fogem se você pegar mais para trás.

— A cabeça — disse Isaku, movendo os próprios dedos no ar.

— Se você deixar um deles passar pelos seus dedos, eles não vão voltar. E, quando pegar um, não crave as unhas nele. Eles vão fugir se sentirem o cheiro do sangue de um deles na água.

Isaku assentiu enquanto Takichi retomava o trabalho.

— Mais uma coisa. Por que é que os peixes não chegam perto do meu barco?

Takichi ergueu o rosto ao responder.

— Eles conseguem ver sua sombra na água. Fique bem deitado dentro do barco e passe só o braço pela beirada. Os *saury* ficam assustados quando percebem a presença de alguém.

Isaku sabia de tudo isso, mas até então não dera muita importância a esses detalhes.

Takichi baixou os olhos para a esteira de palha em seu colo. Isaku olhou para ele, impressionado que seu primo fosse um pescador experiente aos dezessete anos. Era claro que a obrigação de cuidar da mãe e, agora, sendo um homem casado haviam incutido nele um forte senso de responsabilidade. Isaku não podia evitar ver o primo sob um novo prisma.

Ansioso para chegar em casa e arrumar seu equipamento de pesca, Isaku agradeceu a Takichi e a Kura e partiu. Começou a trabalhar naquela noite e recomeçou na manhã seguinte. Era quase meio-dia quando terminou.

Isaku e a mãe carregaram o equipamento até a praia, sob a chuva fina, e o colocaram na canoa. Diziam que a melhor hora para pescar era durante o pôr-do-sol, por isso não havia nenhum barco na água ainda.

Ele foi até a praia novamente depois do almoço e encontrou os homens preparando seus barcos para sair. Os *saury* vinham do oeste; os homens iriam pescar ao redor da ponta da proeminência de terra à esquerda, a cerca de quatro quilômetros da praia. Os barcos deixavam a areia um atrás do outro, assim Isaku também colocou a faixa no cabelo e empurrou seu barco para a água. Agarrando o remo, ele saiu contornando o recife. O mar estava tão calmo que as ondas mal colidiam contra o cabo. As fileiras de casas da aldeia desapareceram à distância quando os contornos das montanhas se desdobraram atrás deles. A chuva tinha cessado, mas um denso nevoeiro cobria as encostas, escondendo a vegetação.

Isaku remou com toda sua força, mas pouco a pouco todos os barcos o ultrapassaram. Sahei era o único que ele via para trás.

O barco começou a balançar mais quando chegou perto do cabo e ao mar aberto além dele. Os homens adiante já haviam começado a pescar quando Isaku guardou o remo, lançou a âncora e soltou a esteira de palha na popa do barco. As esteiras ondulavam para cima

e para baixo com o movimento do mar enquanto se afastavam, esticando a corda. Isaku lançou o último pedaço sobre a lateral do barco e, lembrando-se do conselho de Takichi, encolheu o corpo, erguendo apenas a cabeça para espiar as esteiras flutuando atrás. Segundo Takichi, ele deveria puxar lentamente a corda para trazer as esteiras para perto do barco quando sentisse que um cardume de *saury* estava sob elas, mas não conseguia ver nenhum sinal dos peixes. Outros homens já estavam puxando as esteiras pela corda, deitados no fundo do barco.

Isaku ficou observando atentamente, mas não viu nenhum movimento diferente. Ainda assim, pensou ele, devia haver um cardume de *saury* por ali. Ele pegou a corda e começou a puxar. A esteira veio lentamente na direção do barco. Estava pesada.

Quando a esteira chegou ao barco, ele amarrou a corda na popa. Aproximou-se da esteira amarrada à lateral do barco, enfiou a mão através de um dos orifícios, separou os dedos e lentamente os colocou dentro da água. Concentrou-se na área sob a esteira. Podia ver o brilho prateado dos peixes passando. Eles estavam mesmo ali, pensou ele.

Os brilhos prateados foram se tornando mais numerosos e começaram a se agitar sob a superfície. Alguns até pareciam parar por um instante. Os *saury* passavam roçando seus dedos e então desapareciam. Isaku lembrou-se do conselho de Takichi para que não pegasse o primeiro peixe, pois se o fizesse o cardume inteiro iria fugir. Os *saury* passavam por entre seus dedos, ele podia enxergá-los claramente. Por diversas vezes sentiu o impulso de agarrá-los, porém seus dedos pareciam manter o controle por conta própria e não se moveram.

Quando afinal avistou a cabeça de um *saury* passando entre seus dedos, ele a agarrou abruptamente, mas o peixe se debateu e escorregou, fugindo. O cardume de *saury* desapareceu em um segundo.

Isaku tirou a mão da água e esfregou o rosto com força. Mais uma vez estava sendo lembrado que pescar *saury* não era uma tarefa fácil e que pegá-los com a mão não era algo que se aprendia de um dia para o outro. Tentou se consolar dizendo a si mesmo que não tinha se saído tão mal, afinal, já que no ano anterior não conseguira

nem fazer os peixes se reunir sob o tapete, quanto mais estar com eles em volta dos dedos.

Ao redor, ele podia ver os homens pegando os peixes e jogando-os dentro dos barcos. A chuva fina recomeçou. Isaku soltou a esteira e a corda novamente, esperou o que julgou ser o tempo adequado, então puxou-a outra vez, mas não havia nenhum sinal de *saury* sob o tapete.

Pouco depois o mar adquiriu uma cor escura, e os homens começaram a levar os barcos de volta para a praia. Isaku puxou as esteiras, pegou o remo e os acompanhou. Seguindo o barco à frente, ele desviou do recife e seguiu na direção da fogueira acesa na praia. A noite estava caindo e as pessoas na praia pareciam vermelhas à luz do fogo.

Isaku levou o barco até a praia, então puxou-o para cima com a ajuda da mãe. Ela não disse nada depois de passar os olhos pelo fundo do barco.

Naquela noite, ele foi novamente visitar Takichi. O cheiro do *saury* frito e da fumaça do fogo ainda impregnavam o ar na casa do primo.

— Nem mesmo um — suspirou Isaku ao sentar-se na beirada da cama, mas Takichi apenas sorriu levemente de perto do fogão. — Como você sabe quando os peixes vieram para debaixo do barco?

— Instinto, experiência... a água muda um pouquinho de cor. E parece se mexer, também — respondeu Takichi.

Isaku não disse nada. O primo se levantou, dizendo:

— Coma isso. — Ele ofereceu um pouco do *saury* grelhado no espeto.

Isaku balançou a cabeça com veemência, levantou-se e deixou a casa sem dizer mais uma palavra.

Com exceção dos dias em que o mar estava bravo, Isaku saía com seu barco junto com os outros homens. A temporada de *saury* estava chegando ao auge, e a pesca ficava melhor a cada dia. Parecia que Sahei estava sendo ensinado pelo pai e quase invariavelmente ele trazia dez peixes por dia. Os outros homens voltavam com o fundo do barco coberto de *saury.*

Isaku sentia vergonha de voltar para a praia sem ter pescado absolutamente nada. Sua mãe não fazia nenhum comentário e preparava uma sopa rala de legumes e arroz para o irmão e irmã

mais novos. O fato de não conseguir pegar nenhum peixe para eles atormentava Isaku.

Cerca de duas semanas depois de ter começado a tentar Pescar *saury,* Isaku notou um leve borrifo de água perto da esteira de palha. Além disso, teve a impressão de notar uma ligeira diferença na cor da água naquele ponto. Talvez fosse apenas impressão realmente, pensou ele. O mar estava calmo, quase sem ondas, e não parecia que iria mudar.

Isaku pegou a corda e puxou-a gentilmente. A esteira foi se aproximando cada vez mais, por fim se alinhando à outra, amarrada na lateral do barco. Prendendo a corda, ele arriscou uma espiadela sob o tapete.

Conseguiu ver uma massa de peixinhos prateados se retorcendo. Isaku ficou agitado. Seus olhos não o estavam enganando, afinal de contas. Ele tinha conseguido detectar a presença dos peixes a uma distância de quarenta metros. Sem dúvida, era normal para os pescadores experientes, mas para Isaku aquilo era uma realização e tanto.

Estendendo a mão, ele a mergulhou lentamente na água entre as esteiras e começou a mover os dedos separados. A água sob a esteira estava infestada de *saury.* Os peixes estavam em excelentes condições, belos, tanto em forma e tamanho quanto na cor. Um deles começou a deslizar entre seus dedos e parou bem debaixo de sua mão. Erguendo a mão para fora da água, ele olhou para o *saury* que se debatia, brilhando ao sol da tarde. Lágrimas vieram aos seus olhos. Estava emocionado com a idéia de que conseguiria peixes para alimentar seu irmãozinho e irmãzinha que tomavam apenas caldo de arroz junto do fogo.

Isaku colocou o peixe no fundo do barco e tornou a enfiar a mão pelo buraco na esteira, para dentro da água.

Naquela noite, a mãe de Isaku cortou o *saury* em quatro porções iguais, enfiou-as no espeto e levou-o ao fogo. Um fiozinho de fumaça subiu, e as chamas brilhavam mais forte cada vez que um pouco de óleo escorria dos pedaços espetados de peixe. O irmão e a irmã ficaram olhando para o peixe, os olhos brilhando.

A mãe deu a ele a parte do peixe com a cabeça, e deu as outras três ao irmão e irmã. Isaku percebeu que, oferecendo a ele a

cabeça do peixe, a mãe estava reconhecendo sua posição como provedor da família.

O *saury* quente estava delicioso. A visão do irmão e da irmã comendo sofregamente a carne do peixe e depois retirando o que sobrara de carne entre as espinhas fez com que ele percebesse que a quantidade que pescara ainda não fora suficiente.

Aquela temporada acabou sendo excepcional. À medida que os dias passavam, mais e mais *saury* pareciam se contorcer sob o tapete. No pouco tempo que ficavam na água, os pescadores pegavam um *saury* depois do outro, e a maioria dos barcos voltava para a praia com mais de uma centena de peixes.

Dali em diante, Isaku também aprendeu a técnica e não muito tempo depois estava pegando vários *saury* por dia. Havia dias em que pegava dez. A mãe permitia que comessem apenas um peixe por dia e preservava os outros no sal.

Uma noite, um temporal que se vinha formando desabou com trovões e uma chuva furiosa. Quando estiou, o sol reapareceu mais forte, e os braços e pernas de Isaku assumiram uma tonalidade escura de marrom. As mulheres trabalhavam recolhendo algas. O calor do verão ficou mais forte, e muitas vezes a aldeia era afogada pelas chuvas. Os *saury* começaram a se afastar para o norte, tornando-se mais escassos a cada dia, até que no começo de julho desapareceram completamente. Os polvos tornaram a aparecer, e os homens trabalharam duro para pegá-los usando pedaços de peixes pequenos como iscas.

As mulheres da aldeia carregaram nas costas o *saury* salgado até a aldeia vizinha. Tinham estocado o suficiente para suas próprias necessidades e queriam trocar o excedente por grãos. Mas naquele ano todas as aldeias da costa tinham conseguido uma pesca excepcional, e mais da metade dos peixes acabaram sendo usados como fertilizante no campo; assim, elas voltaram com uma pequena quantidade de grãos como resultado do esforço. Como na casa de Isaku não houvesse sobrado *saury* salgado, sua mãe não precisou ir até a aldeia vizinha.

Aquelas que fizeram a viagem voltaram contando que uma febre havia matado muita gente na outra aldeia, naquele verão. A maioria dos que haviam morrido eram crianças pequenas, idosos ou

aqueles cuja doença havia afetado irreversivelmente o cérebro ou os pulmões.

Preocupado com o risco de a epidemia propagar-se, o chefe da aldeia proibiu que qualquer pessoa saísse da aldeia. Ordenou que aquelas que tinham ido à aldeia vizinha se lavassem no mar, sem exceção, todas as manhãs, por duas semanas.

Chegou o dia do Festival Bon, e a temporada de pesca foi interrompida. Grupos formados pelas famílias subiram a trilha da montanha para limpar os túmulos dos ancestrais antes de voltar para casa para colocar oferendas de grãos ou peixe seco em seus altares budistas. À tarde iriam queimar um talo de cânhamo na frente da porta, e tochas flamejantes seriam levadas até a faixa de areia da praia. Dizia-se que as almas que tinham partido para um local distante do outro lado do oceano se orientariam por essas tochas para encontrar na escuridão o caminho de volta até a praia; a luz dos talos de cânhamo queimados serviria para guiá-los até seus antigos lares. Os habitantes da aldeia acreditavam que os espíritos lavariam os pés antes de entrar em casa, e então preparavam bacias com água fresca e as colocavam na entrada.

Para a mãe de Isaku, aquele seria o primeiro Bon desde que Teru havia morrido em fevereiro daquele ano. Ela amarrou um pedaço de pano branco em uma vara de bambu fino que ela mesma havia cortado, e o colocou na porta. A dor de perder a filha pareceu retornar quando ela se postou ali do lado da vara de bambu durante algum tempo.

Três dias depois, um pequeno barco feito de casca de árvore e bambu foi levado até a praia enquanto crianças corriam pela aldeia gritando:

— O barco já vai sair!

Carregando as oferendas de comida do altar, Isaku seguiu a mãe, que agarrou a vara de bambu e seguiu para a praia. O barquinho foi colocado na água, e Isaku e os outros da vila colocaram nele suas oferendas de comida. A mãe também colocou sua vara de bambu no barquinho.

Ao comando do chefe da aldeia, a nau de casca de árvore e bambu foi rebocada para longe da costa por dois barcos e soltada a cerca de quarenta metros da praia. Os dois pescadores lançaram

suas tochas acesas no barquinho, que começou a queimar de imediato. Envolto nas chamas, ele foi lentamente carregado pela correnteza para o mar. Eles viram a faixa branca queimar e cair. Os espíritos fariam a viagem de volta através do mar guiados pela luz do barquinho em chamas.

O mar foi encoberto pela escuridão à medida que o fogo se reduzia lentamente, até apagar-se por completo. Isaku e sua mãe permaneceram na praia por um longo tempo.

O clima ameno continuou por muitos dias, e gigantescas colunas de nuvens formavam-se no horizonte. Havia ocasiões em que o céu escurecia de repente e lançava chuvas fortes sobre a aldeia.

A mãe de Isaku passava os dias colhendo legumes selvagens nas montanhas com as outras mulheres ou pegando frutos do mar e algas na linha da água. Isaku percebeu que às vezes ela se sentava imóvel, o olhar perdido no espaço. Cada vez que via a mãe assim ele se lembrava do corpo do pai movendo-se em cima dela na escuridão da noite. O pai ficava em silêncio, mas a mãe emitia sons como se estivesse sendo torturada. Embora soasse como alguém em agonia, Isaku sabia que ela estava em êxtase.

Um ano e meio tinha se passado desde que o pai de Isaku partira. Sua mãe passara todo esse tempo sem experimentar nenhum prazer; sem dúvida ela estava recordando a última vez em que estivera nos braços do marido. Tecendo fios para fazer uma peça de roupa para o pai dele, ela parou o tear e em silêncio acariciou o pano.

O calor do verão diminuiu e as noites ficaram mais frescas. Era típico do começo do outono que chovesse de forma persistente, e aquele ano não foi exceção.

Depois de cerca de um mês o céu assumiu uma cor clara, luminosa, e uma abóbada azul sem nuvens se abriu. O mar estava calmo e as lulas começavam a aparecer.

Dois homens foram para a aldeia vizinha com lulas secas para trocar por equipamentos de pesca, como anzóis e pontas de espetos. Cinco dias depois voltaram com notícias sobre aqueles que estavam cumprindo contrato de servidão. Não havia nada sobre o

pai de Isaku, mas a irmã mais velha de Tami tinha morrido. Acontecera seis semanas antes, e diziam que havia sido cremada no povoado onde trabalhava.

No dia seguinte ninguém saiu para pescar, e Isaku juntou-se aos outros na casa de Tami. No lugar do corpo, a cuia e os *hashis* que a irmã de Tami usava foram colocados dentro do caixão enquanto as mulheres mais velhas entoavam os sutras.

O cortejo se formou e começou a avançar lentamente. Isaku foi atrás, com uma carga de lenha nas costas. A família de Tami seguia diretamente atrás do caixão. Seguiram pela trilha montanha acima, atravessando a floresta, e chegaram à clareira. Ali o caixão foi colocado no crematório.

O fogo foi aceso e as chamas consumiram o caixão. A alma estava dentro do caixão, mesmo que não houvesse corpo, e partiria com a fumaça para um local muito distante no oceano. Os sutras foram entoados com mais ênfase, e Isaku uniu as palmas das mãos em prece. De súbito Tami começou a chorar. Os cabelos dela estavam amarrados para trás, e alguns cachos soltos balançavam ao vento. Isaku a observou por trás; os ombros dela tremiam com os soluços. A aldeia passou três dias em luto.

Chegou o período em que as mulheres iam para as estreitas faixas de plantação para colher milho miúdo e outros grãos, que trariam em sacolas para suas casas, mas o solo era pedregoso e improdutivo, produzindo apenas safras muito fracas, A mãe de Isaku foi até a plantação deles e voltou com uma quantidade insignificante de grãos para estocar.

Lá embaixo, na praia, os homens começaram a pescar os polvos de outono. Era hábito eles aparecerem na época em que a grama eulália começava a produzir espigas, mas naquele ano estavam vindo para a praia bem mais cedo. Isaku levou o barco para o mar e entre as pedras ocupou-se pegando polvos. Ele parou de remar e deslizou na água o espeto com gancho com o paninho vermelho na ponta, movendo-o nos buracos entre as pedras ou tufos de algas. Quando um polvo confundia o paninho vermelho com comida e aparecia, Isaku o fisgava com o gancho do espeto. Não muito depois, podia-se ver em todas as casas da aldeia polvos pendurados para secar ao sol.

Os ventos de outono começaram a soprar, e quando as espigas da grama eulália amadureceram, a quantidade de polvos diminuiu muito. Não havia quase mais nenhum sinal deles, por mais que Isaku movesse o paninho vermelho na água. Mesmo assim, nas raras ocasiões em que via um polvo sendo atraído pelo paninho, ele o fisgava com precisão. Isaku calculou que sua habilidade tinha aumentado desde o outono anterior.

Quando moveu o espeto dentro da água, ele se lembrou da pesca de *saury.* Fora ele quem menos pescara entre todos os pescadores, mas, como era apenas sua segunda temporada, estava feliz por ter chegado ao estágio em que conseguia pegar alguns peixes. Sentia-se confiante de que, à medida que os anos passassem e ele adquirisse mais experiência, acabaria se tornando um ótimo pescador.

Os homens ficaram intrigados com a pequena quantidade de polvos naquele ano. Normalmente, os polvos seriam secos e trocados por grãos com os mercadores da aldeia vizinha ou com os moradores das aldeias da montanha até o Ano-Novo. O polvo era essencial para conseguirem provisões *que* lhes permitissem passar o inverno, e uma pesca pobre significava um efeito muito sério nos estoques de comida da aldeia. Uma atmosfera de calamidade abateu-se sobre os pescadores.

A mãe de Isaku levou o irmão e irmã mais novos em repetidas viagens à floresta para pegar galhos secos. Em preparação para o inverno que se aproximava, Isaku ajudou a mãe a cortar esses galhos e a empilhar a lenha junto à lateral da casa.

Ele parava sempre o que estava fazendo na água para olhar para as montanhas distantes. A chance de serem abençoados pela sorte era mínima, mas, se acontecesse, os habitantes da aldeia seriam salvos e a atmosfera carregada que pairava sobre o lugar devido à escassez de polvos desapareceria em um instante.

Numa manhã, enquanto estava sentado em seu barco na água, Isaku notou uma pequena mudança no pico da montanha mais distante. As montanhas ou eram cobertas de verde ou tinham a cor de pedra natural, mas o tom de verde naquela encosta estava um tanto diferente do das outras. Só podia ser um sinal de que as cores do outono estavam a caminho.

Naquela tarde, quando voltou para casa, ele disse para a mãe:

— Parece que as montanhas estão mudando de cor.

Ela continuou a cortar lenha, não disse nada, nem mesmo olhou diretamente para ele. Talvez já tivesse notado a mudança de cor na montanha, ou talvez já tivesse perdido a esperança de que *O-fune-sama* visitasse a costa onde moravam naquele inverno. Isaku não sabia o que lhe ia pela cabeça.

Cerca de duas semanas depois o topo da montanha começou a ficar vermelho, e à medida que os dias passavam a cor foi ficando mais profunda até que se espalhou pelas outras encostas. Nuvens velozes surgiram no céu, e a água ficou mais fria.

As cores do outono se espalharam como fogo na mata, tingindo as encostas antes de envolver a própria aldeia. Nesse meio-tempo os pequenos polvos deixaram a costa para não ser mais vistos.

Kura, a esposa de Takichi, foi a mulher grávida escolhida para realizar o ritual de *O-fune-sama.* Sua barriga já estava bem visível e, sendo uma mulher de constituição alta e robusta, o chefe da aldeia não hesitou em escolhê-la para a tarefa.

Naquele dia, todos da aldeia se reuniram na praia. Com os cabelos penteados e presos na nuca, Kura exibia uma expressão solene ao entrar no barco de Takichi. Ela parecia ainda maior, em contraste com o marido franzino.

Takichi pegou o remo e levou o barco para dentro do mar. Evitando os locais onde a água produzia espuma acima das pedras escondidas, ele remou o barco até um pouco além dos recifes e parou. Kura se levantou e lançou no mar a guirlanda sagrada que carregava. Isaku e os outros juntaram as palmas em oração enquanto o barco se virava e voltava para a praia.

Todos seguiram Kura até a casa do chefe da aldeia.

O chefe estava sentado na posição ortodoxa, as pernas dobradas sob o corpo, ao recebê-la em casa. Kura se ajoelhou diante dele e espalmou as mãos no chão ao se curvar profundamente. Levantando-se, ela chutou a pequena mesinha quadrada colocada diante do chefe. Por pouco a mesinha não se chocou contra a parede e a comida da cuia espalhou-se pelo chão. Kura era muito mais poderosa do que a mulher que Isaku havia visto no ano

anterior; ela até mesmo conseguiu arrancar murmúrios de admiração dos homens reunidos na entrada.

Depois de ajustar o quimono, ela curvou-se novamente para o chefe da aldeia e saiu com Takichi, em direção a sua casa.

Naquela noite Isaku foi convidado para representar sua família na casa de Takichi. A escolha de Kura para o ritual de *O-fune-sama* era uma ocasião de bom auspício, e a tradição dizia que o bebê dela cresceria forte e saudável. O pai de Kura também estava lá. Foi trazido vinho de milho miúdo, e serviram a todos sopa de milho. A mãe de Takichi estava lá, encurvada junto do fogão.

— Depois que a sua esposa chutou a mesa através da sala daquele jeito, as pessoas estão dizendo que é bem possível que *O-fune-sama* esteja a caminho — disse Isaku, tomando um gole do vinho em sua cuia. Bem que um barco podia virar do mesmo modo que a mesinha foi virada, pensou ele.

— Isso seria muito bom — murmurou Takichi. O pai de Kura ficou apenas ali sentado, tomando o vinho enquanto a filha servia água quente na cuia da mãe de Takichi. — Vamos ter problemas se *O-fune-sama* não vier. O bebê significa outra boca para alimentar. Talvez eu tenha de fazer o mesmo que seu pai fez e me vender para evitar que morram de fome — disse ele, olhando placidamente para Isaku.

Isaku teve uma contração involuntária, mas aquilo não era exatamente inesperado. Takichi tinha de assumir a tarefa de sustentar não só sua velha mãe mas também a esposa e o bebê que não ia demorar para nascer. Sem terem conseguido vender o *saury* e, depois com a parca pesca de polvos, a família de Takichi não tinha conseguido reunir grãos suficientes na aldeia vizinha, o que os deixava numa situação difícil.

Essa situação era exatamente a mesma vivida no passado pela família de Isaku. Embora seu pai fosse um ótimo pescador, uma temporada de pesca fraca o deixara sem escolha a não ser vender-se como servo. Havia um limite para a quantidade de comida que podia ser tirada do mar, e a cada ano a pesca era mais escassa. Se *O-fune-sama* não aparecesse na costa naquele ano, haveria uma enxurrada de pessoas se encaminhando para a servidão.

— Eu tive de bater em Kura uma vez para fazer com que pensasse direito. Ela disse que iria assim que o bebê deixasse de mamar. Ela é grande e provavelmente conseguiria um bom preço, mas eu não concordo com isso. Minha mulher não vai vender-se. Eu é que tenho de ir.

Os olhos de Takichi brilhavam enquanto ele falava. O pai de Kura não disse nada, continuou olhando para as chamas em silêncio.

Isaku tomou um gole da sopa de legumes que Kura havia servido para ele, depois foi embora. O vinho o fez cambalear. Lágrimas surgiram em seus olhos enquanto caminhava até sua casa. Ele compreendia como seu pai devia ter se sentido quando deixara a família para trás. Suas últimas palavras tinham sido “não deixe as crianças morrer de fome”, mas Teru tinha morrido. Quando o pai partira, confiando o bem-estar da família a alguém totalmente despreparado como Isaku, devia estar consciente de que a morte entre eles seria algo muito possível. A mãe tentava dar aos filhos tanto alimento quanto possível, colocando os pedaços sólidos de legumes nas cuias das crianças, deixando para si mesma apenas o líquido. Ela sabia o que o pai deles pensava e estava fazendo o que podia para manter as crianças vivas.

Isaku sentiu que balançava diante do mar sem vento, imerso no barulho das ondas.

Isaku tinha apenas uma vaga memória da última vez que *O-fune-sama* havia visitado aquele litoral, mas, quando se lembrou da atmosfera estranhamente festiva, imaginou que devia ser realmente um verdadeiro tesouro para deixar o povo tão alegre.

Ele caminhou pela trilha na direção dos vagos contornos de sua casa contra o céu noturno.

Capítulo 5

Os tons vermelhos e amarelos nas encostas mais distantes começaram a desbotar à medida que a temperatura caía com a passagem de cada dia. Numa manhã, quando o mar estava calmo, Isaku desceu para o chão de terra da casa quando sua mãe lhe falou:

— Leve Isokichi com você de agora em diante.

Isaku olhou para o irmão mais novo, sentado junto do fogo, olhando para ele. De fato, a mãe queria que ele ensinasse Isokichi a remar e a pescar. Apesar de o menino já ter começado a carregar galhos secos da montanha até a casa deles, Isaku achava que seria uma tarefa difícil ensinar ao pequeno Isokichi como tornar-se um pescador.

— Isokichi, por que ainda está aí sentado? — gritou a mãe, dando um tapa com força no rosto do menino.

Isokichi se levantou e correu para o chão de terra, levando a mão à face. Isaku pegou o remo no canto da sala, apoiou-o no ombro e deixou a casa. A mãe e Isokichi o acompanharam, com o equipamento de pesca nas mãos. Com um restinho da madrugada ainda no céu, não havia nenhuma nuvem à vista, o que prometia um dia claro de outono.

Ao caminhar para a praia, Isaku refletiu que já era hora de Isokichi começar a sair para a água. Ele próprio tinha começado a ser levado pelo pai na primavera do ano em que completara sete anos, e Isokichi alcançaria essa idade no Ano-Novo. Com o pai deles longe, sem dúvida a mãe queria que Isokichi se acostumasse a trabalhar no mar o mais depressa possível, para que começasse a ajudar Isaku. Tendo passado todo seu tempo pescando desde que o pai se fora, Isaku previa que o irmão, além de não ajudar muito, provavelmente o empataria, mas ainda assim ansiava por sair para a água com ele. Estava orgulhoso por ter a chance de ensinar a alguém como pescar.

Na praia, levaram o barco para a água. Isokichi fez muita força empurrando. Isaku fixou o remo e conduziu o barco para longe da

areia. A mãe ficou olhando durante algum tempo antes de voltar apressada para casa.

Isokichi sentou-se de pernas cruzadas no fundo do barco, com um brilho nos olhos e um ar tranqüilo no rosto. Para ele, poder sair no mar para aprender a pescar era uma alegria maior que qualquer outra coisa.

— Venha até aqui — disse Isaku. Fazendo o irmão segurar o remo, ele colocou a mão por cima da dele e moveu o remo na água. — Você trabalha o remo com o braço, não com a mão.

Ele ajustou os pés de Isokichi e deu um tapa na nuca dele para colocá-lo na posição adequada. Quando chegaram perto da água borbulhante ao redor das pedras, Isaku pegou o remo da mão do irmão e manobrou o barco ele mesmo.

— Se você não souber virar a proa para mudar a direção, vai terminar nas pedras. Preste atenção no modo como eu trabalho o remo.

Isokichi observava com toda a atenção.

Isaku deteve o barco e lançou âncora antes de colocar isca no anzol preso à linha, que então lançou pela beirada. Não havia nada além de peixinhos pequenos a pescar, mas esses seriam secos e guardados para virar comida no inverno. Sempre que sentia uma fisgada no anzol, ele puxava a linha bem no momento certo e raramente perdia o peixe. Isokichi segurou o pequeno peixe saltando no fundo do barco com as duas mãos.

Isaku levou o barco de uma área de pedras para outra, deixando Isokichi pegar o remo no meio do percurso, remando com sua mão por cima da dele.

Dali em diante, ele passou os dias com Isokichi no mar. O irmão fazia pouco mais que controlar o remo e observá-lo pescar, mas mesmo isso parecia deixá-lo exausto. Logo depois de jantar ele começava a bocejar e ia se deitar em sua cama de palha.

As folhas nas árvores começaram a secar, e punhados de folhas eram levados da floresta pelo vento, caindo como chuva sobre a aldeia. O mar também começou a mostrar os primeiros sinais de inverno, os turbulentos ventos do noroeste tornaram-se mais freqüentes, e a temperatura da água ficou muito fria.

Um dia, quando o mar estava calmo, depois de estarem na água por duas horas, um barco grande o bastante para carregar quatrocentos fardos apareceu contornando o cabo a oeste, seguido por outro com metade do tamanho; ambos desapareceram ao leste. Naquele período do ano o arroz recém-colhido era transportado por barco, e as pilhas de carga que se avistavam no tombadilho eram sem dúvida fardos de arroz.

No dia seguinte, seguindo as instruções do chefe da aldeia, uma cabana provisória foi erguida na praia, iniciando os preparos para extrair sal.

Depois de três dias de calmaria, um vento forte começou a soprar, e borrifos das ondas que colidiam com a encosta choviam sobre as casas mais próximas da orla. Os barcos foram puxados para longe da linha da água e amarrados a estacas fincadas no chão.

Naquela noite, os primeiros fogos foram acesos sob os caldeirões de sal. No caminho de volta do banheiro, Isaku parou e olhou para a praia. As chamas tremulavam ao vento, e ele via as pessoas se movendo ao redor dos caldeirões. Com o céu noturno encoberto, tudo que se podia ver na escuridão era a espuma branca das ondas quebrando perto dos caldeirões. De tempos em tempos ele sentia umidade no rosto.

Sua mãe juntou-se às outras mulheres para retirar o sal dos caldeirões e levá-lo à casa do chefe, carregando para a praia a contribuição de lenha da família para o fogo. Isaku levava Isokichi para pescar nos dias calmos, e à floresta para recolher galhos secos para lenha nos dias em que o mar estava bravo.

Em um dia de vento forte, uma calamidade abateu-se sobre a vila.

Uma noite, Kichizo foi à praia para trabalhar com os caldeirões; quando retornou na manhã seguinte, descobriu que sua esposa havia desaparecido. Ele procurou por toda a aldeia, na praia, nas pedras e na floresta atrás das casas, mas não a encontrou. Pela expressão de pânico no rosto dele, os vizinhos deduziram que algo havia acontecido e avisaram o chefe da aldeia. Quando Kichizo foi interrogado pelo chefe, ficou claro que ele havia sido perversamente cruel com a esposa na noite anterior.

Kichizo nunca conseguira se livrar completamente da suspeita de que sua esposa havia tido um filho de outro homem durante o

período em que ela trabalhara como serva, e essa dúvida às vezes o atormentava. A noite anterior havia sido outro exemplo de sua raiva incontrolável. Aparentemente, depois de bater na esposa, ele havia cortado partes do cabelo dela, amarrado-a, e chegado ao ponto de raspar os pêlos púbicos dela.

O chefe da aldeia escutou a confissão do homem e concluiu que a esposa de Kichizo devia ter ficado tão aterrorizada que havia fugido durante a noite. Ele ordenou que vários homens corressem até a aldeia vizinha.

Eles seguiram para o passo da montanha, mas, quando pararam para olhar perto do cemitério, encontraram a mulher de Kichizo pendurada pelo pescoço em uma árvore não muito distante do crematório. Cortaram a corda para baixar o corpo, enrolaram-no em esteiras de palha e o carregaram para a casa de Kichizo. Kichizo abraçou o corpo da mulher morta e chorou.

Isaku e a mãe foram prestar sua homenagem no velório. O corpo tinha sido amarrado fortemente na posição sentada com corda de palha, as costas apoiadas em um poste funerário. As três manchas roxas no rosto macerado atestavam como tinha sido violentamente espancada. Os cabelos estavam irregulares, em alguns pontos cortados bem rente ao couro cabeludo. Kichizo estava ajoelhado em um canto da sala, a cabeça inclinada para a frente. Normalmente o corpo daqueles que tiravam a própria vida era simplesmente lançado ao mar, mas, como o suicídio da mulher de Kichizo fora resultado do medo que sentira da violência do marido, o chefe da aldeia deu uma permissão especial para que ela fosse colocada para descansar no cemitério.

No dia seguinte, o corpo foi colocado em um caixão e levado para o cemitério, onde foi cremado. Como diziam que os espíritos daqueles que se matavam para acertar uma disputa eram condenados a vagar na aldeia, o chefe ordenou que Kichizo ficasse em jejum em sua casa por cinco dias como penitência, para permitir que o espírito da esposa partisse para além do mar. Mas, na noite em que a esposa foi cremada, Kichizo saiu de casa e lançou-se de um penhasco perto do cabo. A cabeça dele afundou no solo; um globo ocular ficou em cima dos lábios, e o cérebro se espalhou

pelas pedras. Os habitantes da aldeia levaram o corpo dele para o mar e o jogaram na água.

A morte da mulher de Kichizo chocou as pessoas da aldeia. Muitos atribuíam a culpa da tragédia a Kichizo e seu ciúme doentio; ao mesmo tempo acreditavam no rumor de que a esposa de Kichizo havia tido um filho de outro homem.

O mar ficou bravo, e novamente os fogos foram acesos sob os caldeirões de sal.

No princípio de dezembro, chegou a vez de Isaku passar a noite na praia cuidando das fogueiras. O vento não estava muito forte, mas o mar estava agitado, envolvendo Isaku no barulho das ondas que quebravam enquanto ele jogava lenha no fogo. Sob a clara luz da lua, ele podia ver parcialmente o borrifo lançado no ar onde a maré baixa deixara partes do recife expostas.

Isaku sentou-se na cabana, aquecendo-se ao fogo enquanto observava o mar. Tudo que podia discernir à luz do luar era o movimento das ondas subindo e descendo e, apesar de todas as histórias, não podia imaginar *O-fune-sama* vindo de verdade.

Em dias calmos ele trabalhava arduamente, pescando, com Isokichi dando tudo de si no remo, sem nunca chorar quando recebia um tapa na cara por ter colocado os pés na posição errada ou por mover as costas de modo incorreto. Uma mistura de sangue e pus saía dos pontos onde a pele dos dedos das mãos e dos pés tinha se rompido.

A mãe estava dormindo com a irmãzinha, com Isaku e Isokichi deitados lado a lado. Ele estendeu a mão furtivamente e segurou a pequena mão ferida enquanto o irmão ressonava a seu lado. Isokichi sempre ressonava alto quando dormia, e ele normalmente tinha de ser sacudido com violência ou mesmo chutado pela mãe para acordar ao amanhecer.

Naquele ano, a neve veio mais tarde que de costume, mas quando apareceu foi como uma vingança, continuando, sólida, por três dias. As árvores ao redor da aldeia ficaram todas cobertas, e estalactites surgiram nos beirais dos telhados.

Numa noite no final de dezembro, Isaku teve um sonho. Ele ouvia uma voz vindo de longe na escuridão, saindo da água. De súbito a voz ficou mais próxima, e ele foi envolvido pelo som das ondas

quebrando na praia. As ondas o alcançaram, e ele sentiu que estava cambaleando. Então escutou uma voz chamando-o pelo nome bem perto de seu ouvido. Era sua mãe. Ela estava batendo em sua cabeça e chutando-lhe os ombros.

Ele se ergueu nos cotovelos. A mãe o atingiu no rosto, gritando, os olhos muito abertos, o rosto fracamente iluminado pelas últimas brasas do fogo.

— *O-fune-sama!* — gritava ela.

Isaku saltou para fora da cama. Podia ouvir as vozes dos outros lá fora. Não tinha a menor idéia do que fazer.

— Coloque mais lenha no fogo — disse a mãe para Isokichi, que estava de pé, com expressão sonolenta. — Pegue um machado ou alguma coisa e desça para a praia — gritou ela, indo para o chão de terra, colocando a capa de chuva de palha e o chapéu de junco.

Isaku fez o mesmo e pegou seu facão enferrujado. Estava tremendamente agitado; seu coração batia acelerado com a idéia de que o tão esperado *O-fune-sama* havia finalmente chegado. Se fosse um barco cheio de carga, poderiam conseguir não apenas grãos, mas também arroz. Ele se lembrava do gosto doce da pequena quantidade de açúcar branco que a mãe tinha lhe dado quando ficara doente, quando bebê.

Isaku correu porta afora atrás da mãe, que levava um enxadão no ombro. O céu estava salpicado de estrelas, lançando uma luz pálida na trilha coberta de neve. O corpo dele tremia de forma incontrolável, e seus joelhos pareciam que iam ceder sob seu peso.

As pessoas corriam pela trilha quando Isaku chegou à praia. Pôde ver pessoas reunidas ao redor dos caldeirões de sal. Uma massa de madeira estava sendo colocada sob os caldeirões, e fagulhas saltavam no ar enquanto o fogo aumentava. Algumas pessoas seguravam tochas, iluminando a cena o suficiente para Isaku distinguir o rosto do chefe da aldeia.

— Onde está *O-fune-sama?* — perguntou sua mãe.

— Bem aqui na frente. Está inclinado de lado. Sem dúvida rasgou a lateral nas pedras — respondeu um dos homens, com a voz trêmula.

Isaku olhou para o mar. A espuma branca das ondas avançava com o mesmo ritmo de sempre, e borrifos frios caíam sobre eles

cada vez que uma das ondas colidia com a areia. A medida que seus olhos se adaptaram à escuridão, ele conseguiu ver à luz das estrelas o que parecia ser um barco bem grande. O barco estava inclinado, enevoado pelos borrifos das ondas.

A boca de Isaku ficou seca. Lutando para encontrar um caminho no mar bravo, sem dúvida os tripulantes haviam confundido os fogos na praia com luzes de habitações e seguiram em sua direção, acabando por colidir com os recifes. Aquela era a primeira vez que Isaku via *O-fune-sama.* Veio à sua mente a idéia de que talvez o papel de Kura no ritual de *O-fune-sama* tivesse tido resultado, afinal.

Isaku sentiu vontade de gritar a plenos pulmões, mas o chefe da aldeia e os outros ficaram parados em silêncio, olhando para o mar. Com a chegada de *O-fune-sama* suas preces tinham finalmente sido atendidas, e parecia estranho para Isaku que ninguém estivesse pulando de alegria. Surpreso, ele lançava olhares furtivos para as faces ao redor.

— E quanto a brasões nas velas? — ele ouviu alguém perguntar com uma voz penetrante.

— É isso que não sabemos. O vento está tão forte que eles amarraram a vela. E está escuro. Não se consegue ver nada — disse uma voz irritada vinda de perto dos caldeirões.

Isaku por fim compreendeu por que estavam todos tão quietos, e sentiu vergonha por não ter percebido antes. O brasão nas velas indicaria se o barco pertencia a um clã ou se era um navio mercante. Estavam torcendo para que fosse um barco mercante, com sua promessa de maravilhas para a aldeia. Mas se fosse um barco de um clã, saquear a carga estaria fora de questão, pois correriam o risco de ser severamente castigados.

— Kura ainda não está aqui? — perguntou o chefe da aldeia, sendo golpeado pelo vento.

— Ela já deve chegar — disse um homem perto dele.

O chefe da aldeia pedira que Kura viesse novamente até a praia para representar outra vez a mulher grávida, e sem dúvida ele queria que ela orasse para que o barco soçobrado nos recifes fosse mercante.

— Aqui está ela! — exclamou uma voz na multidão quando Kura chegou à praia e caminhou na direção do chefe acompanhada por

Takichi, que trazia uma tocha flamejante na mão. A barriga dela estava enorme e ela se movia com dificuldade.

Kura se curvou para o chefe da vila, pegou a guirlanda sagrada das mãos dele e a segurou com reverência à sua frente antes de caminhar até a água e lançá-la no mar. O som dos sutras ergueu-se da multidão, e Isaku uniu-se a todos nas orações.

O frio ficou mais intenso, e os homens se revezaram jogando lenha nos fogos sob os caldeirões. Seguindo as instruções do chefe da aldeia, mais lenha foi trazida e um terceiro fogo foi aceso, ao redor do qual as pessoas se reuniam para se aquecer.

O vento começou a perder a força com os primeiros sinais da aurora. O céu noturno adquiriu tons azulados e as estrelas começaram a sumir. Os habitantes da aldeia mantiveram os olhos fixos no mar. Fontes de borrifos lançavam-se no ar dos dois lados do recife e, ali, em um dos amontoados de pedras, onde todos podiam ver, encontrava-se o barco naufragado. Ele balançava um pouco cada vez que era atingido pelas ondas.

— Deve carregar duzentos fardos.

— Acho que são trezentos — murmuravam os homens. As velas tinham sido baixadas, os brasões não podiam ser vistos. — Está completamente carregado.

Não havia dúvidas de que o tombadilho encontrava-se cheio do que parecia ser carga. Normalmente, se a tripulação achava que corria risco de afundar, eles cortavam as cordas que mantinham a carga no lugar e a lançavam no mar, tentando estabilizar o navio, mas naquele caso era mais provável que tivessem avistado as luzes e virado na direção da terra.

O céu clareou mais e os contornos do barco ficaram bem visíveis. A lona das velas amarradas para diminuir sua área exposta batia ao vento.

— Posso ver o brasão — disse alguém em voz baixa.

— Não é o brasão do *daimyo.* É um navio mercante! — gritou um dos homens.

Por um momento houve silêncio, então subitamente todos entraram em erupção. Os brasões dos navios dos clãs eram grandes e ficavam no meio das velas, mas o barco diante deles na água tinha apenas um pequeno brasão bem no alto da vela.

Isaku gritou extasiado junto com os outros.

A manhã na praia foi marcada por gritos de vibração e euforia. Algumas pessoas literalmente pulavam de alegria, enquanto outras saltitavam e corriam em círculos, chutando a neve.

Isaku ouviu o som de choro atrás de si; várias mulheres reunidas em um grupo desordenado estavam soluçando, sem dúvida tomadas pela dor e tristeza de suas vidas, vidas nunca livres do medo da fome. Lágrimas surgiram nos olhos de Isaku também. Se seu pai não se houvesse vendido como servo, talvez sua irmãzinha não tivesse morrido.

— Fiquem quietos! — gritou o velho alto parado junto do chefe da aldeia. — Lá em *O-fune-sama,* tem gente lá.

O silêncio voltou a reinar quando os habitantes da aldeia ficaram imóveis, os olhares fixos no barco, cuja parte mais alta erguia-se acima do mar ondulante. Havia mesmo gente a bordo, homens sentados na base do mastro principal, as palmas unidas em prece enquanto olhavam para a praia.

— O chefe da aldeia me pediu para comandar. Eu vou dar as ordens agora. Acalmem-se e façam o que eu disser. Antes de mais nada, precisamos de vigias. Gonsuke!

Um homem com um só braço se aproximou dos caldeirões.

— Como sempre, você está encarregado dos vigias. Quero vigias nas Pontas da Maré e do Corvo. E não perca nada! — disse o velho, perfurando Gonsuke com um olhar de aço.

Gonsuke se curvou, virou-se para os outros e disse:

— Kinta, você vai nos ajudar dessa vez.

Um homenzinho saiu da multidão e colocou-se junto de Gonsuke.

— Sahei, Isaku. Vocês, jovens, têm boa visão. Vão vigiar junto com Gonsuke e Kinta — disse o velho.

Isaku não só ficou desapontado por lhe ser atribuída uma tarefa que não envolvia recolher a carga do barco naufragado, mas também incomodado porque queria muito ver o que o pessoal fazia com o tão esperado *O-fune-sama.* Mas seguiu Sahei e foi ficar junto de Gonsuke.

— Certo, então vamos. Peguem tanta corda quanto conseguirem. E também machados, enxadas e martelos.

Com essas ordens, eles correram de volta para casa. Como que se preparando para a ação, o homem velho pegou um lenço no cinto e o amarrou ao redor da cabeça.

Gonsuke explicou a função dos vigias para Isaku e Sahei. Naqueles mares navegavam dois tipos de embarcação, os que velejavam em alto-mar e os que acompanhavam a linha da costa. Se algum barco passasse ao largo e os tripulantes vissem o que estava acontecendo, a aldeia seria severamente punida por roubar a carga. Os vigias tinham de ficar observando o mar da beira dos promontórios. Se avistassem alguma embarcação, deveriam usar um sinal de fumaça como aviso, e o chefe da aldeia interromperia de imediato os trabalhos no barco naufragado.

— Eu fui escolhido porque enxergo bem de longe. Kinta também tem boa visão. E um trabalho importante. Vocês têm de manter os olhos bem abertos — instruiu Gonsuke.

Kinta e Sahei iriam para o Ponta da Maré a oeste, Gonsuke e Isaku para a Ponta do Corvo a leste.

Com o nascer do dia, os primeiros raios de sol surgiram por trás dos picos nevados das montanhas que circundavam a aldeia. O vento tinha cessado, mas o mar continuava revolto. O barco estava agora perfeitamente visível, com o grande leme partido ao meio e os guarda-mancebos da direita que deviam ter sido arrancados do tombadilho pela força das ondas. Dois homens continuavam junto do mastro, as mãos unidas em prece enquanto olhavam para a praia.

Isaku fez o que Gonsuke ordenou e correu de volta para casa, onde colocou alguns feijões cozidos em um saco que amarrou à cintura. A mãe devia ter ido para a casa do chefe da aldeia porque não havia sinal dela nem da irmãzinha.

Prendendo um machete na faixa da cintura, ele correu para fora da casa e tomou a trilha, onde encontrou Gonsuke esperando com um machado no ombro no começo do trecho na montanha. Os dois seguiram a trilha através da neve antes de subir pela encosta rochosa. Quanto mais subiam, mais conseguiam ouvir os corvos e ver as aves descansando as asas nos galhos das árvores. Gonsuke andava depressa, e Isaku transpirava profusamente no esforço para acompanhá-lo.

Logo chegaram ao alto do promontório. Era a primeira vez que Isaku ia até ali. Gonsuke abriu caminho na neve, afastando os galhos das árvores pequenas. Lá embaixo podiam ouvir as ondas poderosas arrebentando contra as pedras.

A área de vegetação terminou e eles saíram para uma clareira plana e aberta. Encontravam-se bem na ponta do cabo, com a aldeia à esquerda, do outro lado da baía. Podiam ver a água mais esbranquiçada perto do recife, e tinham uma visão clara do navio naufragado. Era o local ideal para posto de vigia. Na extremidade oposta da baía ficava a Ponta da Maré, também coberta por neve, projetando-se mar adentro. Isaku imaginou Sahei correndo atrás de Kinta a caminho da ponta.

— Reúna galhos e troncos mortos — disse Gonsuke, apressado.

Isaku seguiu o homem de novo para a floresta e começou a recolher pedaços de madeira. Gonsuke usou sua machadinha para arrancar a casca de algumas árvores.

Gonsuke acendeu uma fogueira, acrescentando galhos secos assim que o fogo pegou. Isaku trabalhava com o machado, cortando galhos.

— Se colocar neve nesses pedaços de casca de árvore e então os colocar no fogo, vai fazer bastante fumaça, para servir de sinal. Você fica de vigia — disse Gonsuke.

O mar brilhava sob o sol; nenhum único pássaro podia ser visto no céu claro. Isaku se encolheu por causa do vento frio e se aproximou do fogo, mantendo os olhos fixos no mar.

— Eles começaram — disse Gonsuke.

Isaku olhou para baixo, para a baía. Havia vários barcos pequenos saindo da praia em direção ao navio naufragado.

— Mantenha os olhos no mar — gritou Gonsuke, mas ele também estava olhando para baixo, para a baía.

A frota de barquinhos convergiu para o navio e acabou por cercá-lo, como uma horda de formigas ao redor de uma lagarta. Vários barcos se alinharam ao longo do navio, e Isaku viu pessoas subindo a bordo. Imaginou que estariam gritando com a tripulação do navio, mas o silêncio ali em cima era completo.

Os barcos permaneceram ao redor do navio por algum tempo antes de começar a transportar o que parecia ser a carga do navio

para a praia. Essa atividade se tornou mais intensa à medida que os barquinhos faziam o percurso entre a praia e o navio.

As velas sem vida foram removidas e o mastro cortado e lançado na água. Um dos barcos se dirigiu para o ponto onde o mastro flutuava e o rebocou para a praia. A carga foi empilhada na praia e parecia realmente ser composta de fardos de arroz.

Sentindo fome, Isaku comeu alguns dos feijões que tinha trazido.

— É uma carga e tanto — disse Gonsuke, a voz trêmula enquanto olhava para baixo.

— Isso é mais do que outros *O-fune-sama* do passado? — perguntou Isaku.

— Houve alguns navios bem grandes, mas esse volume de carga não é comum. Há muita coisa ali na praia, e ainda não tiraram tudo do navio.

Os olhos de Gonsuke brilhavam de excitação. Sem dúvida, ele sabia o que estava falando, já que exercia a função de vigia toda vez que *O-fune-sama* aparecia. Isaku sentiu o excitamento crescer dentro de si ao pensar na excepcional quantidade de carga.

— O que você acha que tem a bordo? — perguntou ele.

— Bem, antes de mais nada, deve haver arroz, e talvez mercadorias como feijão, tecidos, louça, tabaco, papel para escrever, óleo e açúcar. Uma vez houve um barco que carregava vinte caixas de vinho — disse ele, mostrando os dentes lascados ao sorrir.

Por volta da hora do pôr-do-sol, finalmente pareceu a Isaku que a carga do navio fora toda removida. A atividade na baía começou a diminuir, a maioria dos barcos foi empurrada para a areia, e os habitantes da aldeia começaram a carregar os volumes da praia para a casa do chefe.

A neve nas montanhas que se erguiam atrás da aldeia ficaram tingidas de púrpura antes de dar lugar à noite. Lá embaixo na praia a luz do fogo subitamente piscou, e a aldeia mergulhou na escuridão.

Isaku ajudou Gonsuke a cavar na neve profunda que se acumulara por trás de uma pedra enorme, forrando o interior com folhas secas e grama. Depois eles cruzaram varetas por cima do

buraco e colocaram casca de árvore por cima, então entraram no buraco e deitaram um de costas para o outro.

Apesar da temperatura fria, o ar dentro do buraco foi ficando cada vez mais quente. Gonsuke começou a roncar.

Isaku ficou ali deitado no escuro, os olhos bem abertos. Sem dúvida o chefe da aldeia faria com que os presentes de *O-fune-sama* fossem distribuídos igualmente entre todas as famílias, de acordo com o número de pessoas em cada uma. Como a maior parte da carga com certeza consistia em arroz, Isaku ficou imensamente feliz com a idéia de saborear tal delícia. Seu irmão e irmã menores nunca tinham experimentado arroz, e ele mal podia esperar o momento de servir a eles sopa de arroz. Podia imaginar como o delicioso gosto adocicado da sopa branca os deixaria surpresos.

Gonsuke devia estar certo quanto ao teor da carga, e naturalmente isso queria dizer que cada família poderia esperar receber uma quantidade generosa de alimento e outras coisas. Sem quantidade excedente de *saury* para vender, e com a fraca pesca de polvos no outono, que permitira que comprassem apenas uns poucos grãos, a chegada de *O-fune-sama* era a salvação da aldeia, e significava o fim do medo da fome. Se usado de forma adequada, o presente duraria por dois ou até três anos. Não haveria necessidade de mais pais de família se venderem como servos, e todos poderiam viver em paz e em segurança por um bom tempo. Tami ficaria com a família, e Takichi continuaria a passar seus dias como pescador e pai de seu filho.

Isaku colocou a mão no peito. A chegada de *O-fune-sama* devia-se à intervenção divina, e Isaku queria oferecer uma oração de gratidão, do fundo do coração.

O som das ondas quebrando ao pé do promontório parecia reverberar até o centro da terra. Antes que se desse conta, ele já estava dormindo.

Isaku acordou sendo sacudido pelo ombro.

Gonsuke se levantou e afastou os galhos e casca de árvore que cobriam o buraco. Isaku sentiu o ar frio entrar. Ainda havia estrelas

no céu, mas estavam perdendo o brilho.

Isaku rastejou para fora do buraco. Gonsuke estava assoprando para reavivar as brasas do fogo, e em pouco tempo mais galhos estavam queimando.

Isaku se aqueceu ao fogo enquanto olhava para o mar. O dia nascia, o mar estava calmo. Lá embaixo, na baía, o trabalho já havia começado; ele via o que deviam ser tochas instaladas nos barcos que se moviam na água, assim como no navio naufragado.

Gonsuke cozinhou dois *saury* salgados no fogo, entregando um para Isaku. A gordura pingava do peixe quente, e ele o comeu com os feijões, o que neutralizou o sabor salgado do *saury,* produzindo um gosto incrivelmente bom.

O dia raiou, e o mar foi envolto na claridade da manhã. Borrifos de água subiam uns atrás dos outros no costado do navio enquanto pranchas de madeira e toras eram lançadas na água.

— Parece que eles estão desmontando *O-fune-sama* — disse Isaku, forçando os olhos para ver o que estava acontecendo.

— É porque o barco é feito de madeira boa. Pode ser usada para qualquer coisa. Há pregos e dobradiças ali também. E todas as panelas e jarros da cozinha, sem falar nas facas, baldes e cuias de arroz. Às vezes eles têm até armários ou baús — disse Gonsuke, entusiasmado.

Agora Isaku compreendia por que os mais velhos tinham se preocupado em pegar serras, machados e enxadas. O navio estava sendo desmontado e a madeira era lançada na água.

Os barcos rebocavam a madeira para a praia, onde era empilhada na areia. Dali seria carregada para a floresta atrás da aldeia.

Isaku e Gonsuke olharam para o mar; não havia sinal de barcos. Ao leste podiam ver agora grupos de aves marinhas circulando no ar como flocos de neve, e os reflexos de um cardume de peixes subindo à superfície logo abaixo deles. Não se via nenhuma fumaça do outro lado da baía tampouco, na Ponta da Maré.

Dois barcos pequenos começaram a se mover, afastando-se do navio e seguindo na direção do promontório onde Isaku e Gonsuke se encontravam.

— Eles estão levando os corpos para longe — explicou Gonsuke.

Isaku prestou atenção. Podia ver claramente um volume coberto com esteiras de palha no fundo dos barcos. Finalmente, os barcos sumiram de vista, um depois do outro, lá embaixo ao pé do cabo.

O tumulto ao redor do navio continuava, e logo o barco perdeu seu aspecto original. O trabalho prosseguia depressa, e parte da popa, onde ficava o leme quebrado, já tinha desaparecido. Isaku viu um barco carregando as velas.

Logo depois da Hora do Cavalo, a única parte que restava nas pedras era o fundo do casco. Havia pessoas em pé no recife trabalhando no navio com velocidade impressionante.

Quando a madeira do que pareciam ser beliches foi rebocada, tudo que restou flutuando na água foram pedaços da quilha. Quando estes foram rebocados para a praia, os últimos destroços do navio desapareceram da baía rochosa, deixando nada além de um mar plácido.

— Alguma vez você viu um barco vindo para cá quando estava de vigia? — perguntou Isaku, aos poucos perdendo o interesse na atividade lá embaixo.

— Sim, eu vi. Dois em um mesmo dia — disse Gonsuke, olhando para o mar.

Um fio de fumaça ergueu-se no ar.

— É o sinal de que eles terminaram. É para nós também — disse Gonsuke, jogando neve no fogo. — Vamos descer e dar uma olhada no que eles conseguiram. Parecia ser um casco de bom tamanho — acrescentou ele, balançando o machado que foi equilibrado no ombro.

Isaku seguiu Gonsuke pela floresta, contornando as árvores enquanto se esforçava para acompanhar os passos rápidos do outro. Animado, ele sentia como se estivesse flutuando no ar. Sem dúvida sua mãe e Isokichi tinham trabalhado o dia todo junto com os outros da aldeia.

Ele queria tomar parte na animação da vila o mais depressa possível. Quando chegaram à trilha na montanha, Gonsuke, com o machado no ombro, apressou o passo, começando a correr, com Isaku logo atrás, impaciente para ver os presentes que *O-fune-sama* havia trazido.

Saindo do meio das árvores, eles avistaram a praia lá embaixo, à direita. Esperavam ver as pessoas dançando e comemorando, mas em vez disso todos estavam imóveis perto da água. Surpreso, Isaku parou de correr por um segundo, mas, como Gonsuke continuou em frente encosta abaixo, ele o seguiu.

Gonsuke deixou a trilha e entrou na praia. Ofegante, Isaku caminhou até onde todos se encontravam.

Os habitantes da aldeia estavam reunidos ao redor do chefe, as palmas unidas, olhando para o mar. Isaku finalmente compreendeu que estavam oferecendo preces em agradecimento pelos presentes que o mar trouxera. Quando o chefe da aldeia terminou a oração, o velho parado ao lado dele virou-se para os outros e com a voz animada disse:

— Muito bem. Seu trabalho deixou o chefe feliz. Agora vão para casa e passem o resto do dia orando para seus ancestrais. O presente de *O-fune-sama* será avaliado amanhã.

O chefe deixou o local perto da água, seguido pelos outros, sem que ninguém dissesse uma palavra, mas o brilho em seus olhos e o largo sorriso diziam tudo. Empurrado por Gonsuke, Isaku deu um passo, parando diante do velho. O velho ficou satisfeito quando Gonsuke disse que não tinha havido sinal algum de navios se aproximando.

Isaku se curvou reverentemente e caminhou para casa. Quando afastou a esteira de palha pendurada à porta para entrar em casa, a mãe virou-se para ele sem parar de orar diante do *ihai,* a placa ancestral de sua família. Ela parecia completamente diferente, o rosto corado de felicidade, os cantos da boca virados para cima de um modo que Isaku nunca tinha visto antes.

Ele entrou, juntou as palmas diante da placa ancestral e sentou-se junto do fogo. Sentindo outra onda de felicidade, conteve-se para não pular e dançar pela sala.

O sol tinha começado a se pôr e a temperatura caía. A mãe começou a aquecer o jarro de água com as sementes de trigo-mouro, então pegou um pouco de *saury* salgado e colocou junto do fogo. Obviamente a refeição seria muito mais generosa que de costume.

— O que havia em *O-fune-sama?* — perguntou Isaku à mãe.

— Arroz, muito arroz — disse ela pausadamente, para aumentar o efeito.

— E o que mais?

— Havia algodão e também óleo de semente de coza. Cera, chá, vinho e molho de soja, vinagre e tapetes. Mas o arroz... Este *O-fune-sama* era um navio de arroz — disse a mãe, animada.

Que grande dia é este, pensou Isaku. Era uma alegria ver sua mãe tão falante, e ele sentia que a alegria dela estava contagiando não apenas a ele mas também seu irmão e a irmã; eles estavam sentados, sorrindo, ao seu lado. Quando as sementes de trigo começaram a boiar na água, a mãe acrescentou legumes e algas. A sala ficou escura e os rostos deles tinham reflexos vermelhos por causa das chamas. A fumaça começou a subir dos *saury* colocados no fogo. A mãe encheu as cuias uma a uma, serviu Isaku primeiro, depois o irmão e então a irmã, antes de se servir.

Isaku mordiscou um *saury* e tomou um gole da sopa de legumes. No dia seguinte o arroz seria distribuído, e ele se sentia nas nuvens com a idéia de ver a expressão do irmão e da irmã quando experimentassem sopa de arroz pela primeira vez.

— Só mais um ano e um pouquinho agora — sussurrou a mãe quando pegou sua cuia.

Isaku olhou para ela, imaginando o que ela queria dizer, mas logo percebeu pelo brilho em seus olhos que ela estava pensando em seu pai. Ele tinha partido para um contrato de servidão de três anos, que terminaria mais ou menos na época em que a neve derretesse no ano seguinte ao próximo. Parte dos presentes de *O-fune-sama* sem dúvida ainda existiria, o que tiraria um peso da consciência de seu pai. Se os encontrasse passando fome, o pai poderia considerar a idéia de se vender como servo mais uma vez; mas agora tal medo estava afastado.

A mãe serviu mais sopa para as duas crianças menores, com uma expressão tranqüila no rosto ao manipular os *hashis.* Logo depois de terminar a refeição, a irmãzinha de Isaku adormeceu sentada, por isso a mãe a pegou e levou para as esteiras de palha. O irmão já estava deitado no canto da sala.

— Quantos mortos havia? — perguntou Isaku, lembrando-se dos dois barquinhos que vira do posto de observação no cabo.

A mãe ergueu os olhos enquanto bebia de sua cuia de água quente.

— Três caíram pela beirada e se afogaram. Havia quatro pessoas ainda no barco, contando os feridos, mas todos eles foram mortos — disse ela calmamente.

— Eles resistiram? — perguntou Isaku, observando o rosto da mãe iluminado pela luz do fogo.

— Ouvi dizer que não fizeram nada, apenas imploraram por suas vidas — disse a mãe com uma voz inexpressiva.

Era provável que os tripulantes tivessem cortado seus topetes, pedindo proteção divina. Isaku podia imaginar os homens ajoelhados no tombadilho, os cabelos cortados caídos sobre as tábuas, enquanto imploravam que suas vidas fossem preservadas.

— Não há espaço para a piedade. Seria um desastre se qualquer um deles ficasse vivo. Eles tinham de ser mortos, seus ancestrais decidiram isso, e é assim que sempre tem sido desde então. As regras da aldeia têm de ser seguidas — disse a mãe, com um olhar férreo fixo nele. Isaku assentiu com ar solene.

No dia seguinte o mar estava agitado. As ondas quebravam na costa com estrondo, e as esteiras de palha na entrada das casas balançavam ao vento forte que açoitava a costa.

Isaku e a mãe percorreram a trilha até a casa do chefe da aldeia, com borrifos de água caindo sobre eles toda vez que uma onda arrebentava na praia. Os rostos das pessoas que encontravam no caminho estavam iluminados de alegria.

A área de terra na entrada da casa do chefe da aldeia estava repleto de gente; todos mantinham a voz baixa, falando em sussurros, mas não havia dúvida quanto ao brilho em seus olhos e a alegria em suas palavras. No fundo da sala os mais velhos encontravam-se ocupados colocando galhos de cânhamo no chão para ajudar nos cálculos. Tinha sido decidido que o arroz seria distribuído primeiro.

Os homens curvados sobre as varas no chão ergueram-se quando um deles se colocou de quatro no solo e falou com o chefe.

O chefe assentiu com a cabeça. Quando o velho de confiança sentado ao lado do chefe se levantou, os murmúrios cessaram.

— Havia trezentos e vinte e três fardos de feno a bordo de *O-fune-sama* — anunciou ele.

A multidão pareceu mover-se como um único bloco em reação às palavras. O coração de Isaku acelerou com a notícia de uma riqueza assim tão incrível.

— Cada homem e mulher adulto vai receber três fardos e cada criança receberá um fardo. Os quarenta e nove fardos restantes serão estocados como a parte do chefe da aldeia.

Ouvindo isso, os habitantes da vila tiveram de se esforçar para conter a excitação, e uma série de vozes elevou-se do chão de terra quando algumas pessoas se curvaram profundamente para o chefe da aldeia.

Sorrisos apareceram na face do chefe e dos anciãos, e Isaku viu que a mãe e os outros ao redor choravam de emoção. Aqueles que tinham a partir de dez anos completos eram considerados adultos, portanto Isaku e a mãe receberiam a quota de adultos. Isaku contou nos dedos quantos fardos receberiam, chegando à conclusão de que a família ficaria com oito fardos.

— Vamos ficar com oito fardos! — exclamou ele excitado para a mãe.

— Oito fardos! — repetiu ela, chorando e olhando para o filho. Lágrimas continuavam a surgir nos olhos dela e a escorrer pelo rosto. Pela expressão no rosto da mãe, Isaku achou que ela estava lutando para controlar os soluços e lágrimas.

Quando os habitantes voltassem para a aldeia do trabalho servil, o chefe lhes entregaria sua quota de arroz estocado. Quando o pai de Isaku voltasse na primavera do ano depois do próximo, ele receberia sua quota também, e a família teria ainda mais benefícios.

O chefe da aldeia se levantou, acompanhado pelos velhos. Os outros os seguiram até a área atrás da casa. Havia fardos demais para caber na área de estoque, portanto haviam sido empilhados do lado de fora, sobre esteiras de palha. Isaku olhou por cima dos ombros dos outros para os fardos de arroz como se estivesse contemplando um tesouro magnífico.

Seguindo as instruções dos velhos, os homens começaram a separar os fardos de feno. Usando as varas de cânhamo, foram contando o número de fardos. Quando os velhos chamaram o nome de Isaku, oito fardos de arroz foram colocados no chão com duas varas longas, e duas mais curtas que simbolizavam a quota de seu irmão e irmã. Ele pensou que, se a irmã Teru não tivesse morrido, outra vara curta teria sido colocada ali.

Quando terminaram de distribuir as varetas, todos se prostraram diante do chefe da aldeia murmurando palavras de agradecimento. Muitos juntaram suas mãos em oração.

O mais velho ergueu sua voz de modo a ser ouvido.

— Comam o arroz um pouquinho por vez. Não sabemos quando *O-fune-sama virá* novamente. Pode levar anos. As pessoas que ficarem muito acostumadas com o gosto do arroz vão sofrer as conseqüências. Vocês homens devem se manter ocupados pescando, e as mulheres devem continuar a procurar mariscos na praia.

Os habitantes da aldeia se curvaram novamente. Em seguida todos se levantaram e ficaram diante de seus respectivos fardos de arroz, dezesseis grupos no total. Os chefes de família saíram para a trilha carregando seus fardos.

— Você nunca vai conseguir carregar isso — disse a mãe de Isaku.

Ele segurou a corda do fardo e tentou erguê-lo sobre o ombro, mas não conseguiu fazer com que subisse acima da cintura. Era bem mais pesado do que ele esperava.

— Molenga! — disse a mãe, mas o sorriso no rosto dela mostrava como estava feliz.

Ela ergueu o fardo e o colocou no ombro, os quadris ondulando um pouco enquanto seguia pela trilha. Isaku ruborizou, sentindo-se embaraçado ao pensar que ele, que supostamente era o provedor da família, era incapaz de carregar um fardo de arroz no ombro; e, ainda mais, sua recém-descoberta habilidade para pescar não contava para nada quando a questão era masculinidade, um fato humilhante.

A mãe fez várias viagens entre a casa do chefe da aldeia e a casa deles, onde empilhou os fardos em cima de algumas tábuas na área

de chão de terra. Depois de *carregar o* último fardo, ela bebeu um pouco de água, limpou o suor da testa e sentou-se para descansar antes de tirar um pouco de arroz de um dos fardos e o colocar como oferenda diante do *ihai,* a placa ancestral. As crianças imitaram a mãe quando ela se ajoelhou para orar.

No final da tarde a mãe colocou um pouco de arroz em uma panela e começou a cozinhá-lo. O cheiro espalhou-se no ar e fez com que viessem à mente de Isaku suas memórias do sabor do arroz enquanto olhava para a massa branca na panela, onde os grãos inchados saltavam para cima e para baixo. A mãe serviu um pouco da sopa de arroz. Ele ficou maravilhado assim que a levou aos lábios: um gosto rico e refinado. Era como se estivesse sendo abastecido de força. O irmãozinho e a irmãzinha comeram sem dizer uma palavra, mas não havia como confundir a expressão de surpresa em seus rostos.

O pai de Kura veio se encontrar com a mãe de Isaku e a acompanhou até a casa de Takichi. Porque Kura tinha realizado tão bem o papel no ritual de *O-fune-sama,* ela estava agora sendo louvada na vila. Foi feita uma celebração em honra dela na casa de Takichi.

Um pouco depois a mãe de Isaku voltou para casa de muito bom humor.

— Ela foi bem recompensada. O chefe da aldeia mandou três fardos de arroz e também vinho. Ele disse que foi o chute perfeito dela na mesa que trouxe *O-fune-sama.*

A mãe de Isaku obviamente havia bebido; ela respirou profundamente depois de tomar um pouco de água da moringa.

O rugido das ondas quebrando parecia opressivo aos ouvidos, mas não conseguia estragar a alegria que dominava a aldeia.

Isaku deitou-se para dormir ao lado de Isokichi.

A distribuição de bens continuou no dia seguinte. Óleo de semente de coza, molho de soja, vinagre e vinho foram separados em função do tamanho de cada família, e as pessoas levaram suas quotas em jarros e cuias. A cera e metade do chá seriam armazenadas na casa do chefe da aldeia, que também funcionava como ponto de encontro da aldeia. O tatame também foi guardado lá.

Naquela noite os fogos sob os caldeirões de sal foram acesos novamente porque o chefe da aldeia queria encorajar seu povo a voltar à rotina diária, ou a sorte inesperada poderia fazer com que sucumbissem à indolência. Mesmo assim, eles esperavam que fossem abençoados com outro *O-fune-sama.*

Os homens começaram a sair para pescar novamente nos dias calmos, trocando olhares animados de um barco para o outro. Alguns até mesmo acenavam ou sorriam para Isaku sem nenhuma razão especial.

Isaku levou Isokichi para a água, mas pensar nos fardos de arroz e nos outros luxos empilhados em casa fazia com que perdesse a concentração. Às vezes, puxava a linha e descobria que a isca tinha sido levada. Com comida suficiente para durar um longo tempo, Isaku perdeu a fome necessária para pescar peixes pequenos.

Mesmo as mulheres que procuravam mariscos e algas do mar na costa pareciam passar mais tempo conversando do que trabalhando. As risadas delas podiam ser ouvidas através da água.

Chegou a vez de Isaku de cuidar dos fogos na praia. Ele tinha pensado que *O-fune-sama* fosse apenas um pouco mais do que um sonho exagerado do povo da aldeia, mas, agora que tinha vivido pessoalmente a experiência, sentia a importância do trabalho nos fogos dos caldeirões e o que mais desejava era que *O-fune-sama* aparecesse quando ele estivesse ali na praia trabalhando.

O ano terminou e o dia do Ano-Novo chegou. Isaku passou a ter onze anos de idade.

Segundo o costume, durante o feriado de Ano-Novo todos na aldeia ficavam em casa. O mar estava bravo, e cada dia mais neve caía. O retorno ao trabalho no sexto dia do Ano-Novo foi marcado por um céu claro com pouco vento, mas o mar ainda se lançava contra a praia com ondas altas. A mãe colocou uma porção generosa de arroz na panela para cozinhar. Pedaços de lula seca queimavam lentamente no fogo. Havia também um prato de polvo em conserva.

Isaku tomou um gole da sua grande porção de sopa de arroz e experimentou a lula grelhada. Era a primeira vez que tomava um

café da manhã digno de um Ano-Novo.

Depois da refeição, eles todos foram prestar homenagem aos túmulos dos ancestrais. Tanta neve havia caído que chegava à altura dos quadris. A mãe de Isaku amarrou a filha nas costas para acompanhar as outras pessoas da aldeia até o cemitério. Retiraram a neve dos túmulos, colocaram vários grãos de arroz em cada lápide e oraram. Em seguida arrastaram-se de volta pela trilha até a casa do chefe da aldeia. O céu estava azul e a luminosidade refletida na neve os cegava.

Quando entraram na casa do chefe da aldeia viram três dos mais proeminentes membros da comunidade sentados ali, bebendo vinho. Isaku e sua família se curvaram quando ofereceram saudações de Ano-Novo ao chefe da aldeia, que sorriu e assentiu, agradecendo.

Quando chegaram em casa, a mãe serviu para Isaku um pouco de vinho de uma jarra. Ele o levou aos lábios e sentiu seu calor se espalhar pela boca.

A mãe tomou um gole.

— É um vinho bom. Eu nunca tinha experimentado nada assim antes na vida. O vinho feito de arroz é tão diferente — disse ela, balançando a cabeça, impressionada. O vinho encorpado não só fez Isaku sentir o calor se espalhar como também o deixou de bom humor.

— Na próxima primavera papai vai voltar. Espero que ele esteja bem quando voltar — disse Isaku para a mãe, que se virou bruscamente para ele.

— Não seja estúpido! Claro que ele vai estar bem quando voltar. Seu pai está acima dos homens normais. Ele não é do tipo que fica doente — disse ela, brava.

Isaku conservou um gole do vinho na boca. O pensamento de como desejava tornar-se um bom pescador antes de o pai voltar para a aldeia passou por sua mente. E também tornar-se forte o bastante para erguer com facilidade um daqueles fardos de arroz.

O vinho começou a subir à cabeça, e tudo pareceu girar. Tomando o resto do vinho de uma só vez, Isaku cambaleou até sua cama de palha e se deitou. Adormeceu em um instante.

Quando acordou, a sala estava imersa em uma escuridão quase completa. O cheiro da sopa de arroz espalhava-se pelo ar, e ele divisou o irmãozinho e a irmãzinha perto do fogão.

A mãe foi até a mesa ancestral e acendeu o pavio que saía de um prato contendo óleo. O irmão e a irmã levantaram-se e foram até lá, os olhos fixos na luz brilhante. Isaku se levantou e olhou para a luz, um pequeno fio de fumaça subindo da chama tremeluzente.

A atmosfera alegre na aldeia prolongou-se além do Ano-Novo. Levando vinho, os homens visitavam uns aos outros para beber e conversar, enquanto as mulheres ficavam conversando e tomando chá. Contavam até sobre um velho que disse que iria muito feliz encontrar o Criador agora que tinha experimentado açúcar branco.

Cada vez que a mãe de Isaku ouvia sobre como as outras famílias estavam cozinhando e comendo o arroz, ela balançava a cabeça, franzindo o cenho.

— Estas coisas não duram para sempre. Aqueles que não têm determinação em períodos de fartura são os que mais irão se lamentar depois — murmurou ela, falando para si mesma tanto quanto para quem estivesse em volta. Na casa deles o arroz era usado aos poucos, e apenas para fazer sopa.

Mesmo em dias calmos viam-se poucos barcos passando. A maior parte do transporte de arroz era feito antes do final do ano, e era raro um barco arriscar-se a ser pego por uma tempestade. Não muito depois do Ano-Novo eles viram um barco grande, claramente um navio de um *clã,* a julgar pelo brasão no centro da vela, que passou ondulando no horizonte antes de sumir por trás do cabo.

No final de janeiro, Kura deu à luz uma menina. Takichi queria um menino, e a princípio ficou desapontado. Mas logo mudou de idéia quando o chefe da aldeia não só os presenteou com arroz e vinho, mas também denominou a menina Tama, ou jóia.

Isaku foi com a mãe até a casa de Takichi; ela levava uma cuia com um pouco de arroz. Havia uma guirlanda sagrada de palha pendurada sobre a porta, e o bebê estava dormindo junto de Kura no tatame emprestado a eles pelo chefe da aldeia. A mãe de Isaku colocou a cuia na frente do bebê, junto de várias outras oferendas, e então juntou as mãos em oração. Diziam que as almas dos ancestrais mortos voltavam do outro lado do mar para se abrigar no

útero das mulheres grávidas da aldeia. A filhinha de Kura era, portanto, a reencarnação de um dos ancestrais deles; por isso os parentes a visitavam para entregar oferendas.

Isaku sentou-se junto da mãe, com os outros parentes, ao redor do fogão. Eles trocaram cumprimentos e saudações e encheram as cuias uns dos outros com vinho. A mãe de Isaku parecia estar pensando em Teru, que havia morrido fazia um ano, ao baixar os olhos para o bebê. Dizia-se que muitos anos transcorriam antes de a reencarnação ocorrer, então sem dúvida Teru ainda devia estar na tranqüilidade oferecida pela morte.

Os parentes falaram sobre como o desempenho de Kura no ritual tinha sido a razão de a vila ter sido abençoada com *O-fune-sama* e que ocasião de alegria tinha sido o chefe da aldeia ter dado o nome da menina.

— Tama certamente tem sorte por nascer quando temos o arroz de *O-fune-sama.* Se ela comer arroz, não vai ficar doente; ela vai crescer saudável — disse um dos parentes, enquanto os outros assentiam.

Kura parecia satisfeita, deitada de lado, descansando.

O trabalho de extração de sal prosseguiu, e Isaku cumpriu seu turno passando a noite cuidando dos fogos na praia durante uma tempestade de neve. Pela manhã, depois de ter apagado os fogos sob os caldeirões, algumas mulheres vieram até a praia carregando tinas. Tami estava entre elas. Isaku observou enquanto as mulheres raspavam o sal dos caldeirões e o colocavam nas tinas. Seus olhos naturalmente se concentraram no corpo de Tami. O rosto dela tinha ficado longo e magro, e ela parecia ter crescido um pouco. Era esguia agora, mas mais arredondada nos quadris, e subitamente passara a ter um ar de mulher adulta.

Uma sensação dolorosa e sufocante o dominou. Isaku sabia que Takichi tinha tido relações com Kura quando se encontraram na floresta, e ele ansiava por se aproximar de Tami da mesma forma. Mas não podia imaginar-se sendo capaz de chegar perto de Tami, quanto mais falar com ela se a oportunidade aparecesse.

Tami prendeu duas tinas cheias de sal à sua vara de carregar baldes e se afastou pela neve, em direção à casa do chefe da

aldeia. Isaku apagou o fogo na pequena cabana e correu para a trilha que saía da praia.

Sem outros navios passando, não havia mais sentido em produzir sal. A aldeia estava enterrada sob a neve profunda. Às vezes Isaku e a família tentavam se aquecer sentando-se de costas para o fogo. Havia uma esteira de palha pendurada na porta; pela manhã ela estava dura e congelada, grudada aos batentes; era preciso bater nela com um galho para soltá-la.

Quando fevereiro chegou, a temperatura tornou-se mais amena e o mar mostrou-se calmo durante vários dias seguidos. Quando os primeiros sinais de flores de ameixeira foram vistos nas montanhas, o chefe da aldeia ordenou que parassem de produzir sal. A estação de *O-fune-sama* tinha acabado.

Capítulo 6

Os primeiros sinais da primavera tornaram-se mais pronunciados à medida que os dias passavam e a neve que cobria a aldeia começava a derreter. As casas vibravam quando a neve escorregava dos telhados. Vapor subia da palha úmida dos telhados de sapé.

Com a chegada da primavera, as pessoas tornaram-se mais animadas. Quando a temperatura subiu os peixes também vieram mais para perto da costa, e começaram a aparecer mariscos entre as pedras. O estoque de arroz de cada casa significava que não haveria falta de grãos, e com os frutos do mar também maduros para ser colhidos, a aldeia poderia se alimentar muito bem.

Isaku notou a mudança no rosto das pessoas. Um brilho de satisfação substituíra a expressão endurecida. Alguns homens sentavam-se fumando na frente de suas casas, enquanto outros ficavam na praia sem fazer nada.

Isaku ouviu dizer que alguns dos habitantes da aldeia estavam falando sobre realizar uma viagem à aldeia vizinha para vender sal. Um homem de meia-idade que Isaku encontrou na trilha olhou tristemente para cima, para a trilha que subia a encosta da montanha, e murmurou:

— Será que temos mesmo que ir vender sal este ano?

A cada ano, no final de fevereiro, o sal produzido durante o inverno era carregado até a aldeia vizinha e trocado por grãos. Mas, com os fardos de arroz estocados em cada uma das casas, não havia necessidade de vender o sal em troca de uma quantidade ínfima de grãos.

O sal era pesado, e carregá-lo montanha acima pela trilha e através do passo era uma tarefa penosa. Em ocasiões anteriores, algumas pessoas haviam escorregado e quebrado a perna e, mesmo caminhando do nascer ao pôr-do-sol, levavam três dias para chegar à aldeia vizinha.

Na família de Isaku, era a mãe quem se encarregava da empreitada, mas ela franziu o cenho em silêncio quando Isaku

disse:

— Parece que muita gente está dizendo que não quer vender sal.

Um dia, quando o mar estava com ondas altas, Isaku foi até a casa do chefe da aldeia, onde foi feita uma reunião. A área de terra da casa estava repleta de homens e mulheres, O chefe da aldeia estava sentado junto do fogo, e ao lado dele encontrava-se o velho, que se levantou e ficou na frente deles.

— Aqueles que quiserem ir vender sal vão partir ao nascer do dia, amanhã. Ouvi dizer que alguns de vocês não querem ir. Vocês entendem como isso é insensato? Nós vamos todos os anos. O que as pessoas da aldeia vizinha vão pensar se não aparecermos este ano? Sem dúvida vão imaginar que conseguimos alguma outra fonte de alimento. Logo ficarão sabendo que fomos abençoados por *O-fune-sama* com seus presentes. Vocês não pensaram nisso? — A voz do velho exprimia raiva.

Os que estavam ali reunidos assentiram solenemente, em silêncio, alguns baixando os olhos, envergonhados. O velho examinou-os por segundos antes de continuar:

— Vocês vão partir amanhã cedo. A única comida que levarão será milho e peixe seco. Nem um único grão de arroz! Não façam nada nem dêem nenhum indício que sugira que não estamos a ponto de morrer de fome.

Os olhos do velho adquiriram novamente o brilho do aço enquanto ele retornava à sua posição junto do fogo.

As pessoas se retiraram e Isaku foi para casa. Ele contou à mãe o que o velho dissera e depois falou:

— Eu irei este ano.

— Um fracote como você carregando sal? — disparou a mãe.

A humilhação que Isaku sentira quando não conseguira erguer o fardo de arroz voltou. A mãe havia rido quando o chamara de molenga, mas dessa vez ele podia sentir o desprezo na palavra “fracote”.

Na manhã seguinte a mãe acordou na Hora do Boi — cerca de duas da manhã —, preparou um pouco de milho e o embrulhou em algas, junto com alguns *saury* secos. Na Hora do Tigre — cerca de quatro da manhã — ela calçou os sapatos, pegou um bastão grosso e saiu de casa.

Isaku ficou diante da porta e observou a fila de pessoas emergir da casa do chefe da aldeia e seguir para a viagem para vender sal. O céu estava ficando azul. Com a carga de sal nas costas, as pessoas se apoiavam em varas e avançavam com passos determinados.

Quando chegaram à trilha da montanha, a luz do sol já iluminava parte do mar. Por fim, a fila de pessoas desapareceu no meio das árvores, passando pelos últimos sinais de neve na trilha.

Elas reapareceram na trilha da montanha sete dias depois, à tarde. Isaku correu para a trilha com os outros. As pessoas enfileiradas pareceram notá-los e pararam de andar. Baixaram a carga e se espalharam ao redor da trilha, sentando-se ou deitando-se de costas. Isaku correu até sua mãe. Havia manchas de sangue nos ombros dela, e os pés estavam cobertos de terra e sangue das bolhas arrebentadas. Os lábios dela estavam secos, e o peito subia e descia laboriosamente. Isaku e os outros usaram varas de carregar baldes para levar os grãos. A mãe dele se levantou e caminhou mancando encosta abaixo.

Os fardos de grãos foram empilhados na área junto da casa do chefe da aldeia. A mãe de Isaku e os outros vieram arrastando seus bastões, cansados, e sentaram-se, dobrando as pernas sob o corpo, do modo formal.

Isaku ficou na área, mas a julgar pela atmosfera na casa ele sentia que algo estava errado. Com olhares assustados nos rostos, cada uma das pessoas lá dentro parecia estar disputando o direito de contar algo para o chefe da aldeia. O rosto do chefe da aldeia ficou pálido.

Em pouco tempo a notícia se espalhou, informando que quando aqueles que levavam o sal para vender tinham visitado o intermediário dos contratos de servidão, que também agia como mercador de sal, eles haviam sido interrogados por dois homens. Esses homens eram de uma agência de barcos de transporte de um porto no extremo sul da ilha, que cuidava dos barcos na rota ocidental; eles estavam ali para perguntar sobre um barco com carga de duzentos fardos que havia desaparecido. O barco estava totalmente carregado com arroz e cerâmica, e tinha partido no final do ano anterior, com ventos favoráveis. Parecia que o tempo tinha

ficado ruim no meio do viagem, mas os encarregados da agência de transporte não haviam ficado particularmente preocupados, porque o capitão do navio era um marinheiro veterano que havia enfrentado muitas tempestades no passado. Eles mencionaram que na primavera anterior o barco tinha passado por uma reforma em larga escala, onde madeira podre, metais enferrujados e coisas assim tinham sido substituídos. Era um navio antigo que chamavam de *Vovozinha,* que começara a ser usado fazia treze anos.

O barco devia estar indo para norte pela costa oeste da ilha, mas desaparecera no caminho. Não chegara ao destino, e também não havia indícios de ter procurado abrigo em nenhum porto. O capitão do barco era um homem honesto; não havia a hipótese de que ele houvesse fugido no barco para roubar a carga. Ou o navio afundara em alto-mar, ou se destroçara em algum ponto da costa.

Se o navio tivesse se chocado contra alguma pedra na costa, deveria ser possível recuperar parte da carga. Como tinham presumido que deviam procurar apenas na costa ocidental, fora para lá que a agência despachara seus homens.

O momento de desaparecimento do navio era mais ou menos o mesmo do surgimento de *O-fune-sama,* mas como o barco que batera contra o recife na frente da aldeia tinha capacidade de cerca de trezentos fardos, ficava claro que aqueles homens estavam procurando um outro navio. Mas o fato de aqueles homens estarem procurando um navio perdido colocava a aldeia em grande perigo.

Isaku e os outros pareciam ansiosos ao entrar na área de terra da casa, olhando para o chefe da aldeia.

O chefe voltou para junto do fogo e falou em voz baixa com os membros mais idosos da comunidade. Ainda havia evidências na aldeia de todo tipo de coisas trazidas para eles por *O-fune-sama.* Apesar de a madeira do barco ter sido levada para um local na floresta, o arroz e outras mercadorias encontradas junto com a carga haviam sido distribuídos entre as famílias. Se aqueles homens fizessem alguém os guiar até a aldeia e dessem uma olhada dentro das casas, encontrariam artigos que um povo como eles jamais poderia ter e ficariam desconfiados. Sem dúvida iriam perceber que aquelas pessoas haviam se apossado da carga de um navio naufragado.

Os oficiais viriam para prender os habitantes da aldeia e os submeteriam a duro interrogatório. No transcorrer desse interrogatório, a prática antiga da aldeia de atrair *O-fune-sama* seria revelada. Se isso acontecesse, o chefe da aldeia e muitos outros, incluindo mulheres e crianças, estariam condenados a um fim trágico. A aldeia deixaria de existir. O fato de os homens da agência de transporte terem chegado até a aldeia vizinha e de terem se desviado de seu caminho para interrogar até aqueles que estavam vendendo sal era uma prova clara de que a aldeia deles estava dentro da área onde calculavam que o navio pudesse ter naufragado.

Todos os homens reunidos com o chefe da aldeia ficaram pálidos; alguns usavam as duas mãos para impedir que os joelhos tremessem violentamente, Isaku também começou a tremer.

O chefe da aldeia, de constituição franzina, disse alguma coisa para o velho, que assentiu, levantou-se e foi até a assembléia de aldeões reunidos.

— Escutem com atenção. Vamos esconder cada coisa nas montanhas. Tudo que *O-fune-sama* nos trouxe. Vocês vão construir cabanas lá em cima para estocar as coisas, mas primeiro temos de levar tudo para a floresta. As cabanas serão construídas depois — disse o velho em tom muito sério.

Os habitantes da vila se curvaram, depois se ergueram e correram para casa.

Isaku observou a mãe se levantar, e a seguiu enquanto arrastava os pés, apoiando-se numa vara. Quando pensou nos ombros cortados e nos pés machucados da mãe, e como ela carregara de forma instável aqueles fardos de arroz, amaldiçoou sua própria falta de força.

Quando a mãe entrou em casa, ela parou diante de um dos fardos de arroz estocados na área de terra e o ergueu no ombro. O grande peso era obviamente um desafio para ela, que cambaleou ao sair pela porta de trás. Isaku a seguiu, carregando a jarra com óleo de coza e uma pequena bacia com molho de soja.

A mãe avançou lentamente, subindo a encosta estreita para as montanhas na parte de trás da vila. De vez em quando parava para

recuperar o fôlego. Isaku a acompanhava temeroso, receando que as costas da mãe se quebrassem.

Havia árvores por todos os lados quando a mãe entrou pela trilha da floresta adentro. A luz do sol se esgueirava por entre as folhagens, permitindo que os pessegueiros florescessem nos menores espaços possíveis. A mãe colocou o fardo de arroz atrás de uma pedra grande e se sentou, ofegando, com pingos de suor escorrendo pelo rosto.

— Corte um pouco de lenha com o machado e faça uma fundação — disse ela, levantando-se e indo para a trilha.

Isaku correu para casa e pegou uma bacia cheia de vinho e um machete antes de voltar para a floresta. Bateu com a lâmina do machado no tronco de uma árvore; depois de derrubá-la ele cortou os galhos com o machado e deitou o tronco no chão por trás da rocha. Após alinhar vários desses troncos lado a lado, sua mãe colocou os fardos de arroz em cima deles. Já era quase noite quando terminaram de colocar ali o oitavo e último fardo, do qual já haviam consumido uma parte, e Isaku os cobriu com esteiras de palha para protegê-los da chuva.

Naquela noite a mãe de Isaku teve febre muito alta. Isaku aplicou um cataplasma de ervas medicinais nos machucados dos ombros e pés, mas os ferimentos estavam cheios de pus. A mãe cerrava os dentes e gemia de dor.

Na manhã seguinte, Isaku fez sopa de legumes e alimentou a mãe prostrada, assim como o irmãozinho e a irmãzinha, antes de ir para a floresta com Isokichi. Trabalharam arduamente para fazer uma cabana com pedaços de madeira. A única preocupação deles era proteger os fardos da chuva e do orvalho, por isso colocaram palha de grama entre as tábuas do teto e do chão. Sombras de galhos balançavam por cima do teto.

Quando voltaram para casa, a mãe estava sentada junto do fogo, assando feijões.

— Você já consegue levantar-se? — perguntou Isaku, mas a mãe permaneceu em silêncio.

O rosto dela estava pálido e doentio, as faces afundadas, e as pernas, mantidas separadas, azuis e inchadas. Ele pegou o

cataplasma de ervas medicinais no canto do chão de terra e o colocou perto da mãe.

— Vá até a casa do chefe da aldeia e informe que cada grão de arroz foi levado para a floresta e que você construiu uma cabana para proteger tudo — disse a mãe, continuando a cuidar dos feijões.

Isaku assentiu e saiu de casa. O céu a leste tinha um brilho vermelho, e o mar brilhava abaixo. A cor do céu o fez lembrar-se do sangue dos marinheiros mortos. Ele correu pela trilha da aldeia.

Um silêncio estranho reinava sobre a aldeia. Naquela época do ano havia muito a ser recolhido na praia, mas não havia ninguém à vista na areia. Mesmo as crianças sentiam o humor dos adultos e não estavam brincando e correndo pela trilha. Depois de esconder todo o arroz e as outras coisas nas montanhas, os habitantes da aldeia passaram os dias enfurnados em casa, contendo a respiração. A mãe de Isaku cuidou dos ferimentos enquanto secava grãos vindos da outra aldeia ou tecia panos no tear.

Isaku passou o tempo reparando seu material de pesca, e ocasionalmente olhava pela porta dos fundos para a trilha que seguia até a aldeia vizinha, ou para o mar. Se os homens da agência de transporte viessem, seria ou pelo passo nas montanhas ou de barco pela costa. Tinham falado em colocar vigias perto do passo e nos promontórios, mas desistiram da idéia porque, como alguém observara, se eles percebessem os vigias, isso iria levantar suspeitas.

Isaku ouviu os homens da aldeia discutindo como seria a punição. Ficou aterrorizado. Falaram sobre pessoas sendo chicoteadas, depois arrastadas e puxadas por uma corda e então crucificadas de cabeça para baixo e espetadas com lanças até as entranhas caírem. Falaram sobre pessoas sendo cortadas com uma serra antes de ser crucificadas. Se descobrissem que tinham roubado a carga de um navio e espancado o capitão até matá-lo, sem dúvida o destino de todos seria similar a isso.

Apenas uma trilha levava para fora da aldeia, e para chegar à aldeia vizinha era preciso seguir as trilhas mais estreitas cortadas no coração das montanhas, passando por um vale e picos pelo caminho. Isaku havia ido até a aldeia vizinha pela primeira vez quando seu pai partira para a servidão, e a sensação de poder que

lhe causara fora suficiente para deixá-lo zonzo. Fileiras de casas e lojas vendendo todo tipo de coisa, assim como construções de dois andares para acomodar viajantes. As ruas eram cheias de gente, e ele vira coisas das quais tinha apenas ouvido falar mas nunca vira antes, tais como um boi, que passara diante dele com carga amarrada nas costas. No porto ele vira navios de carga e de barcos de pesca. Não parara de se mover por um segundo, olhando tudo de forma incansável, até ficar exausto.

Tinham passado apenas uma noite no chão de terra da casa do intermediário, mas Isaku nunca iria se esquecer da sublime tranqüilidade que experimentara quando atravessara novamente o passo nas montanhas e avistara as casas de sua aldeia lá embaixo. Estava certo de que nunca poderia viver em outro lugar que não fosse aquele.

No momento em que ouviu dizer que os agentes da transportadora estavam procurando um navio desaparecido, a aldeia vizinha passou a representar para Isaku tudo que era misterioso e assustador. A vila vizinha ficava localizada na mesma ilha e pertencia à vasta extensão de terra do outro lado do mar. Cada aldeia tinha seu próprio código de leis, passado adiante através das eras.

Raro como era, via-se o aparecimento de *O-fune-sama* sob a mesma luz dos inesperados cardumes de peixes que às vezes apareciam perto da costa, ou quantidades especialmente grandes de cogumelos ou legumes da montanha encontrados na floresta. *O-fune-sama* era parte dos presentes oferecidos pelo mar, e seu aparecimento acabara de salvar as pessoas da aldeia da fome. Para a aldeia de Isaku, o naufrágio de *O-fune-sama* era a coisa mais alegre possível, mas para outras pessoas, em outros lugares, tais como a aldeia vizinha, era algo ruim e que merecia a punição máxima. Mas se *O-fune-sama* não abençoasse sua praia, a aldeia havia muito teria deixado de existir, e a baía não seria mais que uma área de mar rodeada por pedras. Seus ancestrais haviam vivido ali, e eles, por sua vez, só podiam sobreviver graças a *O-fune-sama.*

Diziam que as almas dos mortos da aldeia iam para longe pelo mar e que, com o tempo, voltariam para encontrar abrigo no útero de uma mulher grávida. Não havia nenhum lugar para onde elas

poderiam retornar além da aldeia. Se retornassem para um lugar onde as regras fossem diferentes, onde eventos festivos fossem considerados crimes, o resultado não seria bom. Se Isaku viesse a constituir sua própria família, sabia que teria de ir até a aldeia vizinha vender sal e outras coisas, mas estava determinado a evitar tais viagens. Queria permanecer na segurança da aldeia onde seguiam princípios fixos de como viver.

Às vezes ele pensava sobre sua própria morte. Seu corpo sendo queimado e os ossos enterrados no chão, sua alma deixando a aldeia e seguindo por cima da água, realizando uma longa jornada antes de alcançar o lugar longínquo no mar onde as almas dos outros mortos da aldeia estariam esperando. Os espíritos tinham uma moradia no fundo do mar onde tudo era claro e brilhante. Densos campos de algas marinhas balançavam como bosques de árvores, e todo tipo de mariscos e outras conchas coloridas se agarravam às pedras, brilhando como madrepérola.

Cardumes de peixes pequenos, as escamas prateadas brilhando enquanto nadavam., viravam ao mesmo tempo quando o líder mudava de direção, da mesma forma que um grupo de flocos de neve dançando no ar.

O fundo do mar era sempre calmo e a temperatura da água não mudava. As almas mortas pareciam águas-vivas em suas vestes transparentes, e tinham um brilho saudável nos cabelos. Sempre sorriam e nunca eram admoestados. Estavam no estado de profunda serenidade induzido pela morte. Ali ele viu a avó, de quem tinha apenas uma vaga lembrança, e Teru, sua irmãzinha que morrera dois anos antes. As pessoas mais atrás deviam ser seus ancestrais.

Ele se moveu até eles e parou junto de Teru. Antes que se desse conta, ele também foi envolto em vestes transparentes, e sua face tinha sempre um sorriso gentil. Ele se sentiu agradavelmente aquecido dentro daquela roupa.

Às vezes, alguns espíritos se afastavam, levados por aqueles que tinham ficado para trás. Eram as almas voltando para a aldeia para reencarnar no útero através da união sexual de um homem e uma mulher. E quando a reencarnação ocorreria? Muito provavelmente, um longo tempo depois da morte.

Ele não tinha dúvidas de que ele, também, era um espírito reencarnado no útero de sua mãe. Acreditava que a moradia das almas mortas lá longe no mar não era apenas imaginação, mas algo que podia visualizar tão claramente porque se tratava de um lugar do qual ele uma vez fizera parte.

Não tinha medo de morrer, especialmente porque acreditava que havia um lugar onde se vivia em paz depois da morte. Mas, se fosse levado para longe e morresse em um lugar distante, achava que seria difícil para seu espírito conseguir alcançar o santuário das almas mortas de sua aldeia. Sem dúvida, seu espírito seria condenado a um inferno cheio de almas de estranhos com expressões tristes.

Se os homens da agência de transporte viessem até a aldeia e descobrissem que os habitantes tinham roubado a carga de um navio naufragado, eles seriam presos e mortos, não poderiam saborear a tranqüilidade depois da morte. Isaku orou para que os homens da agência de transporte nunca aparecessem.

A neve havia começado a derreter nas montanhas, e as casas tremiam cada vez que as avalanches reverberavam pela aldeia. O fluxo de água que corria entre as casas cresceu e virou uma torrente.

Em março, a neve tinha desaparecido das montanhas; restavam apenas alguns filetes brilhando nas montanhas distantes. Ninguém tinha sido visto na trilha da montanha, nem nenhum barco na água.

O chefe chamou os membros mais idosos da comunidade; ficou decidido que dois homens seriam enviados até a aldeia vizinha. A missão deles era descobrir o que os agentes da companhia de transporte estavam fazendo, e se a aldeia deles estava ou não sob suspeita.

Na manhã seguinte, como se estivessem indo apenas fazer comércio, os homens carregaram fardos de peixe seco pela trilha da montanha. Todos eles possuíam pernas fortes, e em um instante desapareceram floresta adentro.

Cinco dias mais tarde, perto do pôr-do-sol, os homens reapareceram e correram até a casa do chefe da aldeia. Isaku

juntou-se aos outros na frente da casa.

As notícias trazidas pelos homens deixaram os moradores da aldeia mais tranqüilos. Ao passar pela casa do mercador de sal onde negociavam o peixe seco e compravam grãos, fizeram perguntas sobre os agentes da companhia de transporte que se haviam hospedado ali. Esses homens, segundo lhes contaram, já tinham voltado para o escritório da companhia de transporte em um porto na parte sul da ilha. Tinham feito perguntas aos capitães de navios que aportaram na cidade e aos visitantes das aldeias ao longo da costa sobre o barco desaparecido, mas não conseguiram obter nenhuma pista sobre o que havia acontecido.

— O navio deve ter sido atingido por uma tempestade em alto-mar e afundou. Os agentes desistiram e foram embora — dissera o mercante, com ar indiferente.

Os habitantes da aldeia trocaram olhares aliviados. O perigo tinha passado. No entanto, o chefe não deu permissão para que trouxessem o arroz de volta da floresta. Deviam continuar atentos, decidiu ele, só por segurança.

Em meados de março, o ritual de orar por uma boa pesca foi realizado na praia, e naquele dia o chefe da aldeia deu permissão para que pegassem o arroz nas montanhas. Naquela noite, todos na aldeia cozinharam arroz para o jantar, e também na casa de Isaku, onde ferveram a água para fazer uma boa sopa. Isaku também tomou um pouco de vinho com a mãe.

No dia seguinte, ele saiu em seu barco com Isokichi. A princípio não conseguiram pegar nada exceto peixes pequenos. Mas quando abril chegou, no entanto, eles começaram a pegar sardinhas graúdas em grande quantidade. Não podiam pescar juntos pois as linhas se enroscariam, então Isaku determinou que Isokichi cuidaria da condução do barco enquanto ele se concentrava em pegar as sardinhas. Claro, como Isokichi ainda não tinha experiência, sempre que chegavam perto do recife Isaku pegava o remo e afastava o barco das pedras. A pele da mão de Isokichi rachou e sangrou bastante.

A pesca de sardinha parecia mais produtiva que o normal, e mesmo do barco eles podiam ver uma massa ondulante de escamas prateadas passando velozmente sob a superfície. A cor do

mar mudava nas áreas onde havia mais peixes, e às vezes grandes porções de água pareciam estar fervendo. Se ele colocasse vários anzóis na linha e a jogasse na água, sentia a linha ser puxada no mesmo instante. Com sardinhas em quase todos os anzóis, era um trabalho e tanto removê-las da água.

De tarde, quando voltavam para a praia, eles transferiam as sardinhas para tinas e as carregavam para casa, onde a mãe as limpava e grelhava ao fogo. O peixe estava muito suculento, e cada vez que pingava gordura no fogo as chamas aumentavam. Para Isaku, o gosto das sardinhas quentes era uma delícia sem comparação.

A mãe cortou parte dos peixes no meio e fez a irmãzinha Kane passá-los para ela para serem pendurados em um pedaço de corda para secar.

A temperatura subiu e as montanhas encontravam-se cobertas de verde.

Todos os homens da aldeia levaram seus barcos para a água ao mesmo tempo, mas de um modo um pouco diferente do ano anterior. Normalmente eles saíam ao alvorecer, mas alguns barcos podiam ser vistos deixando a costa bem depois de o mar estar ensolarado. Eles também encerravam mais cedo, apressando-se de volta mais ou menos quando o sol começava a se pôr. Alguns homens alegavam problemas físicos ou de saúde como desculpa para não sair para o mar.

— Ficar preguiçosa é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa — murmurava a mãe de Isaku, enquanto colocava mais lenha no fogo.

Os homens que não estavam levando a pescaria a sério tinham ficado mal-acostumados pela fartura de comida trazida por *O-fune-sama.* Eles usavam tudo que pegavam para alimentar as famílias e não viam necessidade de pegar mais peixes ou negociar em troca de grãos. Felizmente, naquele ano as sardinhas tinham vindo em quantidade, e era possível pescar bastante sem ter de passar muito tempo na água. Eles podiam até tirar um ou outro dia de folga.

Isaku queria ir mais devagar também, mas, quando pensou no que a mãe lhe dissera, mudou de idéia.

O mar ficou calmo durante vários dias e às vezes garoava desde manhã até a noite. Mesmo nesses dias Isaku levava Isokichi para pescar. A mãe arou o pequeno campo deles e plantou sementes de legumes. Lá de fora do mar ele podia ver os terraços cavados na encosta, e costumava ficar olhando os chapéus de junco movendo-se no campo onde a família de Tami plantava.

Um dia, em meados de abril, um homem que estava em um barco perto de Isaku chamou-o e apontou para a trilha na montanha. Isaku sentiu um arrepio na espinha. Dois homens caminhavam lentamente em direção à aldeia. Estavam a uma distância razoável e não era possível distinguir quem eram, mas parecia que estavam olhando para Isaku. Ele imaginou que deviam ser os homens da companhia de transporte. Tinha ouvido dizer que haviam interrompido a busca pelo navio perdido e voltado para casa, mas talvez eles não houvessem desistido, afinal, e tivessem simplesmente ido até outra aldeia antes de vir até ali. Fardos de arroz e outros produtos exóticos de *O-fune-sama* se encontravam por toda a aldeia; se os agentes os vissem, saberiam no mesmo instante que haviam sido tirados de um navio.

Isaku começou a tremer.

Ele olhou para o barco a seu lado. O homem estava olhando para Isaku. Ele voltou os olhos para a montanha a tempo de ver os dois homens desaparecer por trás das árvores que ladeavam a trilha.

Isaku seguiu os outros barcos que voltavam para a praia, pegando o remo das mãos de Isokichi e remando com toda a força. Não havia tempo de remover os fardos para a floresta, mas ele achava que poderiam ao menos tentar escondê-los jogando esteiras de palha por cima.

Os barcos estavam chegando à praia um atrás do outro quando Isaku puxou o seu para fora da água antes de correr para casa. As mulheres e crianças, que normalmente estariam perto da água, já haviam desaparecido.

Isaku correu para casa e encontrou a mãe cobrindo os fardos de arroz com esteiras e colocando lenha por cima. Ele a ajudou a carregar os jarros com vinho, açúcar e molho de soja pela porta dos fundos e os escondeu no meio dos bambus.

Da parte de trás da casa, Isaku ficou olhando para a trilha. O topo das árvores balançava ao vento enquanto o sol se punha. Apenas o marulho das ondas quebrava o profundo silêncio que envolvia a aldeia. Cada um dos habitantes da aldeia estava escondido dentro de casa.

Ele viu movimento entre os troncos das árvores, e logo em seguida dois homens apareceram no alto da trilha. Um deles usava um longo cajado para se apoiar ao caminhar, o outro o ajudava a descer pela trilha. O homem com o cajado tinha uma perna cortada na altura do joelho.

Aqueles homens não se pareciam nem um pouco com a imagem que Isaku fazia de um agente de companhia de transporte. Sem dúvida eles não iriam enviar um homem deficiente para realizar aquele tipo de trabalho. Além disso, aqueles homens pareciam ser pobres, suas roupas eram pouco mais que farrapos.

Os dois homens pararam alguns metros adiante, olhando alternadamente para a aldeia e para o mar, antes de se deixar cair de joelhos no chão, soluçando.

A mãe de Isaku saiu da casa e caminhou na direção deles. Isaku a seguiu enquanto homens e mulheres saíram de suas casas e seguiram pela trilha na montanha. O cansaço que ele sentira antes desapareceu completamente quando viu uma mulher correr à frente e abraçar o homem com o cajado.

— Alguém voltou da servidão — disse a mãe dele, apertando o passo.

O pai de Isaku tinha mais um ano de contrato, ainda, portanto não era ele. Isaku seguiu a mãe e os outros da aldeia. Os dois homens estavam agora sentados no chão, os rostos de um tom escuro de vermelho, as faces encovadas e magras. Isaku não reconheceu nenhum dos dois homens, que deviam estar na casa dos quarenta, um completamente grisalho, o outro quase calvo.

Tinham retornado depois de terminar seus contratos de dez anos. O povo da aldeia ficou surpreso de ver como os dois estavam envelhecidos, obviamente um indício de como haviam trabalhado além de suas forças. O homem com o cajado tinha ido para a floresta derrubar árvores debaixo de neve e caíra de um penhasco quando carregava a lenha de volta. Ele ficara inconsciente e fora

salvo apenas porque os outros homens foram procurá-lo. Eles o encontraram dois dias depois, enterrado na neve até a cintura. Enquanto os outros ferimentos que havia sofrido na queda haviam sarado, o pé esquerdo, que ficara sob a neve, desenvolvera uma gangrena. Como isso poderia levar à morte, tinham lhe amputado a perna abaixo do joelho. Aleijado como estava, ele tinha mesmo muita sorte por ter voltado vivo para a aldeia.

O pai de Isaku estava trabalhando no mesmo porto que os dois homens, portanto naquela noite a mãe dele foi perguntar como estava o marido.

Ela voltou cerca de uma hora depois, serviu-se de um pouco de vinho e sentou-se perto do fogo.

Isaku desconfiou que algo estava errado quando viu a expressão preocupada da mãe. Talvez os homens tivessem trazido más notícias sobre seu pai. Talvez seu pai já estivesse morto. Nervoso, ele se aproximou da mãe quando ela começou a tomar o vinho.

— Eles disseram alguma coisa sobre papai?

— Disseram que ele está bem... — murmurou a mãe, os olhos fixos nas chamas. Isaku sentiu um grande alívio e sentou-se junto do fogo.

— Eles disseram que ele trabalha tanto que as pessoas da agência de transporte estão interessadas nele. Disseram que seu pai é um homem forte, que encoraja os outros da aldeia, que os ajuda. Mas eles disseram que seu pai está preocupado conosco, que espera que estejamos todos bem... — Ela tomou um gole do vinho.

Sua mãe devia estar pensando em Teru. Pensando que tinha deixado a pequena Teru morrer e sentindo que havia desapontado o marido. Ela devia estar se sentindo arrasada por não ter podido fazer nada. O vinho era a forma de ela afogar as tristezas.

Isaku sentou-se em silêncio, olhando para o fogo. Imaginou Teru, lá longe no mar, sob a água, vestida com roupas transparentes, um sorriso gentil no rosto. A morte de Teru fora algo que a mãe não tivera como evitar, e seu pouco tempo na terra devia ser o tempo que sua vida estava destinada a durar. Sim, ela podia ter morrido, mas estar rodeada pelos espíritos dos ancestrais significava que

agora não estava sozinha ao descansar pacificamente lá longe no fundo do mar.

— Papai vai voltar na próxima primavera. Só temos de nos agüentar mais um pouco — disse Isaku, colocando outro pedaço de lenha no fogo.

A mãe não disse nada, e lentamente passou a cuia com o vinho para Isaku. Ele sentiu a emoção crescer dentro de si. Era a primeira vez que a mãe demonstrava alguma afeição por ele desde que seu pai havia partido. Isaku sentiu que agora a mãe o reconhecia como alguém em quem podia confiar.

Ele tomou um gole do vinho e o devolveu à mãe.

Isokichi murmurou algo enquanto dormia e virou-se. Ainda segurando o vinho, a mãe ficou ali olhando para o rosto de Isokichi, pálido à luz do fogo.

A temporada das sardinhas terminou e começaram a pescar lulas. Cada família ocupou-se em cortar e pendurar lulas para secar. A preguiça que havia contaminado a comunidade desde que tinham sido abençoados com os presentes de *O-fune-sama* gradualmente desapareceu, e a mudança de estação pareceu trazer consigo o retorno à rotina normal.

Em dias calmos, uma fileira de barcos saía cedo para a água, e as mulheres e as crianças podiam ser vistas na praia procurando mariscos e algas. Em dias de mar agitado, Isaku passava o tempo trabalhando no barco. Um dos homens que havia retornado da servidão desceu até a praia, sentou-se na areia com seu cajado ao lado e ficou olhando para o mar. Isaku parou de trabalhar e foi até ele, agachando-se ao lado do homem, cujo rosto se iluminou quando Isaku mencionou o nome do pai.

— Você disse que meu pai está bem, então... — disse Isaku, olhando de forma inquiridora para o homem.

— Ele está bem. Seu pai é forte como aço, ele nunca pega nem sequer um resfriado.

Isaku assentiu.

— Imagino que o trabalho seja muito pesado.

— É sim, meu garoto. Escravos são contratados para os mestres, você sabe. Eles podem fazer o que quiserem com você. A única coisa que eles temem é que você morra e que eles percam o dinheiro investido, por isso lhe dão muita comida.

Uma expressão de dor intensificou as rugas no rosto do homem, enquanto ele relembrava as dificuldades do trabalho no porto.

— Meu pai deve estar preocupado conosco aqui.

— A única vez em que eu o ouvi dizer alguma coisa sobre vocês foi quando deixamos o porto para voltar para cá. Fora isso, ele nunca falava sobre a família. Acho que ele pensava que falar na família deixaria os outros se sentindo mal. Ele está fazendo um trabalho realmente bom cuidando dos outros.

O homem olhou para o mar, com os cabelos grisalhos balançando ao vento que jogava areia sobre o que restava de sua perna. Dez anos como servo tinham cobrado seu preço.

— Estou feliz por ter voltado após *O-fune-sama.* Comi arroz, bebi vinho, e até fumei tabaco. O chefe da aldeia disse-me para descansar por algum tempo, mas assim que me sentir um pouco melhor eu quero sair para a água — disse o homem, com um brilho de animação nos olhos.

Isaku ficou pensando em como seu pai ficaria feliz se soubesse que a aldeia tinha sido abençoada com uma visita de *O-fune-sama.* Realmente, seu pai e os outros sob contrato de servidão ficariam felizes de saber que as famílias que tinham deixado para trás estavam a salvo da fome.

Vários dias depois, o companheiro do homem aleijado na viagem de volta morreu. A família o encontrou numa manhã duro e frio em sua cama de palha. Se fora resultado da sensação de estar livre da servidão ou se ele havia se conduzido à morte, nunca saberiam, mas devia ter sucumbido tranqüilamente durante a noite.

A tristeza do outro homem durante o enterro levou muitos da aldeia às lágrimas. Durante todo o tempo, desde que saíram do porto, dormindo sob as estrelas por noites sem conta, até chegar à aldeia, o homem mais jovem havia cuidado do amigo aleijado, ajudando-o a subir as montanhas e a atravessar os vales. Sem dúvida, essa lembrança era um pensamento fixo em sua mente ao

se agarrar ao corpo do amigo morto amarrado ao poste funerário, gritando:

— Por que ele, por que não fui eu?!

No dia seguinte, o corpo foi colocado em um caixão e carregado até o cemitério. O homem perneta subiu lentamente pela encosta, apoiando-se em seu cajado. Quando o caixão foi engolfado pelas chamas, ele se ajoelhou e chorou diante da pira.

Os habitantes da aldeia ficaram de luto, mas alguns encontraram conforto na idéia de que o homem havia morrido em sua própria aldeia. Muitos sob contrato de servidão morriam longe de casa; aquele homem ao menos tivera a sorte de retornar para casa e desfrutar ainda por algum tempo o convívio com a família.

À medida que a vegetação que circundava a aldeia adquiria uma tonalidade mais viva de verde e os raios de sol tornavam-se mais fortes a cada dia, enxames de moscas começavam a circular os fios nos quais estavam penduradas as lulas secas. Como era costume a cada ano, as mulheres foram à aldeia vizinha vender as lulas, e a mãe de Isaku fazia parte do grupo. Dois dos homens mais idosos da aldeia acompanharam as mulheres para descobrir se a aldeia deles ainda era alvo de suspeitas, mas ao retornar disseram ao chefe que não haviam visto nada fora do habitual.

Um clima tranqüilo tomou conta da aldeia. Vez ou outra um barco passava ao largo, mas já não havia nenhuma preocupação especial, e os moradores simplesmente observavam a embarcação até ela desaparecer no horizonte do oceano.

Quando a pesca de lulas passou a ficar fraca, a estação das chuvas começou, muitas vezes com fortes temporais. Um dia, quando o mar estava bravo, Isaku levou Isokichi bem cedo para a floresta atrás da aldeia. O sol brilhava através de uma fresta estreita no céu nublado, lançando um feixe de luz sobre a trilha na montanha. Quando se embrenharam mais na floresta eles começaram a tirar a casca das tílias. Como não havia roupas a bordo de *O-fune-sama,* os moradores da aldeia não tinham outro recurso para fazer tecido senão a casca de árvore. A mãe de Isaku terminou o casaco que começara a tecer para o pai dele no começo da primavera daquele ano, e agora parecia que queria fazer algumas roupas para as crianças.

Isaku juntou a maior parte das cascas e amarrou ao seu quadro de transporte antes de colocar o restante nas costas de Isokichi. Saíram da floresta e foram para a trilha na montanha. O trinado dos pássaros enchia o ar e, bem acima deles, ouviram o canto de um rouxinol. O sol ainda estava subindo no céu, por isso Isaku sentiu-se satisfeito por ter conseguido, com a ajuda de Isokichi, terminar antes do esperado.

Sentindo sede, ele pensou em descansar um pouco na margem do riacho próximo. Chamou Isokichi enquanto caminhava nessa direção, descendo a encosta, pulando de pedra em pedra. Em pouco tempo começaram a ouvir o barulho da água correndo e viram o riacho brilhando entre as árvores.

Isaku parou. Notou que havia alguém perto da água. Isokichi também percebera e estava perscrutando entre as árvores. Duas pessoas encontravam-se agachadas na margem, de frente para a água, uma menina com os cabelos amarrados em um nó e perto dela um garotinho. Isaku sentiu uma onda de calor percorrer-lhe o corpo.

Pela aparência da garota, só podia ser Tami. Isaku não podia voltar, então ele desceu pela encosta. Tami virou-se, e o garoto fez o mesmo; Isaku o reconheceu como sendo o irmão de quatro anos de Tami. Percebendo um ar desconfiado no rosto da menina, Isaku forçou um sorriso ao se aproximar. O irmãozinho de Tami sorriu também, mas o olhar penetrante de Tami persistiu. Havia duas cestas no chão ao lado deles, cheias dos brotos de bambu que tinham colhido.

Isaku se agachou junto do riacho a uma certa distância e com a mão em concha levou um pouco de água à boca. Estava tão absorto com a presença de Tami que nem sentiu o choque da água gelada. Isokichi caminhou até Tami e o irmão e falou com eles. Isaku molhou o pano que trazia pendurado no cinto e limpou o suor da testa.

— Ela arrancou uma unha — disse Isokichi.

Isaku olhou para Tami e viu que ela tentava resfriar um pé colocando-o na água. Então deu meia-volta e correu encosta acima; lembrava-se de ter visto, em uma área plana à esquerda da trilha, alguns arbustos, onde certa vez havia estado com o pai, colhendo *otogirisõ.* Embrenhou-se entre os arbustos, arrancando as folhas

enquanto passava. Correndo de volta até o riacho, Isaku entregou as ervas para Isokichi.

— Diga a ela para esfregar isto entre as mãos — recomendou ele —, e depois esfregar no ferimento. Vai parar de sangrar.

Isokichi assentiu e levou as folhas para Tami. Ela olhou para Isaku, mas imediatamente concentrou a atenção nas folhas de *otogirisõ,* esfregando-as entre as mãos e então passando a pasta sobre o dedo.

Isaku desviou o olhar. Ficou olhando fixamente para a corrente de água, mas ao mesmo tempo estava profundamente consciente de que Tami e o irmão estavam se afastando do riacho.

Isokichi bebeu um pouco de água juntando as duas mãos, então sentou-se numa pedra e mergulhou os pés na água. Isaku molhou o pano outra vez e lavou o rosto.

Naquela noite Isaku ficou acordado, deitado na cama. Ficou pensando na sorte que tivera de encontrar Tami, como entregara o *otogirisõ* a ela para deter o sangramento, e imaginou como ela havia se sentido. Refletiu que o fato de Tami ter feito conforme ele dissera e esfregado a erva tinha de significar que ela aceitara seu gesto como sendo bem-intencionado. Isso era o bastante para ele. Se tivessem se encontrado sem mais ninguém por perto, era muito provável que ela tivesse ficado assustada e fugisse. Refletiu então que o fato de cada um estar acompanhado do irmão menor havia lhe dado a oportunidade de mostrar sua boa intenção para com Tami. E, de fato, ela havia sido receptiva à sua gentileza.

Isaku notara como o corpo de Tami estava ficando cada vez mais feminino. Apesar de ser apenas um ano mais velha que ele, parecia estar crescendo e se desenvolvendo mais depressa. Ele tinha sonhos nos quais a tornava sua esposa, mas tinha poucas esperanças de que isso se tornasse realidade. Seus olhos brilhavam, bem abertos no escuro, enquanto suspirava repetidamente.

A chuva não dava sinais de que iria parar, e o interior da casa foi ficando cada vez mais úmido. A mãe de Isaku aproveitava ao máximo os rápidos intervalos de estiagem para colocar o suprimento de grãos e peixe em uma esteira ao sol, para secar.

Numa tarde, quando Isaku voltava para casa, sua mãe apontou para um chapéu de junco novo, colocado no chão.

— Tami trouxe isso para você. Ela disse que é em retribuição ao que você fez por ela.

Isaku olhou para o chapéu. Sem dúvida era em reconhecimento à ajuda que prestara a ela junto do riacho. A idéia de que Tami sentia gratidão para com ele o fez enrubescer.

Sentindo o rosto queimar e, embaraçado de que a mãe pudesse perceber, Isaku colocou o equipamento de pesca no canto do chão de terra e saiu pela porta dos fundos. Do lado de fora, subiu até o pequeno riacho perto da casa e lavou as mãos e os pés. Ficou imaginando que naquele momento na montanha Tami devia ter notado que seu chapéu estava velho e gasto. Era hábito na aldeia fazer chapéus de junco dentro de casa quando a neve estava alta ao redor, mas Tami devia ter feito aquele recentemente, depois que se haviam encontrado no riacho.

Sem questionar Isaku sobre por que Tami lhe havia dado um presente, a mãe se ocupou preparando a casca de árvore, cozinhando as camadas internas e colocando-as dentro da água do riacho. Usando a roda de fiar, ela transformou as fibras em fio, e depois sentou-se diante do tear.

O chapéu de junco permaneceu pendurado no poste de madeira. Isaku queria muito usá-lo, mas a perspectiva de atrair a atenção da mãe o fez se conter. Não apenas isso, já que para Isaku aquele não era um chapéu comum mas um chapéu precioso demais para ser exposto aos elementos da natureza.

Entretanto, a chuva fina que caía no primeiro dia da temporada de *saury* foi o suficiente para fazê-lo reunir coragem e pegar o chapéu, prendendo-o firmemente à cabeça com os tirantes amarrados sob o queixo. Sentiu-se alegre com o pensamento de que estava usando um chapéu que Tami havia feito com as próprias mãos.

Isaku parou o barco e lançou âncora quando chegou à Ponta do Corvo. Primeiro ele amarrou a esteira na lateral do barco, depois jogou as outras por sobre a popa. Isokichi observava atentamente o que para ele era um método completamente novo de pescar.

Os dois se deitaram no fundo do barco, vendo as esteiras deslizar na água para longe. No final da temporada do ano anterior, Isaku

tinha quase conseguido dominar a técnica de pegar os peixes com as mãos, mas agora não sentia nenhuma confiança de que ainda soubesse fazê-lo, e a última coisa que desejava era passar vergonha diante do irmão mais novo. Durante dez dias, o melhor que ele conseguiu foi pegar dois ou três peixes por dia, e em alguns dias não pegou nenhum. Mas, conforme o tempo passava, conseguia pegar cada vez mais, e em pouco tempo estava levando para casa mais de doze peixes por dia.

Em várias ocasiões, de tarde, Isaku via Tami carregando *saury* para casa. O pai de Tami era conhecido por sua habilidade em fazer canoas de um tronco só, mas era também um ótimo pescador e sempre levava grandes quantidades *de saury* para sua família. Tami enchia dois baldes com *saury e* os levava da praia suspensos nas pontas de uma vara, que equilibrava sobre os ombros. Às vezes os olhares deles se encontravam, mas ela desviava o seu rapidamente; a expressão dela não revelava nenhuma emoção, e Isaku não sabia o que ela sentia realmente.

Com o começo da estação das chuvas, o calor do verão ficou mais intenso. O sol fez a pele de Isokichi adquirir um tom escuro de marrom, e a exposição aos ventos do mar deixou seus cabelos ressecados. Quando a mãe terminou de preparar duas grandes bacias de *saury* salgado, de súbito a pesca começou a declinar. Tinha sido uma temporada fraca em comparação com a do ano anterior, era o que comentavam na aldeia.

O Festival Bon foi uma celebração mais animada do que o habitual. Arroz foi servido em todas as casas; os moradores até mesmo colocaram pequenas bolas de arroz como oferendas nos altares das famílias. Mas, na casa de Isaku, havia apenas sopa de arroz, com um pouco de alga cozida para acompanhar.

Dias de sol muito forte se seguiram, e às vezes se formavam tempestades que engolfavam a aldeia em uma névoa branca quando finalmente o céu se abria. Depois que as lulas começaram a morder novamente, Isaku passava os dias na água com Isokichi. Às vezes olhava para o contorno das montanhas que se erguiam muito altas acima da aldeia. O sol do auge do verão se refletia nas folhas das árvores, criando uma capa verde-escura vibrante.

A trilha estreita escavada na face da montanha desaparecia entre as árvores. O coração de Isaku disparou com o pensamento de que veria o pai descendo por aquela trilha na próxima primavera. Tinham dito que seu pai estava bem; sem dúvida ele viria pela trilha praticamente correndo. Ele lamentaria a morte de Teru, mas não culparia a esposa. Talvez até ficasse aliviado por Teru ter sido a única. Seu pai estava passando dia após dia sem notícias da família. Como ficaria feliz se soubesse que tinham sido abençoados com uma visita de *O-fune-sama*!

— Fico pensando se *O-fune-sama* vai aparecer de novo neste inverno — disse Isokichi, enquanto remava.

— Talvez venha, ou talvez não o vejamos de novo por muitos anos — respondeu Isaku, começando a agitar o espeto com o pano dentro da água e voltando o olhar na direção da Ponta do Corvo.

Podia imaginar a cena que tinha visto do alto do promontório: os habitantes da aldeia em pequenos barcos convergindo para o navio naufragado, puxando a carga para a praia e desmantelando o casco. Tinha sido uma cena frenética, desenrolada em alta velocidade. Isaku então teve o mesmo pensamento do irmão; perguntou-se se naquele inverno veria a cena se desenrolar novamente, ou se nunca mais colocaria os olhos sobre *O-fune-sama* enquanto vivesse.

Acima da Ponta, os corvos circulavam no céu. Como pequeninos pontos negros.

Capítulo 7

Enquanto o verão progredia para o final, a aldeia era açoitada por uma tempestade atrás da outra. Um dia, no final da manhã, um vento úmido começou a soprar e nuvens escuras passaram velozes pelo céu. A chuva começou a cair em pingos grossos, bem distintos, mas em pouco tempo aumentou de intensidade até uma verdadeira torrente de água desabar do céu. O fim do dia chegou e passou e a força da tempestade redobrou. A chuva tamborilava nas paredes de madeira e no teto de palha. Dentro de casa, Isaku e Isokichi encostaram tábuas contra as esteiras de palha nas portas e amarraram a esteira da janela com cordas.

Isaku aninhou-se na cama e fechou os olhos, porém seu sono era perturbado pelo barulho causado pelos galhos quebrados e folhas que o vento que soprava montanha abaixo arremessava contra o telhado. A casa estremecia, e por vezes parecia que estava sendo erguida do chão; Isaku temia que o telhado fosse arrancado.

Na manhã seguinte, o vento ainda estava forte, mas a chuva tinha parado. O chão estava todo coberto por galhos partidos, e um mar de folhas misturadas com terra cobria a encosta. Por volta do meio-dia o céu clareou, mas as ondas ainda estavam altas e a espuma que produziam ao quebrar brilhava à luz do sol. Os sinais do outono ficavam mais pronunciados a cada dia que passava. A pesca de lulas melhorou à medida que o mar se acalmou.

A mãe de Isaku trabalhou arduamente cortando e pendurando lulas para secar, mas ainda assim arrumou tempo para colher legumes selvagens nas montanhas atrás da aldeia. Ela colocou brotos de bambu na sopa de legumes deles e lhes deu brotos tostados dos inhames que encontrara na floresta. Isaku esperava com ansiedade a hora das refeições porque aquela estação lhes oferecera a maior e mais variada seleção de alimentos de todo o ano.

Mas, ainda assim, sua mãe parecia abatida. Apesar de usarem pouco arroz na sopa, já tinham consumido um fardo inteiro e estavam usando o segundo. Às vezes ela colocava arroz em uma

cuia e então parava, pensativa, e acabava devolvendo os grãos ao fardo. Quando aquele e os outros seis fardos terminassem, estariam novamente enfrentando o risco de morrer de fome. Para Isaku a idéia também era assustadora.

A mãe subiu até o pequena plantação deles na encosta e voltou com um saco contendo os poucos grãos que haviam sobrevivido o suficiente para dar frutos. Sentada em um canto da casa, ela moeu tudo, transformando os grãos em farinha com um almofariz de pedra. No dia seguinte, ela uniu-se às outras mulheres que iam até a aldeia vizinha. Cada uma levava nas costas uma carga de lulas secas para trocar por feijões. Havia nos olhos dela um ar apreensivo, de quem tinha o pressentimento de que, com a chegada do inverno, seria muito difícil obter alimento.

À altura em que as espigas começaram a aparecer na grama eulália, os homens passaram a pescar polvos, e o clima geral da aldeia tornou-se mais animado. Isaku levou Isokichi com ele para o mar e o ensinou a pescar polvos usando o espeto com gancho.

Isokichi por fim dominou a arte de remar e, cauteloso por natureza, se sentia que estavam chegando perto de um recife, rapidamente levava o pequeno barco para uma distância segura. O menino estava crescendo depressa, e estava claro que, quando alcançasse a maturidade, seria mais alto que o irmão. Ele seguia as instruções do irmão mais velho sem questionar, e aprendia depressa. Não havia dúvida de que Isaku admirava o irmão menor e o amava muito.

A mãe chamava Isokichi de “Iso”. Antes de ele começar a pescar, ela utilizava esse diminutivo como se estivesse falando com uma criancinha, mas mais recentemente o tom dela deixava implícito que considerava o filho um trabalhador. Isokichi podia ser um garoto de poucas palavras, mas ele certamente se aplicava com dedicação às tarefas que lhe designavam.

A temperatura começou a cair dia após dia, e subitamente, vindas do nada, libélulas vermelhas apareceram em quantidades incríveis: nuvens delas voavam pelo ar ou eram vistas paradas para descansar as asas. Parecia haver muito mais do que nos anos anteriores. Os polvos começaram a se afastar da costa e as espigas de grama eulália secaram e foram levadas pelo vento.

Quando o mar começou a ficar mais agitado, Isaku e Isokichi foram para a montanha recolher madeira; precisavam de uma quantidade suficiente para consumir durante o inverno. Enquanto subiam pela trilha da montanha, Isaku olhava para os lados na esperança de ver Tami e, apesar de cruzarem com outros na trilha, em nenhuma ocasião a encontraram. Talvez ela estivesse em casa fazendo tecidos com a casca de árvore, pensou ele, ou talvez estivesse ocupada fazendo algum utensílio com bambu.

Um dia, Isaku pensou que poderiam sair da trilha e ir até o regato próximo. Sentado na margem ele encontrou Sahei, junto de um quadro de carga lotado com uma pilha alta de lenha. Sahei virou-se, com a penugem sobre o lábio superior e ao redor do queixo dando-lhe uma aparência decididamente adulta.

Isaku bebeu água do riacho e sentou-se em uma pedra perto de Sahei. Libélulas vermelhas voavam zumbindo ao redor da cabeça dele.

— Não há mais peixes este ano — disse Sahei, virando-se para Isaku.

Isaku assentiu. Os polvos tinham sido poucos, assim como no ano anterior, e já tinham praticamente sumido também. O comércio com a aldeia vizinha não lhes renderia muitos grãos.

— Quanto do seu arroz já foi consumido? — perguntou Sahei.

— Estamos no segundo fardo. E esse ainda tem cerca de dois terços.

— Só isso? Vocês devem estar realmente economizando. Estamos no nosso quarto fardo, que está pela metade. É culpa do vovô. Ele pode morrer a qualquer momento, mas fica nos pedindo para lhe dar comida. As pernas estão inchadas e ele está se acabando, mas continua sendo egoísta — disse Sahei, franzindo o cenho.

Isaku ouvia o outro com apreensão. A família de Sahei devia ter recebido pelo menos dez fardos de arroz; no ritmo que estavam consumindo, o suprimento deles iria durar apenas mais três anos. Habituar-se ao gosto do arroz só podia levar a consumir mais arroz, trazendo mais para perto o dia em que esse se acabaria.

— Não somos só nós. Várias outras famílias já consumiram metade do estoque. São poucas as famílias que ainda estão no

segundo fardo — disse Sahei com inveja.

Isaku pôs-se a pensar na frugalidade da mãe. As únicas ocasiões em que ela fazia só arroz para eles era no Ano-Novo e no Festival Bon, quando colocava um pouco do arroz diante do altar da família. E ainda assim era sopa de arroz, com bastante caldo. Sem dúvida a prudência dela provinha da firme determinação de garantir a sobrevivência dos outros filhos até o retorno do marido.

— Espero que *O-fune-sama* venha de novo este ano — murmurou Sahei.

— Eles dizem que é comum ele vir duas vezes seguidas — sugeriu Isaku, percebendo a expressão de Sahei com o canto dos olhos.

— É o que dizem — concordou Sahei, assentindo.

Os dois ficaram ali sentados por algum tempo, olhando para a água. Sahei se levantou e colocou nos ombros o quadro com a lenha. Isaku e Isokichi fizeram o mesmo, afastando-se do riacho e voltando para a trilha.

Quando a aldeia finalmente foi envolvida com as cores do outono, as libélulas vermelhas desapareceram. Com. a água do mar mais fria a cada dia, só conseguiam pescar peixes pequenos.

A mulher escolhida para realizar o papel da grávida na cerimônia do ritual de *O-fune-sama* foi uma moça de constituição miúda de dezesseis anos. Ela jogou a guirlanda de palha no mar e chutou a mesa na casa do chefe da aldeia. Mas foi um desempenho fraco em comparação ao de Kura no ano anterior; o conteúdo da cuia mal derramou-se no chão.

As folhas das árvores mudaram de vermelho para amarelo e caíram dos galhos, mas nenhum fogo havia sido aceso na praia. O mar estava anormalmente calmo para aquela época do ano, por isso não fazia sentido acender os fogos sob os caldeirões.

Isaku levava o barco para a água todos os dias, às vezes pegando peixes grandes, com quase trinta centímetros, de um tipo que nunca havia visto antes. Era um peixe prateado e brilhante, com espinhas, chamado *gin,* que diziam aparecer no começo do inverno uma ou duas vezes a cada dez anos. Os pescadores mais velhos acharam estranho não só o fato de os dias calmos se sucederem

tão prolongadamente, mas também o inesperado aparecimento de *gin.*

Mal as folhas caíram das árvores, a aldeia teve a primeira nevasca do ano. A princípio, não passava de uma lufada de vento, mas quando a noite caiu já estava mais forte e no dia seguinte era uma tempestade violenta. O mar finalmente agitou-se com a mudança da estação, e o som das ondas quebrando nas pedras ecoava na aldeia.

A neve parou depois de três dias, deixando a aldeia coberta por um manto branco. Naquela noite, os fogos foram acesos sob os caldeirões de sal. O folclore dizia que o mar do inverno ficaria bravo por quatro dias, depois calmo nos outros dois, e de fato foi isso o que aconteceu. Nos dias calmos Isaku colocou o barco na água e novamente pescou apenas *gin.* Era um peixe de pele fina com gosto pouco acentuado. Em vez de grelhado, era melhor cortar bem fininho para quebrar as espinhas pequenas, e depois consumir cru ou como bolinho na sopa.

Quando chegou a vez de Isaku de cuidar dos caldeirões, ele manteve os fogos acesos do pôr-do-sol ao nascer do dia. Sentado na pequena cabana, aquecendo-se ao fogo, ele olhava para a escuridão, relembrando a cena no final do ano anterior com *O-fune-sama* inclinado de lado, preso nos recifes.

Não conseguia enxergar coisa alguma além da monótona faixa branca das ondas quebrando na praia, e olhando para o escuro imaginou se *O-fune-sama* já não estaria ali preso no recife. A idéia de que os fardos de arroz empilhados no chão de sua casa iriam um dia acabar o fazia sentir-se mal. Mas Isaku e sua família eram sem dúvida afortunados em comparação com a família de Sahei, que com certeza devia estar preocupada com a situação. Acostumar-se ao gosto do arroz tornava a perspectiva de viver sem ele insuportável.

Nevava quase todos os dias, e a aldeia ficou enterrada sob um espesso tapete branco. Quando o mar estava bravo, Isaku ficava trabalhando em casa, arrumando o equipamento de pesca ou cortando lenha para o fogo. Isokichi ia para a floresta atrás da casa deles colocar armadilhas e ocasionalmente voltava com um coelho,

do qual retirava a pele, para então limpar e cortar segundo as instruções da mãe.

Às vezes, quando Isaku estava quase pegando no sono, ele se sentava subitamente, imaginando ter ouvido gritos. Levantava-se e espiava pela porta, esperando que talvez fosse *O-fune-sama* vindo outra vez, mas não havia nada além do barulho das ondas. Tremendo de frio, ele corria para a cama novamente.

Os fogos na praia foram acesos em todas as noites de mar bravio, sem exceção, e ao raiar do dia a mãe de Isaku ajudava a carregar o sal dos caldeirões para a aldeia. A temperatura do ar estava bem mais baixa do que em um inverno normal, e a neve no chão congelava e endurecia. Uma ou outra embarcação passava ao longo da costa; os navios dos clãs usavam as rotas mais distantes da terra. Alguns, com as velas infladas, passavam em velocidade, subindo e descendo nas ondas.

À medida que o ano se aproximava do fim, o ânimo foi sendo substituído pelo desespero, pois chegava a época do ano em que os barcos mercantes evitavam navegar. Embora alguns dissessem que no passado *O-fune-sama* tinha vindo sucessivamente, ano após ano, Isaku tinha a sensação que a afirmação era mais fruto do desejo e das expectativas de todos do que da realidade.

O ano chegou ao fim e um novo ano começou. As chances de a aldeia ser visitada por *O-fune-sama* tinham acabado. Em cada uma das casas foi preparada a refeição de Ano-Novo, com arroz cozido e peixe grelhado. A família de Isaku não era exceção, uma vez que eles, também, colocaram sua oferenda de arroz em uma cuia diante do altar e acenderam uma vela.

Isaku acompanhou a mãe e os irmãos até o cemitério para prestar homenagem ao túmulo de seus antepassados. Sua mãe retirou a neve de cima das lápides e permaneceu ali por algum tempo, as palmas unidas, orando. Isaku imaginou que ela estivesse rezando também para que o marido retornasse bem e com saúde quando terminasse o contrato de servidão, na primavera.

Tiveram arroz novamente na refeição da noite, dessa vez na sopa e, enquanto comiam, a mãe olhou para os fardos que restavam, empilhados no chão de terra.

— Seu pai vai ter uma surpresa quando vir esses fardos de arroz.

Depois do Ano-Novo, houve um período incomum de tempo bom, que se prolongou por mais de duas semanas, porém na segunda quinzena do mês de janeiro o mar pareceu revoltar-se e começou a atacar furiosamente a costa, com ondas altas e violentas. Isaku e Isokichi passavam os dias recolhendo mariscos na praia ou cortando lenha. A mãe ocupou-se trançando esteiras de palha ou tecendo no tear.

Numa noite, no final de janeiro, Isaku acordou subitamente de um sono profundo. Seus pés pareciam blocos de gelo, tão intenso era o frio. Olhando para a esteira pendurada na janela, percebeu que faltava pouco para o dia raiar. Então ajeitou-se entre as cobertas e fechou os olhos, mas tornou a abri-los em seguida. Tinha a nítida impressão de ouvir o som de vozes misturado ao das ondas. Escutou com atenção por uns minutos, e então ouviu claramente um grito, um som que mais parecia o rugido de um animal.

Ele sentou-se abruptamente e olhou ao redor; sua mãe e irmãos continuavam dormindo. Isaku levantou-se, remexeu nas últimas brasas do fogo e colocou algumas achas de lenha sobre elas. As chamas logo se alastraram, seu reflexo produzindo sombras escuras nas paredes. Ainda incerto se o grito que ouvira fora real ou fruto de sua imaginação, Isaku sentou-se diante do fogo, aquecendo as mãos enquanto apurava os ouvidos, atento ao que poderia estar acontecendo lá fora.

Logo ouviu uma voz estridente, de homem, gritando:

— *Ooooi.*

Agitado, Isaku engatinhou até a cama da mãe e acordou-a. Ela se ergueu em um cotovelo e olhou confusa para o filho. Por alguns instantes permaneceu imóvel, enquanto tentava identificar os ruídos que cortavam a noite; então, levantou-se de um pulo. Com o movimento, Isokichi acordou e, sem entender o que estava acontecendo, começou a se vestir depressa, imitando a mãe e o irmão e colocando uma capa de palha por cima da cabeça.

Isaku pegou uma enxada de lâmina longa e um machadinho, e correu porta afora atrás da mãe e de Isokichi. A claridade tênue da aurora já se espalhava no céu, e as estrelas começavam a desaparecer. Ele já conseguia distinguir o horizonte. Um burburinho de vozes vinha da direção da praia enquanto Isaku, a mãe e Isokichi

corriam pela trilha em meio à neve que chegava à altura dos joelhos.

De onde estava, podia ver um barco, não muito distante da praia, ao redor do qual um bom número de habitantes da aldeia já se reunia, alguns carregando paus com a ponta em brasa. As ondas colidiam com as pedras, lançando a espuma branca no ar. Um cântico de sutras ergueu-se da vila quando o chefe da aldeia chegou, acompanhado por meia dúzia de pessoas.

— *O-fune-sama* veio — disse Gonsuke, que estava trabalhando nos caldeirões de sal, a voz trêmula ao se ajoelhar diante do chefe da aldeia.

O chefe assentiu, incapaz de esconder o contentamento que sentia.

De súbito, uma exclamação de comemoração ergueu-se dos moradores que se acercavam, curiosos, e que até então estavam em silêncio. Isaku não podia acreditar que haviam sido visitados por *O-fune-sama* dois invernos seguidos. Talvez fosse verdade afinal que as coisas boas vinham aos pares, pensou ele.

O céu clareou rapidamente e o navio ficou bem visível. Era menor do que o que viera no ano anterior, provavelmente com capacidade para uns cem fardos. Mas algo mais chamava a atenção; era um barco bastante gasto e dilapidado e claramente não se tratava de um navio pertencente a um clã.

— Quietos! — bradou o velho abruptamente. — Isto não está me parecendo um naufrágio — acrescentou então, num tom de voz que era pouco mais do que um sussurro.

Isaku olhou novamente para o navio; não havia nenhum sinal de danos no casco, e o leme parecia estar inteiro. Não se viam velas, apenas os mastros nus. O barco flutuava em um canal no recife, deslizando lentamente para a costa. Não havia nele nada que parecesse com carga.

— Parece que está à deriva — disse um homem perto de Isaku.

De fato, a julgar pela ausência de velas, devia ter sido trazido pelas ondas, depois de ter se desviado de sua rota. Não havia sinal de tripulantes a bordo, outra indicação de que não haviam sido as fogueiras que o tinham atraído para a praia.

Apesar da névoa fina que encobria o céu, o mar ficava mais brilhante a cada minuto, e os moradores da aldeia apagaram suas tochas. O velho conversou com o chefe da aldeia antes de se dirigir aos demais:

— Coloquem os barcos na água, verifiquem se há alguma carga a bordo. Tenham cuidado, as ondas estão puxando bastante.

Seis homens se apressaram a empurrar três barquinhos de proa para a água. Subindo e descendo no mar turbulento, foram se afastando da praia, conduzidos com habilidade em meio aos recifes.

Os três barcos diminuíram a velocidade ao chegar perto do navio. Da praia, os moradores viram um dos homens saltar com agilidade para o convés do navio. Podiam vê-lo nitidamente olhando ao redor antes de desaparecer no tombadilho inferior. Isaku ficou apreensivo. Um barco à deriva, presumivelmente, não deveria representar ameaça... mas e se os tripulantes estivessem escondidos, esperando para atacar quem subisse a bordo? O homem que subira no barco estava sozinho e sem uma arma para se defender.

Mas pouco depois ele reapareceu no convés e voltou para o barco. Os três barquinhos se afastaram do navio e voltaram para a praia. O chefe da aldeia foi até a beira da água, seguido pelos outros.

Um depois do outro, os três barquinhos tocaram a areia e foram empurrados para a praia.

Um dos homens então se virou e se ajoelhou diante do chefe.

— Carga? — perguntou o velho, ao lado do chefe.

— Quase nada. Apenas três sacos de carvão e uma bandeja vazia de arroz.

— Alguém a bordo?

— Todos mortos. Cerca de vinte pessoas. E estão todos vestidos de vermelho. Nenhum dos corpos está em putrefação, o que significa que não deve fazer muito tempo que morreram.

— Todos de vermelho? — disse o velho, olhando com ar cético para o homem.

— Todos de vermelho. As roupas são vermelhas. E também os cintos e as meias. Por quê, eu não sei — disse o homem. — Mas há uma máscara vermelha de macaco amarrada ao mastro principal, no convés inferior.

A neve começou a cair. Isaku olhou para o navio, que balançava suavemente na água.

— A bandeja de arroz vazia deve significar que as pessoas que estão a bordo morreram de fome. Mas por que eles saíram sem mantimentos a bordo? — O velho inclinou a cabeça, o cenho franzido.

A única razão para arriscar-se a navegar no inverno em mares bravios seria para transportar arroz ou outra carga importante. Um capitão de navio só lançaria sua embarcação ao mar se estivesse seguro quanto ao tempo. Embora isso não garantisse a segurança da viagem, era uma precaução, e claro que os imprevistos faziam parte da vida dos homens do mar.

Mas navegar sem nenhuma carga ou mantimentos a bordo era algo que não fazia sentido. Além disso, era intrigante o fato de todos a bordo estarem usando roupas vermelhas.

— Talvez seja algum tipo de barco cerimonial, para celebrar alguma coisa, um ritual... — ponderou o velho, os olhos brilhando como se tivesse de repente encontrado uma explicação simples para o enigma. — A cor vermelha pode ter significados especiais. E comum vestir-se de vermelho aqueles de idade avançada que comemoram mais um aniversário. E ouvi histórias sobre pessoas cujos caixões foram pintados de vermelho para simbolizar que suas vidas tiveram um fim apropriado. Também já vi um sacerdote da aldeia vizinha com paramentos vermelhos — acrescentou o velho, com firmeza.

Isaku não tinha motivos para duvidar da interpretação do velho. Sabia que era comum, ali mesmo na aldeia, as parteiras amarrarem as mangas com uma tira vermelha ao fazer o parto de um bebê, uma vez que o nascimento de uma criança era motivo de comemoração.

— Se é um barco que saiu para realizar algum ritual ou celebração, seria em honra de quê? — indagou um dos homens, olhando interrogativamente para o mais velho.

— Isso eu não sei dizer. Eles fizeram alguma celebração e subiram a bordo todos vestidos de vermelho. Então de súbito o mar ficou agitado e eles perderam o controle do barco, foram levados para alto-mar e ficaram à deriva. Devem ter morrido de frio e fome.

Considerando que não têm nenhuma *carga, é* a única explicação em que posso pensar — respondeu o velho, olhando para o chefe da aldeia em busca de apoio.

Todos ficaram em silêncio. Muitos assentiram, concordando. O fato de o navio não ter batido nos recifes em busca de um porto seguro significava que era diferente de *O-fune-sama* anterior. Como todos os ocupantes estavam mortos, era óbvio que o barco havia chegado ali levado apenas pelas correntezas e pelo vento.

Isaku achava que as roupas vermelhas dos ocupantes do barco talvez fossem uma indicação da natureza do próprio barco. A cor vermelha o fazia lembrar-se da cor do sol nascente, do começo de um novo dia, e o brilho também representava a continuação da vida. O céu vermelho ao pôr-do-sol também era reconfortante, prometendo mais um dia radiante. Isaku concluiu que era realmente uma sorte que sua aldeia fosse abençoada pela visita daquele navio e seus passageiros tão ricamente vestidos.

— Reverenciado ancião — balbuciou o homem que havia entrado no navio. O velho voltou-se para ele. — Os cadáveres no navio... eles têm cicatrizes de feridas por todo o corpo. Todos eles, sem exceção. No rosto, nos braços, nas pernas. Bexigas horríveis — disse ele, torcendo o nariz.

Todos se voltaram para ele, ignorando os flocos de neve que recomeçavam a cair.

— Feridas? — repetiu o velho, cético. — De que tipo de feridas você está falando?

O homem hesitou por um instante, antes de responder.

— Estava escuro, e eu não pude ver com clareza, mas pareceu-me algum tipo de erupção na pele, daquelas que causam coceira...

— Se for isso, talvez seja porque eles tenham comido algum peixe estragado, ou mesmo um peixe venenoso. Se ficaram sem arroz e estavam com fome, podem muito bem ter comido qualquer tipo de peixe que tenham conseguido pegar — observou um homem perto de Isaku.

— Mas se fosse apenas uma irritação de pele, não iria deixar bexigas. Se há bexigas nos corpos, então deve ser alguma doença — sugeriu um homem de meia-idade, silenciando aquele que se encontrava ao lado de Isaku.

Uma outra voz, trêmula por causa do frio, se manifestou:

— Pode ser a febre da flor.

Ao ouvir isso, uma sombra de sorriso apareceu no rosto do velho. Era a primeira vez que Isaku ouvia uma referência àquela doença, por isso não tinha idéia de por que o velho parecia achar engraçado.

— A febre da flor? — disse um jovem, olhando questionador para o velho.

O mesmo homem de meia-idade respondeu:

— Você não ouviu falar dela? Em minhas viagens à aldeia vizinha vi muitos homens duramente atingidos pela febre da flor. Eles ficam com manchas por todo o rosto e braços e pernas, e sai pus dessas manchas. As manchas têm o formato de uma ameixa ou flor de algodão, e às vezes também têm febre, por isso é chamada febre da flor. — Virando-se para o homem que entrara no navio, ele perguntou: — As manchas eram de cor avermelhada? Tinham um formato que lembrava uma flor?

— Agora que você diz isso, lembro-me de que vi homens com essas manchas, sentados na beirada da rua, na aldeia vizinha. Não, não é uma simples irritação da pele — disse ele, concordando.

Ouvindo a conversa dos homens, Isaku percebeu que havia muito que ainda tinha de aprender. Tinha ido até a aldeia vizinha, mas não vira ninguém com as tais manchas. Ficou imaginando o que poderia causar uma doença tão terrível.

Vários homens tinham removido a neve de uma área da areia e estavam agora ocupados acendendo uma fogueira com a madeira estocada na cabana usada como abrigo durante a temporada de produção de sal. Rodeado pela multidão de moradores da aldeia que se encontrava na praia, o chefe ficou parado pensativo diante das chamas. O velho começou a fazer uma declaração:

— Pensei a princípio que este barco tivesse tomado parte em algum tipo de celebração ou ritual. Mas parece que não foi este o caso. Deve tratar-se de uma punição. A febre da flor é uma doença que acomete homens cujo desejo os levou a se relacionar com mulheres devassas. Estas mulheres carregam as pústulas; então, quando um homem se sacia, a doença se espalha por todo seu corpo começando pelas partes íntimas. A febre da flor é a punição dos céus para os que se deixam levar pelo desejo. Sem dúvida o

chefe da aldeia ou da cidade recolheu esses homens contaminados por esta doença malévola e os colocou neste navio, lançando-os ao mar e deixando-os ao sabor das correntezas. O fato de não haver velas ou remos só pode significar que eles foram banidos, deixados à deriva para morrer em alto-mar.

Isaku por fim compreendeu a natureza da doença. Na aldeia vizinha havia casas e ruas cheias de gente e gado. Havia todo tipo de lojas, até mesmo lugares onde se podia comprar comida ou bebida em troca de dinheiro. O dinheiro, ao que parecia, podia comprar qualquer coisa. Os habitantes da aldeia vizinha pareciam desfrutar de uma vida sem privações, mas ao mesmo tempo aquela horrível doença chamada febre da flor espreitava como o espojo do prazer carnal. Então era por isso que o velho tinha sorrido quando ouvira a menção à “febre da flor”.

O chefe da aldeia virou-se deliberadamente para o velho, deu um passo e respirou fundo antes de anunciar:

— Mesmo que não haja carga no barco, não há como mudar o fato de que é *O-fune-sama.* Fomos abençoados com esta visita, por isso não podemos simplesmente empurrar o barco de volta para o mar.

O velho assentiu gravemente.

— Isto é verdade. Mas, como podemos ver, o barco é pouco mais que uma banheira velha, e a madeira não serviria para nada além de lenha. Parece não ter nenhuma ferramenta útil também. Mesmo assim, vamos trazê-los para a praia. Parece que a única coisa que poderemos aproveitar são as roupas dos mortos — disse ele.

— E não vamos pegar a doença se usarmos essas roupas? — perguntou o chefe da aldeia, com um ar de preocupação nos olhos pequenos.

— Não há chance de isso acontecer. A febre da flor é transmitida apenas quando um homem penetra uma mulher contaminada com a doença. Apenas as roupas sujas de pus ou sangue das feridas, se bem lavadas, não representam nenhum perigo — replicou o velho com um tom de voz carregado de confiança.

Parecendo satisfeito, o chefe da aldeia assentiu, concordando.

— Só conseguimos ver coisas como estas roupas vermelhas na aldeia vizinha. Elas são certamente uma visão e tanto. Digamos que

as conservemos para nossas crianças vestirem, ou para usar nas celebrações. Estas roupas vermelhas podem muito bem ser um prenúncio de boa sorte — disse o velho.

Novamente, o chefe da aldeia assentiu aprovando.

Virando-se para os outros, o velho emitiu um comando.

— Muito bem, vão lá e tirem as roupas dos cadáveres. Peguem qualquer coisa que lhes parecer útil. Depois reboquem o navio para que seja levado pela correnteza. Ele vai se partir e afundar em pouco tempo.

Os homens assentiram em uníssono, e correram para a. beira da água. Cinco barcos foram empurrados para o mar. Balançando muito para cima e para baixo, avançando em linha, eles alcançaram o navio, atravessando o que já se transformara numa forte nevasca.

Isaku fincou seu machado na neve e ficou ali, hipnotizado pelo movimento dos barquinhos. Viu-os aproximar-se do navio e os homens pulando para o convés, desaparecendo em seguida. Em sua imaginação, Isaku podia ver os homens tirando as roupas vermelhas dos cadáveres com bexigas. Não se passou muito tempo antes que ele visse os volumes vermelhos sendo transferidos para os barcos menores. Parecia haver uma quantidade enorme de roupas, enquanto os homens as entregavam para os outros, abaixo, com as mãos estendidas. Depois, o que pareciam ser os utensílios do barco foram passados para os barquinhos antes de os homens finalmente descerem. Os cinco barcos contornaram os recifes e voltaram para a praia, onde todos os aguardavam junto da água. Os presentes do navio foram descarregados e levados prontamente para onde se encontrava o chefe da aldeia. Isaku se preparara para ser atingido por um cheiro nauseante das roupas sujas de pus, mas não havia nada além do odor de mofo causado pela umidade.

O velho desdobrou as roupas e, com um olhar de satisfação, pronunciou:

— É um pano bom e resistente. E olhe para este belo vermelho.

Os cintos e meias também eram de um vermelho vivo, e estava além da compreensão de Isaku como alguma coisa podia ser tingida daquela cor. Era um tom muito mais profundo, e uma textura muito mais rica, e brilhava mais do que qualquer tecido feito com casca de tília. Suspiros de deslumbre foram ouvidos entre as mulheres

paradas na praia. Os utensílios retirados do navio incluíam uma bandeja de arroz, alguns sacos de carvão, um braseiro de madeira, algumas panelas e jarros e uma máscara vermelha de macaco.

O chefe da aldeia espirrou duas vezes e depois se retirou da praia, acompanhado por alguns dos membros mais idosos da comunidade. O velho ordenou que as roupas e utensílios fossem levados para a casa do chefe. Vários homens colocaram cordas nos barcos e remaram para longe da praia, dez barquinhos no total.

Os barcos foram até a proa do navio, junto dos recifes, e os homens amarraram firmemente as cordas. Usando varas longas, eles afastaram o navio das pedras; por fim ele acabou se soltando. A frota de barquinhos seguiu para águas mais profundas, as cordas muito esticadas enquanto o navio com seus ocupantes mortos deslizava lentamente para longe da costa. Isaku podia ouvir à distância o canto dos remadores, mas com a nevasca pesada logo perdeu de vista o grupo de barquinhos.

A Hora da Ovelha chegou e passou antes de os homens voltarem após rebocar o navio para o mar. A neve parara de cair. Eles se ajoelharam diante do chefe da aldeia e do velho e informaram que tinham levado o navio para um ponto distante onde o viram ser levado pela correnteza que ia para nordeste. O velho assentiu. Com um sinal para que as preces de gratidão por terem sido abençoados pela vinda de *O-fune-sama* começassem, o chefe da aldeia juntou as palmas das mãos. Os habitantes da aldeia viraram-se para o mar e seguiram o exemplo do chefe. Pequenos fachos de luz do sol surgiam de entre as nuvens, iluminando o horizonte do mar.

Quando o chefe da aldeia terminou sua prece, o velho disse:

— As roupas que recebemos de *O-fune-sama* devem ser oferecidas às meninas e mulheres. Elas serão entregues na casa do chefe. Nenhuma delas será entregue a um homem.

Um indício de risos pôde ser detectado entre os homens. O chefe da aldeia e o velho deixaram a praia, seguidos pelos outros. Sem dúvida a irmã e a mãe de Isaku poderiam ganhar algumas das roupas, e Isaku ficou feliz com a idéia de sua casa ser iluminada pelo vermelho brilhante.

Os idosos da aldeia entraram na casa propriamente dita do chefe, enquanto os demais se juntaram na área de terra. Dobradas com

cuidado, as peças de roupa vermelha estavam colocadas em fileiras sobre as esteiras de palha. A simples visão daquelas roupas trouxe sorrisos de alegria ao rosto das mulheres.

Após curvar-se profundamente diante do chefe da aldeia, o velho se levantou.

— Há vinte e três peças de roupa. Contando a partir da criança mais nova da aldeia, elas serão dadas a vinte e três meninas. Não ficou claro como dividir os cintos e meias, mas nosso reverenciado chefe decidiu que, já que as roupas vermelhas são usadas também para celebrar a idade avançada, devemos oferecê-las às nossas mulheres idosas para que elas possam viver mais e ter uma vida mais saudável, portanto as meias e os cintos irão para as mulheres mais velhas da aldeia — disse ele, olhando ao redor na sala.

Quando o velho se sentou, três homens se levantaram e foram para junto das roupas. Enquanto um deles chamava o nome de uma garotinha, os outros dois, ajoelhados, pegavam um conjunto de roupas e o erguiam sobre a beirada das esteiras de palha da casa. Os pais das meninas que eram chamadas adiantavam-se para receber as roupas. Algumas casas receberam duas ou três peças de roupa. As pessoas gratas se prostravam diante do chefe da aldeia.

Ouvindo o homem anunciar o nome da irmã mais nova de Isaku, Kane, a mãe dele se adiantou, aceitou a roupa e a ergueu acima da cabeça em sinal de gratidão. Seus olhos brilhavam de gratidão, e um sorriso iluminava seu rosto.

Os cintos e meias foram entregues às mulheres mais idosas, algumas das quais sorriram embaraçadas ao receber algo tão esplêndido. A essa altura, a atmosfera de alegria havia contagiado todos os que se encontravam ali.

Quando a última peça de roupa foi entregue, o velho se curvou profundamente diante do chefe da aldeia antes de levantar.

— A apresentação dos presentes de *O-fune-sama* terminou. Estas são roupas verdadeiramente finas, portanto reservem-nas apenas para ocasiões festivas e celebrações. Tomem cuidado com elas para que possam ser passadas para as gerações que virão. E, lembrem-se, estas roupas são dos corpos encontrados em *O-fune-sama.* Certifiquem-se de que sejam muito bem lavadas.

Os moradores da aldeia se reuniram na sala, prostrando-se no chão em resposta às palavras do velho. Assim que as mulheres saíram da casa do chefe começaram a falar, animadas. Não demoraram a notar que as peças para adultos poderiam ser descosidas e transformadas em duas ou até três peças para uma menina pequena. Risadas surgiram entre as idosas quando uma delas passou um cinto ao redor de si mesma como se fosse uma tanga. Isaku avançou pela neve até sua casa, os olhos focalizados na mãe, pois a alegria no rosto dela era algo que não via fazia muito tempo.

Quando chegaram em casa, a mãe colocou a peça de roupa vermelha diante da placa ancestral da família e acendeu a pequena quantidade de óleo que havia colocado em um prato de madeira. Isokichi estava cortando lenha no chão de terra e Kane brincava perto dele, mas, quando a mãe apareceu, eles foram até a esteira de palha e sentaram-se diante da placa ancestral. Seguindo o exemplo da mãe, Isaku, o irmão e a irmã ergueram as mãos em prece. A pequena chama sobre o prato tremeluzia à medida que a noite caía. A mãe pegou arroz de um fardo aberto e começou a fazer sopa.

— No dia em que seu pai chegar vamos vestir você com esta bela roupa vermelha — disse ela a Kane enquanto a menina tomava a sopa de legumes.

Isaku foi mais uma vez lembrado de que o pai jamais saía dos pensamentos da mãe. Ele podia visualizar a cena na primavera seguinte quando os quatro componentes da família, com Kane toda vestida de vermelho, sairiam para receber o pai depois de seus três anos como servo. Na penumbra da casa, a roupa vermelha se destacava à luz fraca do pratinho, mas parecia um tanto deslocada. Na verdade, todo o interior da casa parecia brilhar apenas com aquela luzinha.

Na manhã seguinte, quando acordaram, o mar estava calmo, e Isaku e Isokichi se prepararam para ir pescar. A mãe já estava lavando a roupa vermelha no regato atrás da casa. Parecia que as outras mulheres estavam fazendo o mesmo, porque Isaku podia ouvir-lhes as vozes animadas.

Ele empurrou o barco e lançou uma linha pela beirada assim que chegou perto do recife. Isokichi chamou-o e fez um sinal com a cabeça na direção da praia. Isaku não pôde deixar de sorrir diante da visão das roupas vermelhas penduradas para secar por toda a aldeia. Os objetos que balançavam eram os cintos, e as peças menores que pareciam cerejas vermelhas numa árvore deviam ser as meias. Com a encosta coberta de neve como fundo para a vila, era uma vista muito bela.

Quando retornaram, no final da tarde, o vermelho brilhante tinha desaparecido. Isaku colocou o remo no ombro e seguiu para casa com Isokichi.

A roupa vermelha tinha sido pendurada na parede. Com as manchas agora removidas, o vermelho parecia ainda mais vivo, e o material tinha um brilho próprio. O velho havia dito que as roupas deviam ser guardadas com muito cuidado para que fossem passadas para as gerações futuras, e eram mesmo tão preciosas que era pouco provável que a aldeia voltasse a ver algo tão maravilhoso assim outra vez. Isokichi também ficou parado por algum tempo na frente da roupa, com os olhos brilhando, maravilhado.

Capítulo 8

A aldeia continuava coberta por uma espessa camada de neve, mas o auge do inverno já havia passado. As estalactites de gelo penduradas nas beiradas dos telhados pareciam derreter de um dia para o outro, e uma bruma opaca formou-se acima do regato que corria perto da casa de Isaku. Com a chegada de fevereiro, o granizo substituiu a neve.

Segundo a mãe de Isaku, algumas famílias já haviam cortado as roupas vermelhas, acertando o tecido para o tamanho das filhas e começado a coser as novas criações. A mãe podia sempre ser vista olhando com atenção para a filha Kane e para a roupa pendurada num gancho na parede, comparando os tamanhos de ambas.

O mar se manteve calmo durante vários dias seguidos, e a temperatura do ar já não era tão fria. A mãe de Isaku descosturou com cuidado a roupa vermelha e cortou o pano para ficar na medida dos braços e do corpo de Kane. Então colocou as peças sobre a filha antes de costurá-las.

Os primeiros sinais da primavera surgiram mais cedo que o esperado, e a neve que cobria a aldeia começou a derreter. Grandes rachaduras surgiram na neve sobre os telhados, e os blocos iam escorregando ruidosamente para o chão. O chefe da aldeia ordenou que fosse interrompida a extração de sal na praia.

Quando Isaku voltou para casa da pescaria na noite seguinte, sua mãe disse que a filha do seu primo Takichi estava com febre alta e sem dúvida se encontrava em estado grave. Nascida em janeiro do ano anterior, a menina crescia e se desenvolvia numa velocidade espantosa, o que sem dúvida era de se esperar de alguém que tivesse uma mãe forte e saudável como Kura. Recordando a imagem da menininha cheia de energia brincando na areia, enquanto a mãe pegava mariscos e algas, era difícil imaginá-la doente.

— Às vezes as gripes mais perigosas atacam quando a neve está derretendo. Só porque a temperatura esquenta um pouco não quer

dizer que possamos sair com roupas leves — disse a mãe, enquanto verificava se a sopa já estava fervendo.

Morte súbita não era incomum entre as crianças da aldeia, e dizia-se que os pais não podiam relaxar até os filhos alcançarem o seu quinto Ano-Novo. Grande parte das mortes ocorria durante o inverno, e os ventos frios eram considerados um dos fatores causadores de muitas das doenças respiratórias. A filhinha de Takichi estava sempre na praia com Kura, portanto era possível que tivesse sido lá que ela tivesse contraído a doença.

No dia seguinte o mar estava bravo e, em vez de sair com o barco, Isaku atravessou o trecho coberto de neve e foi para a floresta atrás da aldeia; estava à procura de árvores tombadas que pudesse arrastar até a casa e cortar para fazer lenha. Isokichi o ajudou, mas queixou-se de estar se sentindo cansado e parava a todo instante para recuperar as forças.

Mesmo com o cair da noite a ventania não deu sinais de abrandar e as casas foram envolvidas pelo som das ondas colidindo com as pedras.

Isaku acordou logo antes do nascer do dia. Virou-se para o outro lado e se ajeitou para continuar dormindo, mas notou que a coberta estava sendo movida. Pensou que devia ser o vento, mas então ouviu um gemido, e tirou a cabeça de debaixo da coberta para olhar.

À luz difusa do fogo, Isaku mal conseguiu discernir o rosto de Isokichi, que estava deitado de lado enquanto dormia. Isokichi estava com os olhos fechados, mas a coberta de palha em cima dele estava se movendo. Isaku percebeu que o irmão contraía as mandíbulas, e por fim percebeu que tinha sido o movimento da coberta de Isokichi que movera a sua.

— Iso, qual é o problema? — perguntou Isaku, olhando para o irmão.

— Está frio — disse Isokichi, abrindo os olhos. A voz dele estava trêmula e fraca.

— Não está tão frio. O que houve? — Isaku ajeitou a coberta do irmão, tocando o ombro dele ao fazer o movimento. Sentiu-lhe a pele anormalmente quente e levou a mão à testa de Isokichi.

— Você está com febre.

— Não consigo parar de tremer... e estou com uma dor de cabeça terrível — disse Isokichi, contraindo os músculos do rosto.

Isaku saiu da cama e colocou mais lenha no fogo.

— O que foi? — perguntou a mãe, sentando-se.

Isaku contou que Isokichi estava com febre e dor de cabeça.

— Eu também estou febril. Parece que também peguei a gripe. Ferva um pouco de água, vou fazer chá de ervas — disse ela, levantando-se e cobrindo os ombros com uma manta antes de se aproximar de Isokichi. Isaku curvou-se sobre o balde, quebrando a fina camada de gelo para poder pegar um pouco de água, em seguida colocou-a em uma panela que pôs sobre o fogo. A mãe molhou um pano na água gelada e o colocou na testa de Isokichi.

O vapor começou a sair da panela. A mãe foi até o chão de terra para pegar folhas secas de *shiso,* guardadas penduradas na parede. Ela as colocou na água quente e observou-as se espalhar e depois subir e descer quando a água ferveu. Isaku manteve o fogo aceso, mas seu olhar estava atento ao irmão.

Depois de algum tempo, a mãe usou a concha para servir um pouco da infusão em uma cuia, fez Isokichi se sentar e o forçou a beber. O garoto tremia tanto que quase derrubou o conteúdo da cuia, mas, com uma careta, tomou tudo e voltou a se deitar.

A mãe abriu uma ameixa em conserva e a esfregou dos lados da testa dele.

— Isto vai acabar com sua febre até o nascer do sol — disse ela antes de beber um pouco do chá também.

Isaku afastou-se do fogo e voltou a se deitar. Tremendo, encolheu as pernas sob a coberta, mas a cama tinha perdido o calor. Ele olhou para as chamas do fogo e logo estava dormindo outra vez.

Isaku acordou com o som de choro. A mãe estava sentada ao lado de Kane, que chorava com a voz rascante, seca. A primeira luz da aurora entrava na casa.

As cobertas de palha tinham parado de se mover. Isaku olhou para o irmão mais novo. Isokichi estava deitado, com dificuldade para respirar e com a boca entreaberta. Isaku tocou a testa dele.

Estava ardendo em febre. Isokichi mantinha os olhos fechados, mas não parecia estar dormindo.

Isaku se levantou e foi até o fogo aquecer as mãos.

— Kane não está bem, não é? — perguntou ele para a mãe.

— Ela está com muita febre. Mas é a dor de cabeça que a faz chorar — disse ela, ainda de costas para ele.

Isaku se levantou e olhou por cima do ombro da mãe para a irmã. O rosto dela estava vermelho e ela soluçava. Não era incomum que uma gripe se espalhasse rapidamente entre as casas da aldeia no final do inverno, em alguns casos deixando todos os membros da família de cama. Mas normalmente dois ou três dias de repouso e chá de ervas levavam à completa recuperação.

Isaku foi para o chão de terra e pegou mais lenha para o fogo. Então, continuando a rotina matinal, ele saiu e olhou para o mar e para o céu. Não havia mais vento, e as estrelas estavam sumindo na direção do horizonte que mal se podia discernir. O mar encontrava-se muito mais calmo, e o brilho branco da espuma era tudo que podia ser visto das ondas que quebravam contra a costa.

— Como está o mar? — perguntou a mãe de Isaku, colocando uma panela no fogo.

— Bem mais calmo, mas com Isokichi e Kane doentes...

— Você está dizendo que não vai sair? Deixe os dois comigo. Para que serve um pescador que não vai pescar? — disparou a mãe, irritada porque as duas crianças estavam doentes.

Isaku começou a se preparar para sair com o barco.

Naquele dia ele pescou sozinho pela primeira vez em muito tempo. Movendo o remo com uma das mãos, ele cuidava da linha com a outra. Havia tentado imitar os pescadores adultos e mover o remo com os pés, mas sua baixa estatura tornava a empreitada difícil.

Por volta do meio-dia Isaku comeu uma das espigas de milho miúdo que trouxe embrulhada em algas marinhas. Reconheceu uma nuvem de pó de neve se erguendo no ar nas montanhas por trás da vila, uma indicação de que as avalanches tinham começado. Grande parte da neve já havia caído dos telhados das casas da aldeia. Ele pensou que talvez naquele ano os cardumes de sardinha

que sempre acompanhavam a primavera talvez aparecessem mais cedo que de costume.

Ouvindo uma voz atrás de si, Isaku virou-se e viu o barco de Sahei se aproximando. Ele embrulhou a espiga na alga novamente.

Sahei parou o barco do lado do de Isaku e disse:

— Alguém da sua família pegou a febre?

— Sim, Isokichi e Kane estão doentes, e minha mãe também não está se sentindo bem.

— Foi o que pensei — disse Sahei, abatido.

— Algo errado? — disse Isaku, olhando inquiridor para Sahei.

— Parece que tem muita gente com esta febre. Minha irmã pegou também. Você não notou como há poucos barcos no mar hoje? Só pode significar que ou o pescador está doente ou alguém da família.

Isaku olhou ao redor enquanto Sahei falava. Ele tinha imaginado que as ondas avantajadas fossem o motivo de poucos barcos terem saído... mas era verdade que em um dia normal haveria mais barcos ali fora na água em um mar como aquele.

— Não há muitos aqui fora, é verdade. É uma gripe terrível — disse Isaku, meio que sussurrando.

— Você está bem? — perguntou Sahei, olhando ao redor também.

— Eu estou.

— Bem, vamos nos cuidar para não pegar a gripe. Aquele vento que vem do mar pode mesmo deixá-lo doente. Assim que o sol se põe o vento é frio como gelo. É melhor voltar antes, com certeza — disse Sahei, pegando o remo e se afastando dali.

Isaku pensou em como o amigo tinha demonstrado consideração enquanto observava o espaço entre os dois barcos aumentar. Sahei podia ter um lado obstinado, mas com o tempo ele estava ficando mais calmo, e sua atitude em relação a Isaku refletia o sentimento de irmandade compartilhada por todos os homens que trabalhavam no mar. Ainda há muito a aprender de Sahei, pensou Isaku.

Ele terminou de comer e voltou a pescar.

Quando o sol começou a descer, ele virou a proa do pequeno barco para a terra. Em parte por causa do conselho de Sahei, mas também porque queria voltar para casa rapidamente para ver como todos estavam. Não havia viva alma na praia recolhendo mariscos

ou algas marinhas, um assustador lembrete do comentário de Sahei de que muitos tinham adoecido.

Ele puxou o barco para a praia e foi para casa, o remo em um ombro e o cesto com os peixes no outro. Sua sombra longa moveu-se pela areia, subindo a trilha.

Quando entrou em casa, olhou para o meio da sala e ficou surpreso ao ver a mãe deitada também.

— Você está bem? — perguntou Isaku.

— Estou ardendo... e sinto muito frio. Não consigo ficar em pé — disse ela, com os olhos entreabertos.

Isaku pensou que era muito bom que tivesse voltado antes, não só para cuidar de sua família doente, mas para fazer o trabalho de casa. Ele foi até o fundo da casa e encheu um balde com água do riacho, adicionando um pouco de neve nela para garantir que estivesse fria. Quando voltou para dentro, colocou pedaços de pano na água, espremeu-os e colocou um na testa da mãe, outro na de Isokichi e outro na de Kane. Ele ferveu um pouco de chá de ervas, colocou uma boa medida de arroz em uma panela e preparou uma sopa. Tinha ouvido dizer que o arroz era bom para curar doenças, portanto não era hora de ser econômico com o estoque.

Tanto Isokichi quanto Kane reclamavam de dor de cabeça, e a menininha continuava chorando com a voz rascante. Os pedaços de pano logo ficaram aquecidos, por isso Isaku os colocava de volta na água gelada a cada poucos minutos.

Durante a noite ele acordou várias vezes para cuidar dos outros. A mãe respirava com dificuldade. No dia seguinte a febre deles estava ainda pior, e começaram a reclamar de dor nas costas. A mãe parecia particularmente incomodada, mexendo com a mão nas costas e cerrando os dentes. Isaku ficou em casa, não saiu para o mar com seu barco.

Logo depois do meio-dia, sem aviso, o velho apareceu à porta deles acompanhado de dois outros homens. Ele franziu o cenho ao ver a mãe de Isaku deitada na cama.

Isaku desceu para o chão de terra e se ajoelhou diante do velho.

— Então sua família está doente também? Quando a febre começou? — perguntou ele, olhando a mãe de Isaku.

— Ontem pela manhã em meu irmão e irmã, e ontem à tarde em minha mãe.

— E você está bem, pelo que vejo.

Isaku respondeu que estava bem.

— É uma gripe terrível. O chefe está com febre também. Um exorcismo dos demônios que causam esta aflição está sendo realizado na casa do chefe, por isso não deixe de acender uma luz em oferenda diante da placa ancestral de sua família.

A mensagem estava bem ensaiada, como se o velho estivesse fazendo o mesmo anúncio em todas as casas. Depois de olhar mais uma vez para os parentes doentes de Isaku, ele se afastou, seguido pelos dois homens.

Isaku voltou para a parte da casa coberta pelas esteiras de palha e acendeu uma luz diante da placa ancestral. Com base no que o velho havia dito, muitos moradores da aldeia estavam com gripe. Mesmo assim, Isaku nunca teria imaginado que isso pudesse acontecer também com o chefe da aldeia.

O som da água correndo no riacho tinha aumentado nos últimos dias. Viam-se por todos os lados sinais da primavera e, sem dúvida, pensou Isaku, com ela viria o fim da praga que atingia a aldeia.

Mas no dia seguinte a febre de sua mãe aumentou e ela começou a gemer de dor. A dor nas costas estava mais intensa, e ela implorava que Isaku fizesse alguma coisa para aliviá-la. Para alguém de índole tão forte quanto sua mãe chegar a esse ponto, era porque devia estar mesmo em agonia. Isaku se ocupou providenciando panos molhados e chá de ervas para eles todo o tempo.

Se fora efeito do chá ou se o próprio organismo deles havia superado a crise, Isaku não saberia dizer, mas o fato é que na manhã seguinte Isokichi, Kane e a mãe pareciam estar com menos febre. A dor de cabeça e nas costas diminuíra, e os três pararam de gemer. Pareciam completamente exaustos, mas aliviados.

Apesar de Isaku ter ficado alegre com a aparente melhora da mãe e dos irmãos, ele notou que nos rostos inchados dos três surgiram o que pareciam ser bolhas de calor. Os pequenos pontos foram ficando vermelhos, e à tarde se tinham espalhado pelo peito, costas, braços e pernas.

Quando Isaku acordou no dia seguinte, ficou chocado com a visão do rosto deles. Percebendo que a mudança em Isokichi e em Kane estava ocorrendo nela também, a mãe inclinou o rosto para um lado e passou os dedos pela face.

— Talvez estas manchas sejam causadas pela febre — disse ela em tom cético, olhando para Isokichi e Kane.

Foi o primeiro dia depois de um longo tempo que eles perceberam o som do vento forte e o troar das ondas quebrando na costa.

Isaku não tinha idéia de por que aquelas manchas haviam aparecido nos três. Ele sabia que a gripe podia causar todo tipo de sintoma e deduziu que as manchas também deviam ser conseqüência da gripe. Quando a erupção começou a diminuir de ritmo, Isaku presumiu tratar-se de um sinal de recuperação. Com a febre também mais baixa, os três conseguiram se sentar para comer a refeição do meio-dia que Isaku preparara. Mas estava claro que aqueles dias de doença tinham cobrado seu preço. Até o ato de se sentar era doloroso, e no momento em que baixavam as cuias, eles se recostavam e fechavam os olhos. Isaku olhou para o rosto da mãe quando ela começou a respirar ruidosamente. Notou então que as bolhas haviam inchado mais e que pareciam conter uma espécie de substância líquida. O mesmo ocorrera em Isokichi e em Kane.

A esteira de palha da entrada da casa moveu-se levemente. Isaku foi para a parte da casa com chão de terra e ao chegar à porta viu-se diante do servo do chefe da aldeia.

— Ouvi dizer que alguns da sua família estão doentes. Eles estão com furúnculos no rosto? — perguntou ele.

— Eles não estão com o que você chama de furúnculos, mas sim com uma espécie de bolhas...

— Então é isso. De qualquer forma, venha agora mesmo para a praia. Nosso reverenciado ancião tem algo importante para dizer — avisou o servo em tom apressado antes de correr até a casa do lado.

Ao apagar o fogo, Isaku julgou que, pelo que o servo do chefe havia dito, sua família não era a única que enfrentava o mesmo problema. Se muitas pessoas da aldeia estivessem com a doença ao mesmo tempo, e se todas estivessem com aquelas manchas na pele, então a doença tinha obviamente se espalhado muito

depressa e devia ser extremamente contagiosa. Isaku pensou que o motivo de reunir as pessoas que permaneciam saudáveis na praia só poderia ser para orientá-las sobre a melhor maneira de tratar os doentes.

Isaku calçou os sapatos e saiu. O vento estava forte, mas ele não sentiu frio. Trechos de terra começavam a aparecer em alguns pontos da trilha, em meio à neve. Um grupo de homens e mulheres estava sentado ao redor da pequena cabana perto dos caldeirões de sal na praia, com o velho no centro. Isaku se ajoelhou e se curvou profundamente diante do velho.

Isaku notou um ancião parado ao lado do velho. O nome do ancião era Jinbei; Isaku lembrava-se de tê-lo visto anos atrás, caminhando com a ajuda de um cajado. A saúde do ancião tinha deteriorado, e evidentemente ele estivera preso à cama desde a última vez que Isaku o vira. Durante muitos anos ele havia trabalhado como o braço direito do chefe da aldeia, mas a idade avançada acabara forçando-o a entregar a posição ao velho. Agora ele era um homem frágil, com o cabelo branco bem ralo, com não mais que alguns fios, a boca sem nenhum dente. Isaku não conseguia compreender por que o velho Jinbei tinha sido levado ali para a praia com eles.

Sentindo que havia algo extraordinário ocorrendo por causa da presença de Jinbei, os moradores da aldeia estavam sentados com expressão tensa.

— Parece que estão todos aqui. Isto é importante, por isso escutem com atenção. Jinbei está dizendo que a doença que atacou a aldeia pode não ser uma gripe. Que é uma praga bem mais séria. Jinbei está tão preocupado que apesar dos problemas dele ele foi nos procurar para conversar — disse o velho em um tom grave, curvando a cabeça para Jinbei.

Com isso, Jinbei tentou se levantar, e dois homens jovens se adiantaram para colocá-lo de pé. Os olhos afundados se abriram muito quando ele ficou ali parado e tremendo.

— Quando fui para a aldeia vizinha há muito tempo, quando era jovem, fiquei em um lugar onde conheci um homem que vinha de muito longe. Perguntei a ele como ele havia adquirido as terríveis marcas que tinha no rosto, e ele me disse que eram conseqüência

da varíola. Ele disse que a varíola é muito contagiosa e que, depois da febre alta, aparecem bexigas por todo o corpo. A doença enlouquece algumas pessoas. E mesmo que se sobreviva à doença, o corpo fica coberto pelas cicatrizes das bexigas. Pareceu-me algo tão terrível que nunca me esqueci das palavras dele.

O simples ato de falar deixou Jinbei ofegante.

Isaku tremeu de medo, mas raciocinou que não devia se tratar da mesma doença. Apesar das manchas espalhadas pelo corpo de sua mãe e de seus irmãos, a febre tinha cedido e eles pareciam ter superado a crise. Já mostravam o que pareciam ser os primeiros sinais de recuperação, portanto era improvável que um deles pudesse enlouquecer ou morrer.

— Perguntei ao homem se existia algum remédio para curar a doença, e ele disse que não. Disse que a única coisa que se podia fazer era rezar e usar alguma peça de roupa vermelha. Quando ouvi dizer que os tripulantes em *O-fune-sama* estavam vestidos de vermelho, não pensei na varíola, mas quando alguém disse que havia uma máscara vermelha de macaco no barco, fiquei apreensivo. A varíola é uma doença que é transmitida de pessoa para pessoa, então talvez a máscara de macaco tivesse sido usada como proteção. Acho que o fato de homens a bordo estarem usando roupas vermelhas prova que tinham varíola. A idéia me assusta — disse Jinbei com voz penetrante, deixando-se então cair no chão.

Os moradores da aldeia permaneceram imóveis, sentados na areia. Isaku lembrava-se da máscara de macaco. Era natural que as faces de um macaco fossem pintadas de vermelho, mas era de fato estranho que os olhos e o resto da cabeça também fossem vermelhos. Talvez servisse mesmo para afastar a doença, como Jinbei sugerira.

O velho se levantou e ficou em silêncio por algum tempo antes de falar em tom grave:

— Se Jinbei está certo, então aquele navio não era *O-fune-sama.* Talvez tenha havido um surto desta praga chamada varíola em alguma aldeia ou cidade, e eles decidiram colocar todos os doentes em um barco e mandá-los para o mar para impedir que a doença se propagasse. As pessoas a bordo morreram enquanto o barco derivava pelo mar, e ele acabou batendo nos recifes aqui na frente.

É possível que o contato com as roupas contaminadas tenha infectado alguns de nós, e a doença esteja se espalhando pelo nosso povo. Nosso chefe perguntou se não havia perigo em usarmos as roupas dos homens doentes, mas fui eu quem disse que não havia motivo para preocupação. Se isto for mesmo varíola e não gripe, então eu sou o culpado de tudo — disse o velho em agonia.

Um silêncio doloroso espalhou-se pelo grupo na praia.

— O que devemos fazer? — perguntou um dos homens em tom baixo.

Nenhum dos dois velhos disse nada, ambos evitando o olhar um do outro.

Isaku observava atentamente a mãe e os irmãos, à espera de notar alguma mudança nos sintomas da doença que os afetara. Naquele dia e no dia seguinte a febre continuava a baixar, mas as manchas aumentaram em número, espalhando-se até cobrir os braços, pernas, pescoço, peito e costas. A mãe de Isaku e as duas crianças doentes pareciam desatentas e não tinham apetite. Se a mãe estava ou não contando com a ajuda de Isaku para cuidar das tarefas de casa ele não sabia, mas mesmo nos dias em que o mar estava calmo ela não lhe dizia para ir para a água. Isaku se ocupou fazendo chá para eles e limpando-lhes o suor.

Quando o sol começou a se pôr no oeste, a esteira de palha que cobria a entrada da casa se abriu um pouco para revelar o servo do chefe da aldeia olhando para dentro. O homem chamou Isaku, que foi para o chão de terra e saiu. O velho também estava ali, junto com dois outros homens.

O velho perguntou ansioso como estava a família de Isaku. Isaku contou que a febre tinha cedido, que achava que estavam melhorando.

— E quanto às manchas? — perguntou o velho, estudando intensamente a expressão de Isaku.

— Aumentaram. Estão piores no rosto. Há manchas na boca, no nariz e até dentro das orelhas.

O velho assentiu. O olhar sombrio em seu rosto era uma indicação de que os outros na aldeia apresentavam os mesmos sintomas.

— Eu queria perguntar, se a doença é contagiosa, eu vou ficar doente também por estar cuidando deles? A febre deles já baixou, por isso não vejo como esta possa ser a doença horrível que o senhor descreveu.

Isaku achou que a expressão grave do velho parecia exagerada.

— Jinbei disse que em todas as doenças horríveis uma em cada três pessoas morre, uma sobrevive e uma não fica doente. Ele disse que, se a humanidade não é destruída pela doença, é por causa da benevolência dos deuses. Se for o caso, então não há nada de estranho no fato de você ou eu não termos ficado doentes — disse o velho, com voz fraca.

Quando os outros homens começaram a afastar-se, ele recuou pela trilha que cortava a aldeia. Isaku entrou novamente em casa e sentou-se junto do fogo. Kane estava agitada, mas a mãe dormia profundamente. Isaku não tinha idéia de em que condições se encontravam os outros doentes da aldeia, mas pelo menos sua família parecia estar finalmente a caminho da recuperação.

Isaku foi para o chão de terra começar a preparar a refeição da noite.

Nos dois dias seguintes a febre dos três continuou a baixar, mas na tarde do terceiro dia Isaku ficou desesperado com o pensamento de que o que o velho havia dito pudesse ser verdade. A febre voltou a subir, e as manchas ficaram muito mais densas na pele.

Kane vomitou várias vezes, gemendo e chorando entre cada acesso. A mãe e Isokichi gemiam de agonia com novos ataques de dor de cabeça e nas costas e, quando Isaku tocou a testa deles, recuou assustado com a alta temperatura.

Na manhã seguinte ele ficou horrorizado ao ver o rosto da mãe e dos irmãos à luz do sol que penetrava na casa. As manchas tinham ficado amarelas e pareciam ter supurado todas ao mesmo tempo, deixando uma massa de pus escorrendo-lhes pelo rosto. Os olhos estavam bloqueados pelo pus, mas, sem forças para removê-lo, os três limitavam-se a permanecer deitados, ofegando, fazendo força para respirar.

Isaku por fim compreendeu que aquilo não era uma doença comum e que só podia ser a praga chamada varíola que Jinbei tinha descrito. Mas a ele parecia mais que, em vez de terem contraído uma doença, eles tinham sido amaldiçoados. A própria palavra “varíola” parecia conter algo de lúgubre.

A mãe e Isokichi gemiam desesperadamente enquanto Kane chorava e soluçava, entre os violentos espasmos musculares. O chá de ervas obviamente não estava fazendo efeito, e Isaku não tinha idéia de como devia tratá-los.

Tomado pelo pânico, ele saiu de casa e correu até a praia. Talvez o velho estivesse realizando uma reunião ali; mas não havia ninguém à vista, portanto ele se dirigiu apressado para a casa do chefe da aldeia, esperando obter conselhos sobre como cuidar de sua família.

Enquanto subia a encosta, Isaku viu um grupo de pessoas paradas ao lado da casa, todas elas mortalmente pálidas.

— O rosto deles está cheio de pus! — gritou Isaku ao chegar perto do grupo.

— Está acontecendo o mesmo com minha família. Todos os doentes estão cobertos de pus — disse um homem de meia-idade com a voz trêmula.

O velho saiu da casa do chefe da aldeia. O rosto com o bigode branco parecia encovado, e os olhos estavam injetados. Ele olhou ao redor para as pessoas que se encontravam ali e disse com voz fraca:

— Jinbei estava certo. Só pode ser varíola. Os olhos do chefe também estão bloqueados pelo pus.

— O que podemos fazer por eles? — perguntou um homem, implorando.

— Não podemos fazer nada exceto orar — disse ele, a cabeça baixa ao se afastar e descer a encosta com passos inseguros.

A aldeia estava em grande confusão. Os sintomas da maioria das pessoas doentes eram mais ou menos os mesmos e, segundo os relatos, várias delas estavam perdendo a razão. Kane estava claramente insana, a todo instante se sentando na cama e chorando com uma voz esganiçada, produzindo um som estranhamente

intermediário entre o riso e o choro. Após cada acesso, Isaku a deitava novamente na cama de palha.

Na manhã seguinte, ele ouviu dizer que várias pessoas tinham morrido durante a noite. O estado de Kane foi piorando e, depois de uma série de violentos ataques, ela finalmente se aquietou para sempre, por volta do meio-dia. A mãe e Isokichi tinham perdido a consciência, por isso não perceberam o que acontecera.

No dia seguinte o velho deixou um bilhete em casa e então saltou para a morte dos penhascos, perto da Ponta do Corvo. As ondas esmagaram seu corpo contra as pedras várias vezes, esmigalhando-lhe a cabeça. O bilhete era endereçado ao chefe da aldeia. Ele registrava o pedido das mais profundas desculpas por ter trazido aquela doença terrível para a aldeia, com sua declaração de que as roupas manchadas de pus eram seguras, e explicava que tinha decidido pôr um fim à sua própria vida para compensar esse erro.

O filho do velho foi encarregado de recolher o corpo e levá-lo para o alto-mar. O suicídio era considerado um ato pecaminoso, por isso era costume o corpo do morto ser jogado no mar em vez de receber um jazigo honroso em terra.

Com a morte do velho, a confusão na aldeia aumentou ainda mais. O número de mortes cresceu dramaticamente, e sem orientação sobre o que fazer com os corpos, os membros sobreviventes das famílias não podiam fazer mais do que acender uma luz para os deuses e rezar diante do altar da família. Não havia condições de fabricar caixões em número suficiente, e os corpos passaram a ser deixados nas casas.

Até que, depois de algum tempo, seguindo instruções de Jinbei, dois homens passaram por todas as casas e disseram às pessoas o que fazer com os corpos. Como não havia gente saudável suficiente para carregar todos os mortos até o crematório, eles disseram que no dia seguinte os corpos deveriam ser queimados na praia e os ossos levados para o enterro no outro dia.

Isaku enrolou o corpo de Kane em uma esteira de palha e o carregou para fora. Não havia nenhuma alteração no estado da mãe ou de Isokichi; os dois continuavam inconscientes, a respiração ofegante, difícil.

Isaku fez uma pira funerária cruzando pedaços de madeira e colocou o corpo de Kane em cima. Ele trabalhou com cavacos até que pegassem fogo e a madeira começasse a queimar. A esteira de palha logo foi consumida, expondo o rosto da irmã engolfado pelas chamas; não vieram lágrimas aos olhos de Isaku. Ao redor dele havia pequenos grupos de gente da aldeia cuidando de suas próprias piras flamejantes. Todos queriam queimar logo a virulência abrigada aos corpos daqueles que amavam, e todos pareciam ter esquecido a tristeza de ter perdido um membro da família.

Assim como havia muitos bebês e crianças entre os mortos, havia também um grande número de homens e mulheres, jovens e idosos. Isaku alimentou o fogo com madeira e usou um bambu para cutucar o corpo de Kane para ter certeza de que as chamas estavam queimando tudo.

Ao pôr-do-sol Isaku recolheu os ossos e os colocou numa tina de madeira. Não havia mais quase nada grudado neles.

Quando chegou em casa, ele colocou a tina diante da placa ancestral e começou a grelhar um peixe no fogo. Chamou a mãe e Isokichi, dizendo que precisavam comer, mas os dois só ficaram ali ofegando, incapazes de dizer qualquer coisa em resposta. A boca e o nariz de ambos estavam cheios de pus seco.

Naquela noite, uma chuva forte desabou sobre a aldeia. A água parou de cair pela manhã, mas a casa de Isaku rangia com a força do vento.

Isaku passou o tempo cuidando da mãe e de Isokichi. Os braços, pernas e rostos incharam ainda mais, e mais pus saía de debaixo daquele que já estava seco sobre a pele, a qual ficara invisível sob a massa purulenta. Era como se eles estivessem usando máscaras.

Os mensageiros de Jinbei apareceram outra vez, dessa vez dizendo que a recuperação começaria quando as cascas dos ferimentos caíssem naturalmente, e que não deviam ser removidas antes. Isaku fez o possível para alimentar a mãe e Isokichi, colocando sopa na boca deles através do espaço entre os lábios cobertos de feridas.

Dia após dia, mais corpos eram queimados na praia. Incomodado, Isaku foi até a praia ajudar a carregar lenha. Parecia que o chefe da aldeia ainda estava vivo, mas em estado grave.

O clima ficou mais quente e sereno, a névoa subindo do mar com mais freqüência. A neve desapareceu das encostas atrás da aldeia e os únicos traços do inverno que ficaram foram as faixas brancas brilhantes nas encostas distantes.

A praia estava coberta com os restos negros de carvão das piras funerárias, algumas ainda queimando. O número de corpos queimados estava diminuindo, uma indicação de que a pestilência estava retrocedendo.

Quando Isaku acordou um dia, em março, ele notou que a casca de ferida que cobria o olho direito de sua mãe tinha secado e caído. O olho estava voltado na direção dele. As cascas que cobriam a boca se moveram e uma voz fraca saiu dos lábios ressequidos.

— Kane morreu, não é?

Isaku assentiu, dizendo:

— Muita gente morreu.

A mãe fechou os olhos sem dizer nada.

Naquela noite, tanto a mãe quanto Isokichi começaram a reclamar. A coceira sob as feridas não parava, e tendo de evitar se coçar para não piorar a condição em que se encontravam, tudo que podiam fazer para obter algum alívio era pressionar os dedos sobre a casca de pus seco.

No dia seguinte, apesar da coceira insuportável, a febre tinha diminuído bastante. Ao mesmo tempo, a massa seca que cobria seus braços e pernas começava a cair. Não saía mais pus de debaixo das cascas, e uma substância pálida e parecida com pó se espalhava sobre a pele.

Mais nenhuma pira funerária foi acesa na praia. A coceira que atormentava a mãe de Isaku e Isokichi aos poucos diminuiu, e as cascas no rosto se curvaram nas beiradas, prontas para cair. Isaku disse que era melhor deixar as cascas cair sozinhas, mas a mãe não podia mais suportar ter aquilo no rosto e começou a arrancá-las com o dedo. Nenhum efeito indesejável pareceu resultar disso, e logo eles até conseguiam comer novamente sem ajuda. As manchas na pele onde tinham estado as feridas encontravam-se estranhamente brancas, com uma depressão avermelhada marcando o ponto onde estivera a bolha.

Isaku por fim percebeu que a mãe e Isokichi tinham se recuperado, mas ele tremeu quando ouviu Isokichi dizer:

— Não consigo ver nada.

Elevações com formato de estrela cobriam as pupilas dos olhos dele.

A mãe e Isokichi saíram da cama e se sentaram junto do fogo, praticamente sem dizer palavra. À medida que os dias passavam, a cor vermelha do local onde estavam as bolhas foi diminuindo, mas as cicatrizes das bexigas permaneceram não só no rosto deles como também no pescoço, ombros, braços e pernas.

Relutando em deixar os ossos de Kane em casa, Isaku os colocou em um jarro e subiu a encosta até o crematório, onde os enterrou. Ao lado dele, uma mulher idosa usava uma enxada para cavar um buraco para enterrar duas pessoas da família.

Alguns dias depois todos os moradores da aldeia que não haviam sido infectados pela doença foram chamados para se reunir na praia. Isaku parou o que estava fazendo e foi direto para lá. Cerca de trinta homens e mulheres encontravam-se diante da pequena cabana usada por quem cuidava dos fogos nos caldeirões de sal. Ele viu como tinham sido poucas as pessoas que haviam escapado ilesas e percebeu como a aldeia havia sido dizimada pela doença.

Os olhos de Isaku percorreram os rostos no grupo. Sahei estava lá, mas não havia sinal de Tami.

O chefe da aldeia veio até a praia carregado por quatro homens em uma liteira. As bexigas que cobriam seu rosto serviam como um lembrete visual do que ele havia passado. Enquanto os moradores da aldeia se prostravam, Manbei, filho de Jinbei, avançou e se ajoelhou diante do chefe quando a liteira foi colocada na areia. Eles falaram em sussurros antes de Manbei assentir e virar-se para os outros.

— O comando de nosso reverenciado chefe é que eu assuma a posição de ancião da aldeia. Fomos atingidos por uma calamidade terrível, mas a praga já passou. O chefe decidiu o que devemos fazer. Aquelas famílias que ainda estão com os ossos dos seus parentes mortos em casa devem levá-los para o crematório e enterrá-los o mais depressa possível. Além disso, muitos de vocês vão passar o tempo todo cuidando de suas famílias, mas aqueles

que puderem devem sair para pescar e coletar mariscos na praia ou arar o solo. Agora vamos nos juntar ao chefe em uma prece ao mar.

Com isso, Manbei sentou-se ao lado do chefe da aldeia.

O chefe uniu as mãos em oração, e o grupo o imitou depois de todos se virarem para o mar. Isaku ouviu alguém soluçando e sentiu lágrimas se formando em seus olhos. A tristeza pela morte de Kane que não tinha sentido até então de súbito o invadiu. Seu coração se confrangeu por causa da irmãzinha quando ele pensou que os últimos momentos da vida dela foram passados se debatendo como um peixe no fundo de um barco.

Naquele dia, um grande número de pessoas da aldeia pôde ser visto subindo a trilha para o crematório, carregando caixas ou sacos com os ossos daqueles que amavam. Isaku viu o pai de Tami mancando na trilha, com uma caixa nos braços. A idéia de que a caixa poderia conter os ossos de Tami fez um arrepio percorrer a espinha de Isaku.

No dia seguinte o mar estava bravo, mas na outra manhã Isaku saiu com o barco pela primeira vez depois de um longo tempo. As marcas em forma de estrela nos olhos de Isokichi continuavam escuras e a cegueira não dava sinais de melhora. Mesmo cego, Isokichi poderia conseguir remar, mas levaria muito tempo até ele estar em condições de sair.

Logo as sardinhas começaram a morder, tanto, que assim que Isaku lançava o anzol na água ele já puxava a linha com um peixe capturado. Outros pescadores pareciam estar tendo o mesmo sucesso.

Eles grelharam o pescado do dia no fogo para a refeição da noite.

— Os pessegueiros provavelmente já estão começando a florir — sussurrou a mãe ao pegar uma sardinha para comer.

Isaku estudou a expressão da mãe. Lembrou-se de que não iria demorar muito para seu pai voltar. Nos três anos em que o pai ficara longe, tanto Teru quanto Kane tinham morrido, e agora Isokichi perdera a visão. O pai ficaria muito triste, por isso a mãe devia estar mais apreensiva do que feliz com a perspectiva de vê-lo outra vez. E, além de tudo, como esposa ela devia estar sem dúvida mortificada com a idéia de mostrar seu rosto todo marcado para o marido.

Isokichi ficava ali sentado com uma expressão de desespero no rosto, mas a mãe começou a trabalhar na casa. Quando saía, ela enrolava um pano ao redor das faces para esconder o rosto o quanto pudesse. As mulheres pelas quais Isaku passava na trilha agiam da mesma forma, usando ou um cachecol para esconder o rosto ou um chapéu de junco com a aba puxada bem para baixo.

Isaku viu várias mulheres na praia e notou que Tami estava entre elas. Ficou feliz e animado ao saber que ela havia sobrevivido. Ela usava um cachecol ao redor do rosto e também um chapéu de junco, prova de que o rosto dela devia estar coberto de bexigas.

Pouco a pouco, os nomes daqueles que haviam sido levados pela doença foram conhecidos. Na família do primo de Isaku, Takichi, a criança morrera e Takichi perdera a visão. Isaku viu o primo sendo conduzido pela mão por Kura, a aba do chapéu de palha puxada para baixo ao redor do rosto dela. A mãe de Isaku colocou algumas sardinhas secas em uma cesta de bambu e a levou à casa de Takichi.

Quando a lua começou a desaparecer perto do final do mês, um dia, depois do pôr-do-sol, o som dos sutras pontuado pelo soar de um sino pôde ser ouvido vindo da casa do chefe da aldeia. A princípio Isaku ficou chocado, imaginando que alguém na família do chefe devia ter morrido, talvez ele próprio, mas ao correr para lá ele viu o chefe e Manbei ajoelhados e orando. Jinbei também estava ali, sentado mais para o lado, apoiado em uma pilha de esteiras de palha.

Isaku presumiu que deviam estar orando para celebrar a vitória sobre os demônios que tinham trazido a doença para a aldeia, então voltou para casa e acendeu uma luz diante da placa ancestral da família.

Mas os sutras não pararam naquela noite. Eles continuaram por dias e dias, desde o amanhecer até tarde da noite. Parecia que Jinbei, Manbei e os outros anciãos estavam até mesmo dormindo na casa do chefe, tocando o sino e entoando os sutras durante todo o período em que se encontravam acordados.

Isaku pôs um punhado de arroz em uma cuia e a colocou na varanda da casa do chefe da aldeia, antes de se juntar aos homens que oravam. Havia algo de estranho na atmosfera da sala. O chefe

e seu grupo entoavam os sutras e tocavam o sino com determinação, e a expressão maníaca em seus olhos injetados fazia com que parecessem possuídos. E as vozes deles estavam roucas e cansadas.

Numa noite, quando a lua não era mais que uma faixa de luz com a forma de um anzol, uma mensagem foi transmitida dizendo que todos, exceto os aleijados e crianças muito pequenas, deviam se reunir diante da casa do chefe da aldeia. Isaku correu para lá, com uma tocha flamejante na mão, iluminando o caminho para a mãe, que conduzia Isokichi pela mão. Tochas emergiam das casas, convergindo na trilha que subia a encosta e terminava na casa do chefe. Uma vez reunidos, eles apagaram as tochas e se ajoelharam à luz tremeluzente dos tições colocados nos cantos do terreno junto da casa.

Isaku pensou que eles provavelmente iriam oferecer preces de gratidão pelo retorno da tranqüilidade à aldeia. Um ar de solene expectativa tomava os moradores quando se ajoelharam no chão. O chefe da aldeia apareceu vindo de dentro da casa e sentou-se na varanda. Ainda de joelhos, os habitantes da aldeia se curvaram até que suas cabeças quase tocassem o chão.

Isaku se endireitou e olhou para o rosto do chefe. A luz das tochas flamejantes revelava as feições do velho cobertas por bexigas horríveis.

Depois, Jinbei emergiu da casa, apoiado de um lado por Manbei e do outro por um auxiliar; eles praticamente o arrastaram até onde o chefe estava sentado. Os moradores fizeram uma nova e profunda reverência.

— Escutem com atenção o que tenho a dizer. A única coisa que pode ser feita com a varíola é o êxodo para as montanhas. Aqueles que foram atingidos pela doença não podem ficar entre nós na aldeia, eles têm de partir. Mesmo tendo sobrevivido, se ficarem aqui, o veneno que carregam no sangue pode um dia se reativar e infectar os sadios.

Jinbei começou a chorar. O corpo dele tremia enquanto lágrimas escorriam pelo rosto, brilhando à luz das tochas.

Isaku se retesou diante do anúncio de Jinbei, mas não conseguia compreender as palavras do velho. Jinbei ergueu a cabeça e falou

novamente.

— É uma dor terrível falar em exilar pessoas. Mas, se não o fizermos, o veneno vai permanecer na aldeia e os demônios da doença vão aparecer novamente para nos atacar. No final, todos vão morrer e a aldeia vai desaparecer. Pelo bem da aldeia, decidi que tinha de contar isto para nosso chefe. Estava com receio de falar sobre isso com nosso reverenciado chefe, já que ele também foi atingido pela doença e traz as marcas da praga no rosto. Mas o chefe não hesitou...

Com isso Jinbei emitiu um gemido e caiu no chão. Lágrimas escorriam pelo rosto de Manbei também, mas ele continuou do ponto onde o pai parara.

— Nosso chefe disse... deixar a aldeia ser exterminada seria um pecado sem perdão contra nossos ancestrais... e ele disse... ele irá para as montanhas — disse Manbei, tropeçando nas palavras.

Isaku congelou. Então ele percebeu que o entoar dos sutras e o badalar dos sinos na casa do chefe tinham sido parte das orações para prepará-lo para o êxodo para as montanhas.

Será que êxodo, pensou Isaku, significava passar o resto da vida longe da aldeia, lá em cima nas montanhas? Havia legumes nas montanhas para colher, e pássaros e animais para ser caçados como alimento, mas isto nunca seria o bastante para sobreviver, e a ameaça de morte pela fome estaria sempre pairando sobre eles. Deixar a aldeia para ir para as montanhas só poderia conduzir à morte.

Isaku foi tomado pelo pânico. Ele era o único na família que não tinha ficado doente e, como portadores do veneno da varíola, sua mãe e Isokichi agora teriam de partir. Os moradores da aldeia de súbito ficaram agitados. Alguns se entreolharam incrédulos; outros, ainda incapazes de compreender a situação, olhavam para o chefe da aldeia e Manbei de pé diante deles.

Isaku não conseguia olhar para a mãe e Isokichi ao seu lado. A simples idéia o aterrorizava.

O som de sussurros baixos ergueu-se dos moradores, crescendo em volume até tornar-se um clamor.

— Isto é horrível. Nós temos de deixá-los — diziam as vozes ao redor de Isaku, cheias de medo.

— Ancião reverenciado — a voz triste de um jovem se fez ouvir.

Manbei virou a cabeça lentamente na direção da voz.

— Aqueles que forem para as montanhas não poderão voltar, não é?

Manbei assentiu. O jovem por um instante não conseguia encontrar palavras, mas então falou de novo.

— Se eles forem para as montanhas, vão morrer de fome. Eles não podem ir para a aldeia vizinha ou para outras vilas distantes daqui?

— Não. Se a doença for levada para outra aldeia, a varíola atacará lá também. Nosso povo pegou a varíola das roupas vermelhas trazidas aqui pelo navio. Não podemos passá-la para outros fora da nossa aldeia — disse Manbei com firmeza, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Isaku não conseguia aceitar a idéia de se separar da mãe e de Isokichi e queria ir para as montanhas com eles. Soluços dos outros podiam ser ouvidos no meio da multidão.

Manbei falou novamente, a voz hesitante.

— Nosso reverenciado chefe leu os sutras para se preparar para partir. Agora que ele está pronto... para livrar a aldeia do veneno que há entre nós, ele deve partir o mais depressa possível e o fará ao amanhecer do próximo dia, na Hora do Tigre.

Os soluços cresceram de intensidade.

— Venham para a montanha comigo — disse o chefe com sua voz de criança antes de se levantar e entrar em casa. Os moradores se curvaram profundamente.

— Voltem para casa e se preparem para partir. Vocês têm até a Hora do Tigre para se despedir. Mas, lembrem-se, ninguém deve sair da aldeia para visitar os que partirem — disse Manbei, com a voz poderosa.

Os habitantes da aldeia se levantaram lentamente e foram se afastando, de cabeça baixa, seguindo pela trilha e descendo a encosta suave iluminada pela estreita faixa de lua, com o céu noturno salpicado de estrelas. O mar estava calmo, a faixa pálida da espuma das ondas se desdobrando na costa mal perceptível na escuridão da noite.

A mãe deles foi a primeira a entrar na casa, caminhando na frente dos filhos, conduzindo Isokichi pela mão. Ela acendeu o fogo e sentou Isokichi junto dele antes de se sentar diante da placa ancestral da família para rezar.

Soluçando, Isaku se deixou cair no chão de terra. Ele queria ir para as montanhas com a mãe e Isokichi, mas sabia que isso iria contra o decreto da aldeia. Ele pensou que preferia morrer do que se separar da mãe e de Isokichi.

— Isaku, não chore — ele ouviu a mãe dizer com a voz calma.

Isaku se sentou, a cabeça enterrada nas mãos.

A mãe desceu até o chão de terra, pegou um pouco de arroz de um fardo aberto e o colocou em um jarro.

— O chefe irá conosco. Vai ficar tudo bem. Teru está morta, e agora Kane também. Eu não quero estar aqui para ver seu pai retornar e se deparar com isto. E melhor assim. Sinto pena de Isokichi, que é tão novo, mas ele também carrega o veneno, portanto ele tem de aceitar — disse ela com uma voz que era pouco mais que um sussurro, enquanto colocava mais uma acha de lenha no fogo.

A Hora do Tigre não estava muito distante, pensou Isaku, e a mãe e Isokichi tinham de deixar a aldeia. Tratava-se de uma decisão irrevogável. A única coisa que restava a fazer era aproveitar da melhor forma possível o tempo que restava.

Ele se levantou, foi até o chão forrado com esteiras e sentou-se diante do fogo. Estendendo as mãos, ele pegou a mão de Isokichi. Não houve reação do irmão, que ficou ali sentado imóvel como uma estátua.

Os grãos de arroz saltavam na água quente, mas em pouco tempo eles também se aquietaram e o arroz estava pronto para ser consumido.

— Não vou poder cozinhar muito para ele, mas quero ajudar a cuidar do chefe da aldeia por um mês e tanto, se conseguir. E vou precisar de comida para fazer isso...

A mãe deu forma ao arroz cozido com as mãos e o embrulhou em algas marinhas. Então ela embrulhou também sardinhas secas em folhas de bambu e tirou cinco *shõ* de arroz do fardo aberto, que colocou em uma sacola de pano.

Isaku acompanhou com atenção os movimentos da mãe. Estranhamente, não havia nenhum traço de tristeza no rosto marcado pelas bexigas. Os olhos estavam claros e determinados, e havia até um indício de um sorriso satisfeito em seus lábios.

Ela pegou as roupas vermelhas no canto do chão de terra e saiu pela porta dos fundos. Isaku foi ver o que ela fazia. Ela acendeu uma fogueira colocou os panos em cima. As chamas se ergueram animadas.

As estrelas tinham mudado de posição no céu, e a lua estava se escondendo por trás das árvores. A Hora do Tigre estava chegando.

Dentro da casa, a mãe parou para fazer uma breve oração diante da placa ancestral antes de se ocupar com a preparação final para a partida. O saco de arroz foi colocado nas costas, e o arroz cozido embrulhado em algas marinhas foi amarrado com corda no quadro de carga de Isokichi, junto com o peixe embrulhado nas folhas de bambu. Acendendo uma tocha, ela pegou a mão de Isokichi.

— Seja bom para seu pai — disse ela para Isaku, os olhos brilhando pela primeira vez. Ela e Isokichi deixaram a casa.

Isaku olhou da porta os dois caminharem à luz das tochas que carregavam. Ele acompanhou as luzes que desciam a trilha da aldeia até que se tornaram indistinguíveis das outras que vinham do outro lado. O grupo foi se afastando na direção da casa do chefe da aldeia até sumir de vista por trás de uma grande pedra na lateral da trilha.

Isaku ficou esperando. Logo a fila de tochas reapareceu no começo da trilha que levava para as montanhas, começando a subir. Era uma fila longa, mas que diminuía à medida que as tochas iam sendo encobertas pela floresta, levando com ela não só sua mãe e Isokichi mas também Tami e seu primo Takichi.

Os primeiros indícios do dia que nascia apareceram no céu estrelado.

Isaku passou o dia seguinte sem saber o que fazer de si mesmo.

Vários dias depois Manbei apareceu na casa dele e lhe disse que devia ir pescar. Parecia que Manbei estava visitando a todos,

preocupado porque os moradores restantes na vila não estavam indo cuidar do trabalho.

A primeira vez em que Isaku colocou o barco na água foi no final de março. A chuva caíra sem parar por dois dias, mas tinha estiado e o céu estava de um azul muito claro, porém o vento soprava em rajadas, o que provocava ondas altas no mar. Isaku não encontrou sinais de sardinhas a ser pescadas, mas não se importava. Ele lançava automaticamente a linha por sobre a beirada enquanto conduzia o pequeno barco adiante. Às vezes avistava um brilho rápido e uma agitada massa prateada de escamas passava sob a superfície.

Isaku ouviu uma voz atrás de si e virou-se, para ver um homem chamando e apontando para a costa. Isaku olhou na direção que ele apontava.

Ficou boquiaberto e sentiu-se empertigar. Descendo pela trilha da montanha que levava ao passo ele avistou um homem; ele estava a ponto de desaparecer atrás das árvores que contornavam a trilha que descia a encosta. A julgar por seu andar e constituição, não havia dúvida de que se tratava de seu pai. Mais ninguém estava para chegar pela trilha da montanha naquela época do ano.

O homem reapareceu do outro lado das árvores. Caminhava com passos seguros, sem usar vara, e carregava um pequeno saco na mão.

Isaku sentiu um turbilhão de emoções. Sentia pena do pai que chegava em casa e não encontraria a mãe ali. Pensou no choque e na dor quando o pai soubesse que apenas Isaku tinha sobrevivido.

Por um momento, desejou levar o barco para o fundo do mar e deixar que a correnteza o levasse.

A força abandonou o corpo de Isaku e sua cabeça pareceu ficar vazia. Um gemido indescritível escapou de sua garganta. Ele pegou o remo e começou a conduzir o barco de volta para a praia.

Table of Contents

Folha de Rosto
Índice
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8